



PEKIN: — GRANDE RUA HATA-MENE-TA-KIÉ — Desenho de H. Clerget, segundo uma photographia do doutor Morache

## PEKIN E O NORTE DA CHINA

POR

M. T. CHOUTZÉ

(Continuação da folha 27 — 3.º anno)

SÃO PEQUENOS barretes de setim preto, azul ou amarelo, tendo na parte superior um laço de cordão vermelho ou azul, ou então chapéus de feltro molle negro ou cinzento, cujas abas teem um galão dourado e cuja parte posterior é um pouco levantada á Périnet Leclerc. No inverno os habitantes de Pekin usam o chapéu mongol, simples barrete cercado por duas tiras de pelles levantadas para cima, quando faz calor, ou que se fazem descer tapando as orelhas, quando faz frio.

O chinez ainda não comprehende como, fóra das ceremonias em que o uniforme é de rigor, alguém, como nós fazemos, se condemne a trazer constantemente um chapéu na cabeça. Com effeito, durante certas noites de verão, o trazer

um chapéu na cabeça não tem explicação plausível. Ás perguntas que a tal respeito me fizeram tive de responder que, consistindo a saudação occidental em tirar o chapéu, a primeira condição para saudar era ter chapéu. — «Lá para os francezes vá, replicou o meu interlocutor, mas os inglezes não teem o mesmo motivo, visto que nunca o tiram principalmente para comprimentar.» Segundo estes principios, ha uma estação na qual os chinezes não teem por chapéu senão o leque e o guarda-sol.

Os penteados das mulheres chinezas e tartaras —  
Como se pintam — As unhas

As regras da civilidade franceza impunham-me talvez o dever de fallar em primeiro logar das

mulheres e dos seus trajes, mas, se em ultimo logar as menciono, é para lhes dar o logar official que na China occupam.

E primeiro respondo a uma pergunta que muitas vezes me tem sido feita.

São bonitas as chinezas?—São bonitas, mas, como em toda a parte, ha-as tambem feias. A chineza bonita em toda a parte o seria. Nunca as encontrei formosas, e os seus encantos são relativamente de curta duração. O periodo intermediario, em que as europêas não teem a idade que apparentam, não existe para as chinezas. De jovens e frescas tornam-se sem transição velhas. E apesar d'isso casquilhas e pretenciosas, não se desarmam nem mesmo ante a decrepitude: princeza ou mendiga, a velha chineza enfeitar-se-ha com flores, em quanto as mãos o permittirem. Horror! a arte dos cabellos postiços não existe e as pobres nem ao menos teem o recurso da touca ou do chapéu. Mulher do templo ou mulher da rua, a mulher de Peking anda sempre com a cabeça descoberta. Os ritos e a moda assim o ordenam.

A mulher tartara de Peking usa umas calças identicas ás que já descrevi, quando tratei do vestuario dos homens. Apertam-se do mesmo modo com uma fita de côr brilhante sobre o calçado branco, azul, ou nankin. A camisa d'algodão ou de seda é tão curta como a dos homens; prende-se ao lado, e só desce abaixo dos quadrís duas ou tres pollegadas. Como os homens, as mulheres, como roupa branca, só usam o pequeno plastrão suspenso do pescoço por uma cadeia metallica e apertado ao tronco. Mas este plastrão, nas mulheres, é geralmente mais ou menos ricamente bordado. Em volta da cinta, prende-se um avental em pregas que constitue uma especie de saia; por cima, põe um vestido comprido sem feitiço de cinta, cobrindo os pés e apenas deixando vêr o bico do calçado.

O vestido comprido é aberto nos quatro lados e ao andar deixa vêr o avental em pregas; por cima do vestido comprido põe-se uma segunda tunica mais curta e de côr differente da do avental.

Estas differentes peças do traje das damas tartaras são geralmente d'uma só côr, mas enfeitadas com um largo galão, mais ou menos bordado.

Estas pintam-se como as chinezas; em Peking a pintura é o veu ou antes a mascara, sem o qual uma senhora que se respeita não pôde sair á rua. É mesmo coisa digna o accentuar

bem a côr branca ou vermelha, e principalmente augmentar a espessura do labio inferior. Só a mulher sem pudor se não disfigura com o branco, vermelho ou tinta da China.

É o mel a base d'estas transformações. A dama, quando pela manhã quer fazer a sua *toilette*, assenta-se diante d'um espelho firmado n'uma especie de escrevaninha, onde está encerrada uma parte dos segredos da sua belleza. Toma uma pequena porção de mel, esfrega-o nas palmas das mãos e applica-o sobre o rosto e uma parte do pescoço. Em seguida põe branco de Hespanha; como é em pó, adhere perfeitamente ao mel; em seguida applica-se o vermelho. A dama serve-se d'um pequeno bocado de panno esfregado no carmim, humedece-o e passa-o pelos labios; esfrega tambem o carmim nas palmas das mãos, e, depois que vê que a côr está bem igual, distribue-a pelas faces, terminando assim a grave operação exigida pelo uso.

Esta pintura pôde durar dois ou tres dias, e quando começa a cahir junta-se-lhe nova camada. O *nec plus ultra* das mulheres da moda é traçar um pequeno risco de carmim vertical entre os olhos e pôr uns parches nas fontes. Verdes, pretos, ou azues, estes parches de seda são enfeitados algumas vezes com uma joia ou com um par de pequenas antenas terminadas por perolas finas que o movimento do andar faz oscillar e bater uma d'encontro á outra.

As raparigas fazem como as chinezas tranças no cabelo, mas as mulheres tartaras casadas penteam-se d'outro modo. Abrem um risco ao meio, dividem o cabelo em duas partes e atam no alto da cabeça cada uma d'essas porções: no ponto em que se unem as duas mechas de cabelo, colloca-se horisontalmente uma haste metallica com o comprimento de vinte e cinco centimetros, sobre a qual se levantam á direita e á esquerda os cabellos; laços de cordão vermelho prendem estes bandós e flores verdadeiras e artificiaes; borboletas naturaes e phantasticas completam o edificio. Estes penteados vão-se simplificando com a idade e com a perda do cabelo.

O uso das dedeiras de prata ou d'ouro é commum ás tartaras e ás chinezas. O trazer as unhas compridas é muito elegante. As maiores que vi tinham tres centimetros; facilmente se comprehende que, tendo estas dimensões, é mister protegê-las com um estojo em cada dedo. Mas mesmo que as unhas tenham as dimensões ordinarias, é uso trazer as dedeiras como enfeite.

Usam braceletes, anéis, collares, brincos. O jasmim, a *olea fragrans* e a tuberosa são os perfumes mais da moda, bem como o almiscar, que na China e em toda a parte se encontra até na tinta.

As tartaras teem modos mais vivos que as chinezas; quando são raparigas, usam um traje quasi como o dos homens, e na cabeça trazem muito casquilhamente um chapéu de feltro á Périnet Leclerc; o seu vestido é mais curto e os seus cabellos, arranjados n'uma só trança, cahem sobre um collete enfeitado d'arabescos.

As chinezas que parecem mais reservadas nos seus modos usam um vestuario semelhante ao das suas irmãs tartaras; a unica differença existe no vestido que, sendo menos comprido, cahe abaixo do joelho, deixando vêr as calças, não cobertas por saias.

O seu penteado, chamado á *phenix*, compõe-se de dois bandós, emquanto que o resto dos cabellos fórma uma cuiá levantada atraz verticalmente, atravessada de modo horisontal por uns compridos ganchos, guarnecidos de flores ou de uma grande borla de velludo vermelho, tendo um pequeno guiso.

Um dos mais bonitos enfeites de cabeça que vi era um pente de flores naturaes, collocado em volta da cuiá. Este pente consiste n'um circulo de madeira, na circumferencia do qual ha um fio de latão, onde se prendem outros fios de latão verticaes que servem para sustentar flores de tuberosa. Quando este pente está mettido no cabello, só se vêem as flores, coroando d'um modo formosissimo a base da cuiá.

As chinezas tornam mais espaçosas as fontes rapando o cabelo, e para que os cabellos formem uma linha bem nitida e definida rapam tambem o cabelo na testa e rectificam a linha com tinta.

#### Os pés pequenos

O que distingue as chinezas não só das tartaras, mas tambem de todas as outras mulheres do mundo, são os pequeninos pés sobre os quaes se balanceiam onduladamente. Aqui devo dar a palavra a um amigo, que já por mais d'uma vez tenho apresentado aos meus leitores, e que foi o primeiro que dos pés das chinezas fez um estudo, baseado em observações directas e verdadeiramente scientificas.

Ha um uso, diz Morache, a respeito do qual a curiosidade do occidente sempre se despertou, e cuja explicação ainda não se deu satisfatoriamente: quero fallar do uso da deformação dos

pés. Nas descripções da China tem-se muitas vezes fallado n'este assumpto; se, depois de tantos outros, eu ainda n'elle venho fallar, é porque, collocado (como medico) em condições especialmente favoraveis, pude em Pekin ter relações com mulheres e raparigas, e conseguir vencer-lhes a repulsão que teem em mostrar os pés. Com effeito, ninguem, nem mesmo o marido, deve vêr nu o pé d'uma mulher. Todavia, graças á minha dupla qualidade d'estrangeiro e de medico, isto é, d'homem sem consequencias, pude vêr o pé da creança antes da deformação, durante o periodo das operações, e emfim o da mulher adulta.

A deformação do pé, constituindo o que os chinezes chamam *lis dourados*, *ornato interior*, etc. . . , não é usada todavia em todo o imperio; nas provincias meridionaes constitue approximadamente a regra geral para as familias abastadas; ao norte e em Pekin, principalmente, a visinhança dos tartaros, a quem tal uso é prohibido, a miseria mais espalhada, tornam-o muito mais raro. Além d'isto, ha por assim dizer uma moda de deformação especial a cada provincia. É principalmente no Koang-si e no Koang-tong que se encontram os melhores exemplares. Mas em toda a parte as familias essencialmente chinezas e ricas se dão a este luxo, que promete a suas filhas os mais vantajosos casamentos.

Ha duas grandes divisões na natureza da deformação.

N'uma, os dedos dos pés são dobrados para baixo, ficando livre o dedo grande; a planta do pé fórma uma grande concavidade inferior, mais ou menos cheia de tecido cellular e o calcaneo muda de direcção: d'horisontal torna-se vertical. D'isto são provenientes todas as alterações produzidas na articulação do tarso. É este o pé geralmente descripto, aquelle de que em França ha exemplares.

Mas é esta a maxima deformação, a que mais se aproxima do ideal, e é em o norte a mais rara. Em geral, n'este ponto só se vê um primeiro grau de deformação, isto é a flexão dos quatro ultimos dedos para baixo sem mudança de direcção no calcaneo. Por um systema de ligaduras fortemente apertadas produz-se um encolhimento de todo o pé, uma especie de amontoamento antéro-posterior dos ossos do tarso, uma exaggeração da curva do pé, mas o calcaneo fica intacto. Se accrescentarmos que as chinezas teem as extremidades elegantes e bem lançadas, comprehender-se-ha que se possam obter pés

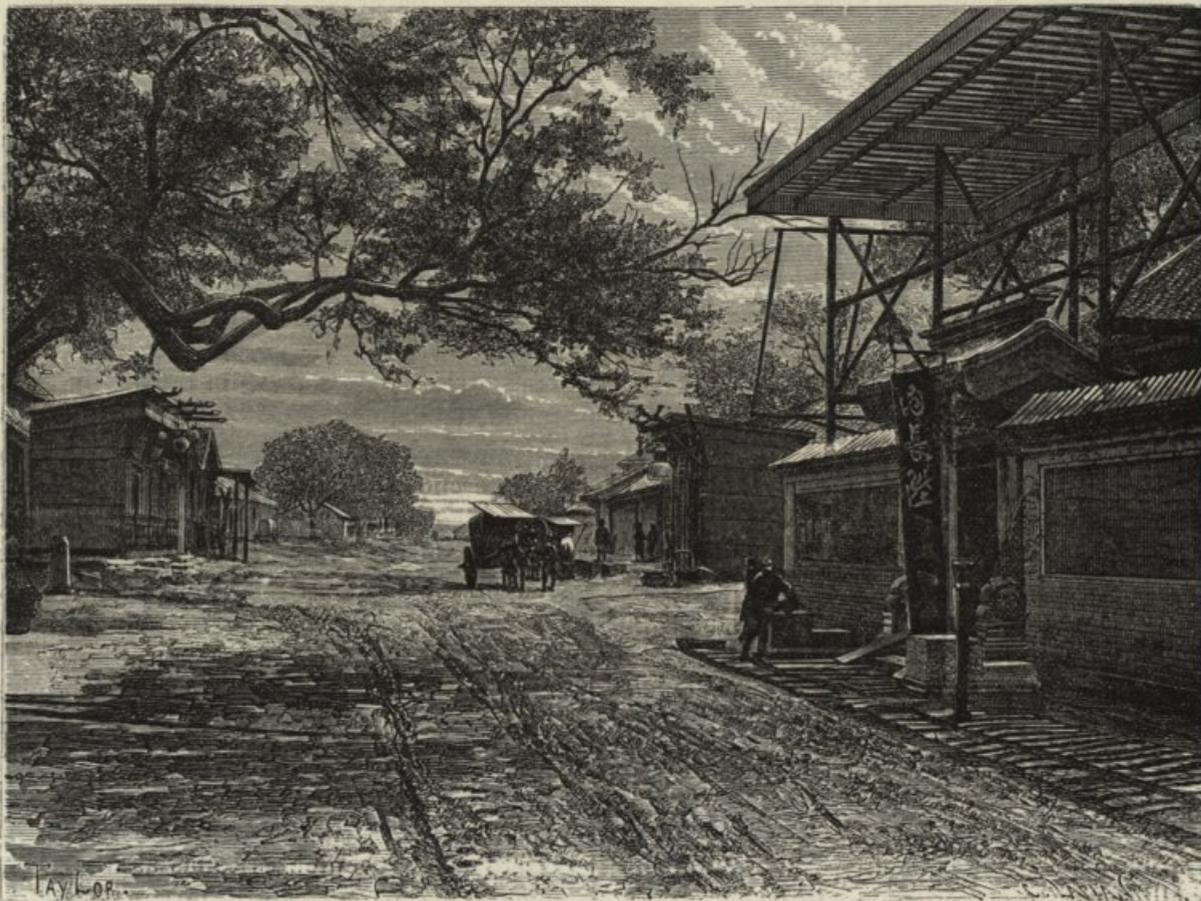
muito pequenos, sem que o calcâneo sofra alteração.

Esta semi-deformação é uma especie de meio termo que permite à mulher o juntar às exigencias da elegancia as do trabalho e as d'uma locomoção forçada.

Taes são as lesões ossosas. As partes molles são atrophias no metatarso e accumulam-se por baixo da curva exagerada da planta. A pelle que as cobre é o mais das vezes vermelha, mais

ou menos erythematososa e algumas vezes mesmo ulcerada; mas eu nunca observei as ulcerações profundas, a suppuração fetida, que alguns dizem ter muitas vezes visto.

O modo d'andar modifica-se essencialmente; os movimentos d'articulação tibio-tarsica tornam-se quasi nullos, os musculos flexorios e extensores do pé, atrophiam-se; é com effeito este o resultado: a perna toma a fôrma d'um cone troncado. Os movimentos d'articulação do joelho es-



RUA DA LEGAÇÃO DA FRANÇA — Desenho de Taylor, segundo uma photographia do doutor Morache

tão, durante o andar, intimamente ligados com os do pé; não se fazendo estes, certos musculos da coxa devem atrophiar-se.

O movimento de progressão produz-se essencialmente pela articulação coxo-femural e o melhor termo de comparação para este phenomeno é o que se observa n'um amputado das duas coxas; n'este, como na mulher chinesa, a metade do membro inferior transforma-se n'uma massa rigida; da classica perna de pau do amputado à perna chinesa ha a differença d'uma articulação, ausente na perna d'elle, quasi inutil n'ella, pelo menos para o andar.

Taes modificações não podem evidentemente produzir-se nos órgãos da locomoção sem determinarem accidentes, algumas vezes graves, no proprio pé, sem que todo o organismo se resinta. A instabilidade forçada a que esta deformação obriga a mulher, predispõe-a para quedas de todo o genero, para entorses e para fracturas de pernas. É certo que os ossos participaram da atrophia geral do membro; esta disposição, demonstrada por alguns documentos anatomicos, facilitaria ainda as lesões traumaticas.

As mulheres chinesas das classes abastadas, vivendo em condições hygienicas relativamente

boas, são todavia geralmente anemicas. É muito provavel que se a deformação do pé não é a causa directa d'este vicio d'organismo, pelo menos, a falta d'exercicio, sua consequencia, predispõe notavelmente, servindo d'auxiliar ás outras causas debilitantes.

Veremos mais adeante que, para conservar o pé sempre pequeno, é necessario, mesmo na mulher adulta, continuar com a compressão. Seria curioso seguir o processo inverso, ir, pouco a pouco, alargando o systema de ligaduras, supprimil-o completamente e procurar levar o pé á sua fórma primitiva. As irmãs da caridade devem ser muito circumspectas n'este assumpto

porque fazer tal, é quasi condemnar a creança a um celibato perpetuo.

As irmãs da caridade empregam no serviço das creanças um certo numero de mulheres christãs que se dedicam ao serviço dos pobres, á educação das creanças e aos misteres da comunidade; uma são tartaras, outras chinezas; a estas ultimas tentou-se fazer-lhe abandonar o uso da deformação do pé.

Até ao presente, quer seja apego instinctivo a este antigo costume, quer seja receio do incommodo que a tentativa lhes produziria, não quizeram renunciar ao velho uso; é de crêr, além d'isso, que, se se conseguir abolir o uso da de-



PAVILHÃO ÉSTE NO PATEO DA LEGAÇÃO DE FRANÇA, EM PEKIN—Desenho de H. Clerget, segundo uma photographia do doutor Morache

formação, será inutil tentar um tratamento nos adultos, e que se deverá limitar a supprimir a compressão na geração futura.

Nas familias ricas, nas que querem alcançar para suas filhas fama de belleza, não se começam as operações de deformidade antes dos quatro annos; nas outras, á creança, conservam os pés livres até aos seis ou sete annos. Durante os primeiros annos calçam os pés, como o dos rapazes, n'um largo sapato, cuja parte quasi rectangular é muito mais larga que a parte posterior. Chegada a época, umas vezes é a propria mãe que faz a operação, outras vezes são mulheres especiaes, desempenhando junto das damas o papel de medicos intimos, de parteira, etc.; quasi todas as grandes familias teem assim

uma ou muitas d'estas mulheres na sua domesticidade.

Começa-se por fazer flexionar mais ou menos os ultimos dedos dos pés e por os fazer conservar n'esta posição por meio de ligaduras. O apparelho, que eu vi muitas vezes collocar, applica-se do seguinte modo: pega-se n'uma ligadura d'algodão ou de seda, com a largura de cinco a seis centimetros e com o comprimento de um metro a metro e cincoenta, applica-se uma das extremidades no lado interno do pé ao nivel da articulação tarsica do primeiro metatarso e cobre-se com ella os quatro ultimos dedos, deixando o dedo grande livre; em seguida, passa-se por baixo da planta, leva-se ao tornozello para formar uma azelha por detraz do calcaneo,

tendo cuidado de a applicar sobre a cabeça do osso; depois volta-se ao ponto de partida para continuar do mesmo modo; n'uma palavra faz-se um oito, cujo ponto d'intersecção é na parte interna do pé. Por cima d'esta ligadura, põe-se outra destinada a conservar na sua posição a primeira a que se prende com alguns pontos.

O modo d'applicação do aparelho não varia durante todo o periodo da operação.

Durante os primeiros tempos, as ligaduras apertam-se pouco; mas depois vão-se apertando successivamente. Cada vez que se levanta o aparelho, o que pelo menos se deve fazer todos os dias, deixa-se o pé nu alguns instantes e fricciona-se com alcool de sorgho. O esquecimento d'esta precaução contribue poderosamente para a ulceração de que acima fallamos.

N'esta época, o calçado da creança consiste n'uma bota cuja extremidade se vae adelgaçando e que termina por ser completamente ponteguda.

Por estes unicos meios chega-se a produzir o pé vulgar que descrevemos como sendo o mais commum em o norte e o unico usado entre as

classes pobres. Mas, sob pena de perder o fructo dos primeiros esforços, é preciso continuar applicando as ligaduras, o que regularmente raparigas e mulheres fazem; n'isto, como em muitas outras coisas, se se não ganha, perde-se.

O calçado conserva sempre a mesma fórma, unicamente varia na dimensão com o crescer do pé, pois que o desenvolvimento d'este não pára absolutamente, mas simplesmente se deforma.

Se a mãe ainda quer dar á filha um pé mais elegante, recorre a outros processos. Logo que se alcançou o primeiro grau, que a flexão dos dedos dos pés se considera permanente, começa-se a flexionar pelo peito, adaptando-se em seguida á planta um bocado de metal de fórma semi-cylindrica e d'um volume proporcionado ao do pé; applica-se o systema de ligaduras, exactamente como já o descrevemos, apertando fortemente e de modo que o ponto d'intersecção seja sobre a planta do pé, e não, como anteriormente, sobre a parte interna.

(Continua.)

## CAMÕES NAS ILHAS DOS AÇORES

(Continuação da folha 28—3.º anno)

PIZ ESTE (Dec. 8, cap. 28):

«As náus, como foi tempo, que era em novembro, fizeram-se todas juntas á véla para o reino, e succedeu por capitão Lourenço Vaz Pegado, que levava provisão d'isto, e n'ella se embarcou Pedro Barreto, que largou a fortaleza pelo aggravo que lhe fizeram; e saindo as náus de Moçambique todas juntas, encostou-se a *Chagas*, que era a Capitania, á ilha de S. Jorge, e ficou quasi em secco, a que acudiram as outras com seus bateis: só a náu *Santa Clara*, de que era capitão Gaspar Pereira, em que eu ia embarcado, que foi a primeira que saiu, ía tão adiantada, que com as correntes não pôde tornar, e fomos nosso caminho.

«A náu *Chagas* alijou muito ao mar, e encheu a maré, com o que se sahiu trabalhosamente, e na detença de só este dia chegamos á ilha de Santa Helena, tanto, que primeiro estivemos vinte dias sem nenhuma das outras chegar, pelo que demos á vela, e chegamos a Cas-

caes em abril e ahi surgimos, por estar a cidade de peste: e tinha El-Rei ali regimento, que chegando as náus, surgissem fóra, e lhe mandassem um criado seu com cartas, para saber novas da India, a que acudiu Fernão Peres de Andrade, e D. Francisco de Menezes, o surdo, irmão de D. João Tello, que ahi estava por capitão de uma Armada, que era de alto bordo, para ir esperar as náus ás ilhas; e pelo regimento que tinha de El-Rei, me desembarcaram com as cartas, para lhe ir dar novas. Em Almeirim o espe rei, aonde veiu ter d'ahi a dois dias, e de mim soube tudo o que quiz: e por os Fisicos assentarem estaria a cidade fóra do mal grande que teve, mandou El-rei que entrassem as náus dentro. Vinham os *matalotes*, e *camaradas* Heitor da Silveira o Drago, Fernão Gomes da Grã, e eu; e o dia que vimos a roca de Cintra, falleceu Heitor da Silveira, por vir já muito mal; e as náus chegaram em fins de maio, ou já em junho, por onde se verá que em uma jornada de seis mil

legoas como esta, um dia mais ou menos, leva tanta vantagem, como se viu n'estas náus, foi mais de mez e meio. Em Moçambique achámos aquelle Principe dos Poetas de seu tempo, *meu matalote* e amigo Luiz de Camões, tão pobre, que comia de amigos, e para se embarcar para o reino lhe ajuntámos os amigos toda a roupa que houve mister, e não faltou *quem* lhe desse de comer, e aquelle inverno que esteve em Moçambique, acabou de aperfeiçoar as suas *Lusiadas* para as imprimir, e foi escrevendo muito em um livro que ia fazendo, que intitulava PARNASO DE LUIZ DE CAMÕES, livro de muita erudição, doutrina e philosophia, o qual lhe furtaram, e nunca pude saber no Reino d'elle, por muito que o inquiri, e foi furto notavel: e em Portugal morreu este excellente Poeta em pura pubresa.»

Vêmos mais pela passagem transcripta que em Cascaes estava por capitão de uma armada de alto bordo para vir ás ilhas esperar as náus D. Francisco de Menezes, o surdo (irmão de intimos amigos de Camões). Este facto revela-nos só por si o outro, que então era geral, da vinda das náus da India pelos Açores. Duas eram as principaes causas d'esta passagem por aqui: a primeira, aproveitar o favor dos ventos e correntes pelagicas; a segunda, a protecção contra a pirataria que ao chegar aos Açores encontravam na armada, que todos os annos para esse fim vinha a estas ilhas. Esta passagem porém, nem sempre se dava, apesar das mais convenientes e rigorosas determinações do governo supremo. Na nau *Chagas*, que tão tragicamente acabou nas aguas dos Açores, houve anteriormente deliberação de não arribarem a elles. (Cout. Dec. 11).

Não podendo negar a vinda das restantes náus da companhia da *Santa Clara* pelos Açores, antes sendo de necessidade admittil-a, a comparação entre a duração da viagem d'esta e d'aquellas, e a probidade inconcussa do historiador que a faz, e aponta por differenciação unica o tempo da partida, obriga-nos a admitir em tudo o mais identidade, e portanto a vinda igualmente da *Santa Clara* pelos Açores.

Ha mais: É a extensão d'esta questão a Diogo do Couto, que com relação a ella está nas mesmas circumstancias de Camões.

Couto nasceu em Lisboa em 1544. Aos 10 annos de idade entrou no serviço do Infante D. Luiz, mas, morrendo este logo em 29 de novembro de 1555, passou ao de D. João III na quali-

dade de moço da camara, até á morte d'este monarcha, em 11 de junho de 1557. Depois, em março de 1559, passou á India em companhia do Bispo de Cochim, D. Fr. Jorge Themudo, embarcando na nau *Flôr de la mar*, em que ia o capitão-mór da armada Pedro Vaz de Sequeira. Só veiu a Portugal uma vez, n'aquella viagem da nau *Santa Clara*; e regressou á India, saindo de Lisboa em 17 de março de 1571, na nau *Chagas*, em que ia o vice-rei D. Antão de Noronha. Se Couto, pois, tocou os Açores foi em março de 1570, na nau *Santa Clara*, em companhia de Luiz de Camões.

Uma comparação empregada por elle na Decada VII, liv. 4.º, cap. 5.º, revela-nos uma observação pessoal, a da *altura* da ilha do Pico.

Eis a passagem alludida:

«E já que fallámos nas ilhas de Comoró, daremos d'ellas uma breve relação. São estas ilhas quatro e estão em altura de 13 até 15 grãos e meio. A maior de todas é a Angarica, que será de 40 leguas de comprido, 10 de largo; *é tão alta quasi como a ilha do Pico*; faz por cima um cômoro grande e vae descendo com uma ponta até ao mar, etc.»

Pela situação das ilhas de Comoró, proximo á costa oriental de Africa, não podemos negar a Diogo do Couto a observação directa e pessoal, como tambem, em face do exposto, o não poderemos fazer com relação á do Pico. Assim ficará a possibilidade da passagem de Diogo do Couto pelos Açores n'aquella occasião, e portanto a de Luiz de Camões, levada a um tal gráo de probabilidade que quasi attinge o de um facto positivo e expresso.

### III

Pedro de Mariz, contemporaneo de Camões (e cujos *Dialogos de varia Historia* foram a primeira vez publicados em 1594), escrevendo a vida do poeta, publicada na edição dos *Lusiadas* de 1613, dá-o voltado da India na nau *Fé*. Este facto teve acceitação geral até ha poucos annos. Ainda no seu *Camões*, (CANTO III, in fine) disse Garrett:

.....Santa Fé  
Se diz o galeão.....

A mudança de opinião a este respeito só tem fundamento na passagem transcripta de Couto.

Couto acabando as suas 8.ª e 9.ª *Decadas* em 1614, e enfermando gravemente antes de as re-

metter para o reino, desapareceram-lhe de casa; mas depois teve saúde e forças para das lembranças que lhe ficaram e da felicissima memoria que tinha, juntar outra vez o que n'aquellas duas *Decadas* tratava, de que fez um só volume, recopilando n'elle as causas de menor importancia e relatando as maiores mais largamente, com o que remediou o furto. (Manuel Severim de Faria — *Vida de D. Diogo do Couto*.)

Esta declaração e a confrontação d'estas com as anteriores *Decadas*, é bastante para mostrar o quanto foram apenas um trabalho de *suprimento*.

O fundamento para a vinda de Camões em companhia de Diogo do Couto na não *Santa Clara* cifra-se na intelligencia dada ás palavras *matalote* e *camarada*, por elle empregadas na passagem referida. Vejamos o seu valor.

*Matalote* (do francez *matelot*) significa marinheiro, mas no sentido empregado por Couto, quer certamente dizer *consocio nas expedições de trabalhos maritimos da guerra*. O proprio Camões empregando esta palavra no seu *Filodemo*, acto 3.<sup>o</sup>, scena 5.<sup>a</sup>, dá-lhe apenas a significação de consocio, mesmo em circumstancias alheias á vida maritima.

*Camarada* é o companheiro nas lides bellicas da terra, até ao ponto de pousar na mesma *camara* ou quartel (Duarte Nunes — *Descrição de Portugal*, pag. 348).

Couto não empregou aqui estes termos com relação ao simples facto de *companheiros de viagem* para a patria.

Atraz com relação ao mesmo facto expressa elle d'outra fôrma: «D. Antão de Noronha, etc.» Não nos lembra de ver taes termos empregados por elle em outro algum logar das suas *Decadas*. Empregou-os de certo aqui com relação a factos anteriores da sua vida e d'aquelle que nomeia, Heitor da Silveira e Fernão Gomes, e depois Camões só como *seu matalote* e amigo. Se quizermos tomar taes palavras em sentido mui particular e privativo á occasião, mas pouco fundamentado, só assim poderemos obter um resultado positivo e logico.

Admittindo que a palavra *matalote* signifique aqui consocio na *matalotagem* ou provimento de victualhas para a viagem; e que *camarada* fosse o que vinha na mesma *camara*, *camarote* ou *camarim*, teremos então que Camões, não vindo na mesma camara em que veiu Couto, foi com tudo *seu matalote*, não por associação como Heitor da Silveira e Fernão Gomes, mas por simples fa-

vor de Couto, e não faltou *quem* lhe dêsse de comer <sup>1</sup>.

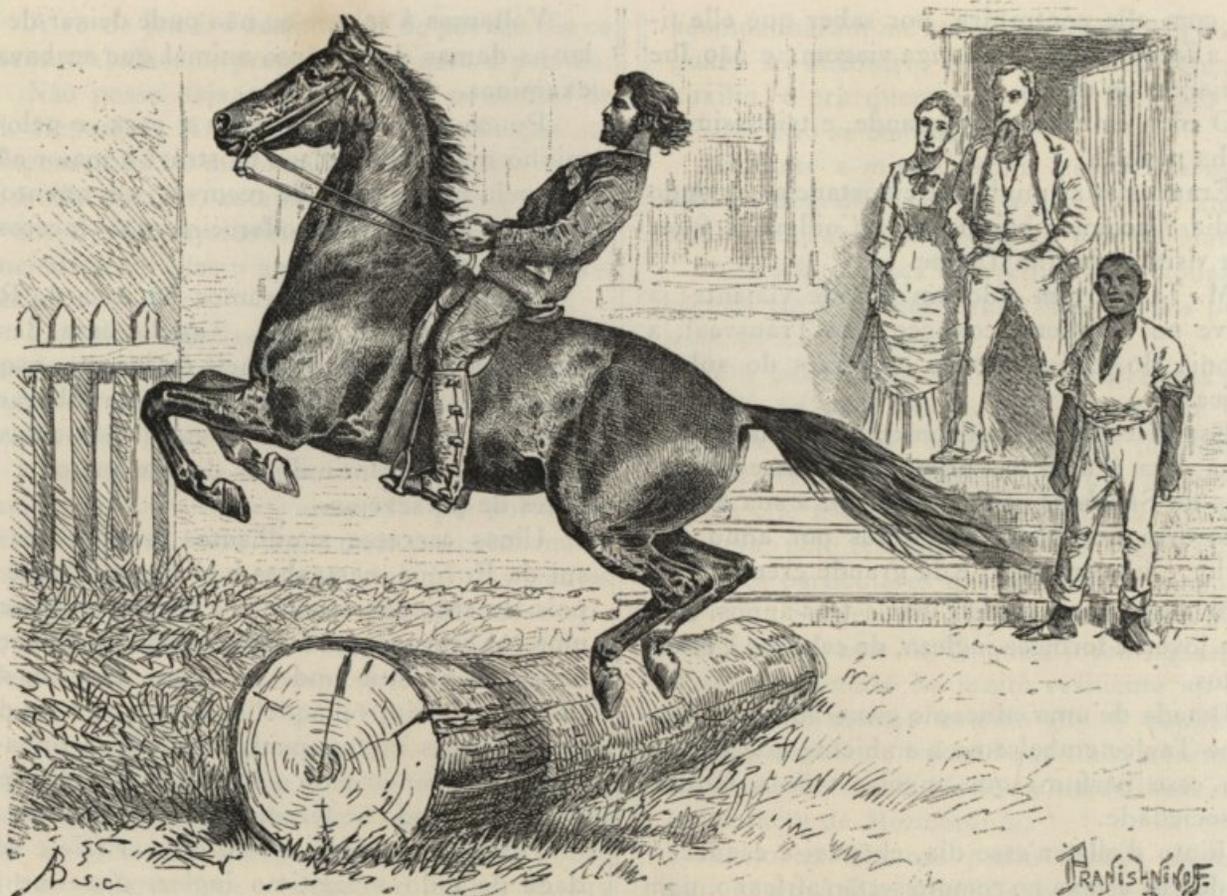
Fique a decisão d'este ponto para mais competente juiz, e ou fosse uma ou outra a não que conduziu de Moçambique para Lisboa Luiz de Camões e o seu poema, isso nada tem com a questão de haver Camões tocado nos Açores, nem tira a uma d'ellas ou a ambas o direito á celebridade, pois que, como expressa o sabio bispo de Viseu, D. Francisco Alexandre Lobo — «nunca sulcou as aguas de Portugal um vaso com carregação mais rica de fama e gloria para a gente lusitana.»

JOÃO TEIXEIRA SOARES.

FIM

<sup>1</sup> A palavra *matalote* tem um valor historico e exprime um costume da navegação portugueza da India. Transcreveremos da *Viagem* de Francisco Pyrard de Leval, traduzida pelo erudito Rivara, a descripção d'este costume: «Quando o vice-rei recolhe a Portugal escolhe os navios que quer, e os faz prover de mantimentos a que chamam *matalotagem*; e ha tempo para isso. E quando os portuguezes sabem que algum vice-rei, arcebispo ou grande senhor e capitão se vae embora, cuidam em se metter no seu rol e obter licença para se irem com elle; porque n'este caso todos quantos vão no navio, tirada a gente do mar e officiaes do mesmo navio que levam e têm sua *matalotagem* á parte, são sustentados de graça, ou sejam fidalgos ou soldados. Assim, quando algum grande senhor se apercebe para se embarcar para Portugal, faz metter mantimento para toda aquella gente, além do que para si ha mister. E todavia é preciso grande favor para alguém entrar no rol do vice-rei, porque para uma pessoa se aviar bem de mantimento para a viagem não dispense menos de duzentos a trezentos pardãos.» Em outro logar do seu livro, Pyrard fallando do regresso do arcebispo de Goa a Portugal, escreve: «Comtudo elle havia obtido licença para se ir embora, e havia feito todos os apercebimentos de mantimentos e *matalotagem* para mais de cem pessoas, afora os seus domesticos, que montavam bem a outró tanto numero, e são necessarios ao menos trezentos pardãos para manança de um homem da India a Portugal.»

Diante d'esta precisão historica não é possivel a interpretação philologica. Camões não era *matalote* de Diogo do Couto, mas ambos elles, como outros amigos que o encontraram em Moçambique, vinham para Portugal na *matalotagem* do vice-rei D. Antão de Noronha; assim a palavra *matalote* significa companheiro de viagem, no mesmo rol dos passageiros por concessão gratuita de um vice-rei ou alto personagem. Por esta explicação se notará que foi em a não *Santa Clara*, em que vinha Diogo do Couto, e por intervenção dos amigos citados pelo chronista, que Camões conseguiu transportar-se para o reino gratuitamente na *matalotagem* do vice-rei. O erro de Mariz, dando o seu regresso na não *Fé*, explica-se pelo facto de tanto uma como a outra não terem chegado a Lisboa em abril de 1570. Mariz padecceu, como todos os seus contemporaneos, de uma profunda ignorancia dos dados biographicos de Camões.



O MAJOR EXPERIMENTA FLY — Desenho de Y. Pranishnikoff, segundo uma gravura da edição ingleza

## COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO — VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA — ATRAVÉS REGIÕES  
DESCONHECIDAS — DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

SEGUNDA PARTE

### A FAMILIA COILLARD

(Continuação da folha 29 — 3.º anno)

**P**NEGOCIANTE assim sabe bem o negocio que faz. Ha no Manguato um negociante inglez, de que terei que fallar muito ao diante, M. Taylor, que já chegou a introduzir em Shoshong o papel de credito.

Letra passada por elle é recebida pelo chefe Cama e por muitos gentios ricos.

Depois d'este rapido esboço que acabo de fazer do Manguato, não posso deixar de fallar na minha posição em *Shoshong*, que era verdadeiramente critica.

Tinha a fazer uma grande viagem para alcançar Pretoria, o ponto mais proximo onde poderia alcançar meios de uma auctoridade europêa; tinha de pagar dividas já feitas com a sustentação da minha gente, estava sem roupa; os meus pretos, cobertos de andrajos, pediam-me algumas jardas de panno para se vestirem, e eu não tinha dinheiro algum.

M. Coillard offercia-me a sua bolça, mas bem precisa lhe era ella para que eu ousasse accital-a. Queria mesmo saldar algumas dividas

que com elle contrahira, por saber que elle tinha a fazer ainda uma longa viagem, e não lhe sobejarem os meios.

O meu embaraço era grande, e tristissima a minha posição.

Eram estas as minhas circumstancias, quando no dia 8 acompanhei madame Coillard a fazer uma visita á familia Taylor.

M. Taylor tem sido um grande viajante; já esteve no Zambeze, conhece todo Transvaal, a Colonia do Cabo e todos os paizes do sul de Africa.

Estabelecido definitivamente no Manguato, a sua casa é uma das primeiras casas commerciaes de *Shoshong*. Só em marfim a sua exportação orça por trinta mil libras por anno. M. Taylor é homem serio e de grande credito.

M. Taylor era casado, havia tres annos, com uma joven e formosa ingleza, de cabellos e olhos pretos.

Dotada de uma educação esmeradissima, madame Taylor embalsama o ambiente que a cerca com esse perfume que envolve toda a mulher de sociedade.

Junto d'ella, n'esse dia, cheguei a esquecer-me de que estava no remoto sertão africano, para me julgar transportado a um salão do West-End, em Londres.

A conversação estabeleceu-se entre mim, madame Taylor, madame e mademoiselle Coillard, e veio a pello fallar-se da minha proxima viagem.

Disse-me que era impossivel viajar n'aquelle paiz sem um cavallo, e a proposito d'isso, M. Taylor convidou-me a ir vêr os seus. Chegados á cavallariça, elle apontou-me para um magnifico corredor do deserto, castanho claro com cabos pretos, e disse-me: «Eis o cavallo que lhe convém para viajar e caçar.»

Eu conheci logo o grande valor do animal, que pelas cicatrizes miudas e redondas assignaladas sobre os curvilhões, me mostrava ter tido *horse-sickness*, e estar por isso á prova, sendo o que alli se chama um cavallo *salé*. As outras qualidades eram reveladas pelas pernas finas e nervosas, apresentando uma musculatura desproporcional, pescoço longo e pouco guarnecido de clinas, olhar vivo e intelligente, cabeça secca e elegante, e abundantissima cauda. Ficaram-me os olhos n'aquelle bello animal, e triste disse a M. Taylor, que não tinha dinheiro para l'ho pagar. «Yes, me disse elle, *it is a valuable horse.*» (Effectivamente, é um cavallo de grande valor).

Voltamos á sala, e eu não pude deixar de fallar ás damas do formoso animal que acabava de examinar.

Pouco depois voltavamos a casa, e pelo caminho madame Coillard mostrava a maior afflicção pela minha falta de recursos, em quanto M. Coillard redobrava de offerecimentos sinceros da sua já magra bolça.

As noites que passavamos na casa do Rev. Mackenzie eram horriveis. Aquella casa, deshabitada ha muito, estava cheia de insectos asquerosos, que nos sugavam o sangue, roubavam o somno, deformavam as feições e atormentavam a paciencia. Eram milhões de carrapatos e milhões de persevejos.

Umarras carraças semelhantes ás dos cães no sul da Europa, castanhas e chatas, mas que depois de saciadas tomavam a fórma espherica e uma côr esbranquiçada, produziam inflammações horriveis no sitio onde mordiam. Era um supplicio indescrivivel aquelle. Depois de uma d'estas pessimas noites, madame Coillard tinha-me mandado chamar para o almoço, e já iam para a meza, quando se fez annunciar M. Taylor.

Dirigiu-se a mim, e com esse ar frio e seriedade de todo o legitimo inglez, disse-me que me vinha trazer o cavallo castanho que eu tinha admirado na vespera e duzentas libras, que eram todo o oiro que n'aquelle momento tinha em caixa, e me offerecia ainda o seu credito, tanto junto dos outros negociantes do Manguato, como em Pretoria, se eu carecesse d'elle.

Declaro que cahi das nuvens com tal offerecimento nem de leve sollicitado, e que apenas pude balbuciar algumas palavras banaes de agradecimento, de tal modo fiquei commovido.

M. Taylor almoçou connosco, e em seguida eu acompanhei-o a sua casa.

Montava já o soberbo cavallo, e sentia essa sensação de prazer que todo o cavalleiro sente ao montar um formoso animal, sobre tudo quando está privado d'esse prazer ha muito tempo.

Fallamos largamente dos meus negocios, e eu não aceitei o dinheiro, contentando-me com o cavallo, que me era muito preciso, e admittindo que elle pagasse as minhas dividas já contrahidas em despezas de viagem, que montavam a cento e oito libras, e sacasse sobre mim em Pretoria, onde contava haver dinheiro do governo inglez.

M. Taylor, por um requinte de delicadeza, sacou a dois mezes de vista sobre o meu aceite, que devia ter logar em Pretoria.

A 10 de janeiro acabava eu de pôr em dia os meus trabalhos, e preparava-me para a partida.

Não posso deixar de citar aqui os nomes de M. Benniens, M. Clark, e M. Musson, que me dispensaram os maiores favores e coadjuvaram a minha partida, estando eu certo de que, sem o antecipado cavalheirismo de M. Taylor, teria encontrado n'elles o apoio monetario de que carecia.

Em vista dos favores que alli recebi de estranhas gentes, não pude deixar de lançar um golpe de vista ao passado, e recordar-me de Caconda e do Bihé.

O paralelo que estabeleci entre o apoio que encontrei nos sertões concorridos por portuguezes e inglezes, veio mais uma vez confirmar a minha opinião, sobre a qualidade das gentes que de Portugal vão aos sertões africanos.

Tenho viajado muito e conheço muitos povos. Nenhum vi ainda tão hospitaleiro e tão bondoso como o portuguez.

Quantas vezes, nas minhas caçadas, eu tenho ido bater ás portas dos aldeões das nossas serras, e sempre as tenho visto abrir de par em par ao forasteiro que pede um abrigo. O pobre aldeão reparte com o hospede o melhor da sua ceia, e da enorme caixa enfumada sahe o melhor do seu bragal para a cama do desconhecido. Subindo da cabana do povo rude ás casarias do lavrador abastado, e d'ahi ás habitações solarengas, em todas vemos revelada a hospitalidade portugueza n'uma simples indicação. Todas tem os quartos para hospedes. Quando um portuguez edifica uma casa, não pensa só na familia e nos seus, pensa tambem no forasteiro que lhe pôde vir pedir abrigo, e edifica para elle. É que para o portuguez o estranho que chega é recebido como familia, na choupana do pobre e no palacio do rico. Este traço na vida material de um povo que edifica contando com o hospede, define a sua hospitalidade. É por isso que grito bem alto, que não são portuguezes os homens que me receberam mal em Caconda e no Bihé. É por isso que eu verbero acerbamente o systema de mandar para as colonias o que ha de mais baixo, vil e ignobil entre os criminosos da Metropoli. É alli que está uma das causas mais determinantes do atraso de muitas das nossas ricas possessões. Alli está o escolho em que esbarra muitas vezes a acção do governo.

Em Caconda só encontrei estorvos á minha viagem. No Bihé esses estorvos recresceram, e não se limitaram a exercer uma acção local;

acompanharam-me até ao Zambeze. Alli no Manguato só encontrei boa vontade, só encontrei auxilio, e era quem mais podia fazer por mim.

Isto não se commenta.

Durante a minha estada em *Shoshong*, era alli a ordem do dia a morte do capitão Paterson, e dos seus companheiros, no paiz do Matebeli.

Corriam versões differentes, mas todas concordes em que elles foram assassinados por ordem de Lo-Bengula.

O capitão Paterson sahira de Pretoria encarregado de uma missão official junto de varios regulos africanos, missão de que involuntariamente tive conhecimento por um d'estes com quem elle tratou, e sobre a qual guardo a maior reserva, pelo respeito que me merecem todas as missões particulares dos governos. Acompanhava-o M. Sergeant e alguns serviçaes, e no Matebeli reunira-se M. Thomas, joven inglez, filho d'um missionario ha muito residente no Matebeli, e elle mesmo nascido alli. O capitão Paterson, depois de tratar o que tinha a tratar com Lo-Bengula, decidiu ir vêr a maravilha africana, a cataracta de Mozioatunia.

O joven Thomas pediu licença ao regulo para acompanhar aquella expedição, licença que lhe foi concedida.

Na vespera da partida, porém, um dos favoritos do regulo foi procurar o moço inglez, e disse-lhe em nome do seu chefe, que não acompanhasse o capitão Paterson.

M. Thomas foi procurar Lo-Bengula, e perguntar-lhe porque lhe negava a permissão antes concedida.

Lo-Bengula respondeu-lhe que elle tinha sido creado pelos Matebelis, e por isso era querido como um filho da tribu.

Que tinha um presentimento de que alguma desgraça poderia acontecer áquelles inglezes, e por isso o aconselhava a ficar alli e a deixal-os seguir sós. M. Thomas disse-lhe que não se importava com os presentimentos, e foi.

Não devia voltar como os outros dois inglezes. O que se passou? Quem o saberá? Só o terrivel Lo-Bengula.

Uns diziam que foram envenenados, outros mortos a tiro; mas eu, que conheço o systema dos grandes potentados africanos, duvido de que alguma coisa certa se possa saber nunca, porque elles matam logo os executores das suas sinistras ordens, e fecham o segredo dos seus crimes em novas sepulturas.

Tudo quanto se dizia para provar uma ou

outra opinião eram razões, talvez plausíveis, para quem não conhecesse a Africa, mas para mim, não. Diziam, por exemplo, que os Macalacas, que por ordem de Lo-Bengula, os tinham acompanhado, appareceram depois com galões e outros objectos furtados aos inglezes, o que provava que houvera assassinio e roubo.

Isto não provava nada, porque, se elles tivessem morrido de morte natural, as suas bagagens seriam logo saqueadas.

Diziam outros, que, faltando a agua, o chefe da caravana Matebeli fôra explorar terreno só-sinho, e voltando muito tempo depois, indicara um pequeno charco distante, e que o capitão Paterson ao beber d'aquella agua dissera: *estou envenenado*. Quem veio contar isto, se ninguem da gente d'elles escapou?

Noticias de origem Matebeli diziam que elles tinham bebido agua de uma lagôa naturalmente envenenada, e por isso tinham morrido todos. Isto é outro absurdo.

Toda a agua das lagôas africanas é veneno, mas não é veneno que mate n'um dia como o arsenico e os saes de mercurio, ou como muitos alcaloides vegetaes.

O veneno d'aquellas aguas infiltra-se no organismo, deteriora-o lentamente, pôde matar com o tempo, porque é o miasma palustre e não outra coisa; mas não destrôe a vida algumas horas depois de absorvido, e caso produzisse esse effeito em uma organização especial, não o produzia de certo em tanta gente.

Assim, pois, é tambem inverosimil a versão do envenenamento natural.

Outros affirmavam que elles foram traiçoeiramente fusilados; alguns diziam que foram mortos a azagaias. Quem trouxe a nova?

Parece que houve crime, porque não é possível que a febre matasse n'um dia tanta gente, e entre ella, gente aclimada no paiz, como o joven Thomas e os indigenas; parece que houve crime, mas se o houve o segredo ficará entre Deus e Lo-Bengula.

Um dos viajantes africanos que me merece mais credito, M. François Coillard, que ainda se demorou muito em *Shoshong* depois da minha partida d'alli, assegurou-me na Europa, muito tempo depois, que o rei Cama conhecia o segredo da morte d'aquelles infelizes, e deixou-me perceber que um crime horroroso fôra praticado por ordem do malvado Zulo <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Os Matebelles são zulos.

A 11 de janeiro havia na casa derrocada que habitavamos um labutar incessante. Eram madame e mademoiselle Coillard a preparar-me provisões para a viagem. Faziam biscoutos com prodiga largueza.

Como poderei eu jámais agradecer tantos favores? N'aquelle dia tambem recebi presentes de madame Taylor. Um grande açafate de *cakes* e um cestinho de ovos, cousa bastante rara em *Shoshong*.

No dia immediato estava prompto a partir, mas decidi seguir viagem no dia 14, não querendo deixar *Shoshong* a 13.

Eu não tenho preconceitos, nem antipathias com numeros, mas d'essa vez o embirrar com o 13 foi desculpa dada a mim mesmo, para me demorar mais um dia com essa boa familia a quem tanto devia.

Pude alli alcançar alguns cobertores de pelles, d'aquelles que os Bamanguatos fazem para seu uso, e que são cosidos com nervos de antilopes.

Pelas minhas observações achei uma differença enorme na posição de *Shoshong*, marcada em uma carta de Marenski que possuia M. Coillard.

No dia 13 fiz as minhas despedidas aos negociantes inglezes, exceptuando M. Taylor, que estava ausente a seis milhas de *Shoshong*, no seu posto de gado.

Apesar do meu caminho ser ao sul, e o posto de gado de M. Taylor ao norte, decidi ir lá no dia 14 fazer as despedidas a quem tanto me obrigara.

Effectivamente, n'esse dia de manhã, segui para lá. As damas Coillard e madame Clark partiram adiante em uma carriola puxada por dois cavallos.

Eu sahi muito depois, em companhia do regulo Cama e de M. Coillard.

Eu n'esse dia tinha de fazer a primeira jornada no caminho de Pretoria, e essa jornada era de doze milhas, para poder alcançar agua potavel, o que, com outras doze que eu ia andar de manhã, perfazia um total de 24, o que é um pouco forçado n'aquelle clima.

Seguimos pois acompanhados de doze cavalleiros Bamanguatos.

Logo que deixamos as ruas da cidade, o chefe Cama deu de esporas ao cavallo e partiu, mão baixa. Depois de uma corrida vertiginosa de meia hora, passou elle ao galope. Perguntei-lhe para que era aquella pressa? e elle respondeu-

me que era assim que se andava no Manguato, e que os cavallos descanzavam bem no galope, para darem outra corrida. Disse-lhe que tinha razão, mas que o meu cavallo tendo de fazer uma grande marcha n'esse dia, talvez não entendesse isso como elle. Que não queria ir de encontro aos habitos dos cavalleiros Bamanguatos, mas que me dêsse elle um dos seus cavallos, e mandasse o meu para *Shoshong*, onde eu o encontraria fresco para a jornada d'esse dia.

Mandou Cama logo apeiar um dos seus, que voltou á cidade com o meu *Fly*, em quanto eu montava uma egua magnifica que elle deixava.

Seguimos a toda a brida, e d'ahi a pouco estavamos no posto de M. Taylor.

Tinhamos gasto cincoenta e cinco minutos! Madame Taylor fez-nos servir um magnifico lunch, e depois das mais cordiaes despedidas voltamos a *Shoshong*.

O systema da volta foi o mesmo da ida, brida e descanzar no galope!

Os Bamanguatos não usam freios nos cavallos, e apenas os dirigem com um bridão inglez. Dizem elles que os freios e as barbellas não deixam correr os cavallos.

Chegamos em um momento a *Shoshong*.

Stanley estava prompto a partir, e só esperava o meu signal. Dei-lhe esse signal, e elle fez estalar o longo chicote por sobre as cabeças dos bois, que se pozeram lentamente a caminho, arrastando o pesado wagon. Com elle foram os meus pretos, á excepção de Augusto e Pépéca, que ficaram commigo. Passei ainda algumas horas com as damas Coillard, mas era forçoso deixal-as, e fazendo soberanos esforços para occultar a minha commoção, disse-lhes um ultimo adeus, saltei sobre o cavallo e parti.

Tive a coragem de não me voltar emquanto as podia vêr!

O sol desaparecia já no horisonte quando deixei *Shoshong*.

Segui o caminho que me foi indicado, e tres horas depois entendi que estava no ponto onde devia pernoitar, mas o wagon não apparecia. Era tarde da noite, e noite de trevas profundas.

Chamei, gritei, e ninguem respondeu. Poucos momentos depois, appareceram-me dois indigenas. Eram vedetas de Cama, que receioso de um ataque nocturno dos Matebelles, guarda a sua cidade com uma linha contínua de sentinellas a muitas milhas de distancia. Estão estas atalaias tão bem dispostas, que podem socorrer-se e fazer por um momento face ao inimigo,

emquanto alguns homens correm á cidade nos ligeiros cavallos a dar o alarme.

Os dois homens que me appareceram acabavam de rondar os postos do sul, e affiançaram-me que, havia muitos dias, nem um só wagon tinha tomado aquelle caminho, asseverando que eu deveria ter passado pelo meu antes de chegar alli.

Estava muito habituado á vida das florestas para que passasse, mesmo nas trevas, pelo wagon sem o vêr, e se me escapasse a mim não escaparia ao meu Pépéca, que tem olhos de lynce.

Os dois Bamanguatos propozeram-me o acompanhar-me a buscar o wagon e partiram commigo.

Depois de explorarmos uma grande parte do valle sem encontrarmos vestigios da carroça, cahimos de novo em *Shoshong*, desesperados, acobrunhados de fadiga, e sem poder explicar o caso.

Eram altas horas, e que fazer? Resolvi ir bater á porta de M. Coillard, e esperar o dia.

M. e madame Coillard levantaram-se logo, e emquanto eu narrava o acontecido ao missionario, madame Coillard só pensava em me dar de comer e em me preparar boa cama.

Eu até alli, como depois, dormia sobre a terra em umas pelles, a despeito dos esforços de madame Coillard em me querer dar uma cama; como as minhas pelles tinham partido no wagon, ella n'essa noite aproveitou o ensejo de se vingiar da minha reluctancia, e fez-me uma cama europêa.

Não pudemos decifrar o enigma, e reservamos para o dia seguinte o desvendar o mysterio do desaparecimento do meu Stanley.

Eu, quebrado de fadiga, fui dar boa razão ao cavallo, e cahi extenuado no leito.

Apesar do canção não pude conciliar o sono, porque uma anciedade horrivel me confrangia o coração.

Como já disse, encontrei uma grande differença na posição de *Shoshong* em longitude, e todas as minhas observações eram chronometricas e referidas á ultima observação que fiz do eclipse do primeiro satellite de Jupiter. Essa posição nova só me podia ser confirmada, por uma nova cotisação dos chronometros em longitude determinada, e esses chronometros, que eu não sabia onde estavam, por ignorar onde estava o wagon, iam parar no dia seguinte por falta de corda.

A poucos será dado comprehender o que eu soffri com esta ideia.

## CAPITULO V

## DE SHOSHONG A PRETORIA

Catraio—Apparece o wagon—Despedida de M. Coillard—Tempestades—O wagon tombado—Trabalhos de novo genero—Chuvas—O Limpopo—Fly—Caçadas—No Ntuani—Um Stanley que não presta—Augusto furioso—Adicul—Os leões—Stanley desanima—Os Boers nomadas—Novo wagon—Peripecias—Doenças graves—Um Christophe de mil diabos—Madame Gonin—O ultimo tumulo—Magalies-berg—Pretoria.

Mal se adivinhava o alvorecer da manhã, e já eu estava a pé, vestido.

Os chronometros não se me tiravam da ideia, e a preocupação era grande e motivada.

M. Coillard participava do meu sobresalto, e não me quiz deixar partir sósinho. Mandou pedir um cavallo ao rei Cama, e seguiu commigo no rasto do wagon.

Tive de fazer novas despedidas ás damas Coillard, e novamente senti os desgostos d'aquella separação.

Em breve eu e M. Coillard deixavamos *Shoshong*, e nos internavamos no esteval que cobre os campos ao sul da cidade.

Seguíamos o rasto do pesado carro, quando mui proximo divisamos um negro sentado junto ao caminho. Ao acercar-nos d'elle eu conheci-o. Era o meu muleque Catraio. Caminhou para mim, trazendo nas mãos um objecto volumoso, e ao abeirar-me, disse-me: «*Sinhô*, dê cá as chaves para tirar os relogios da mala, que são horas de dar corda.»

Exultei ao vêr a mala dos instrumentos onde estavam os chronometros, e sem pedir ao muleque explicações do desaparecimento do wagon, saltei do cavallo, e entreguei-me ás minhas observações matinaes quotidianas. Estava escripto que durante a minha longa jornada os meus chronometros não teriam nunca de parar!

Catraio, sempre vigilante por aquella obrigação, velava por elles.

O missionario ficou surprehendido com o cuidado do preto.

Alli, como em Embarira, Catraio tinha impedido os chronometros de pararem, como durante as minhas mais graves doenças o tinha feito.

Catraio fôra educado por um portuguez, que desde pequeno lhe conheceu a bossa da velharia, e que teve o cuidado de lh'a desenvolver á pancada.

O muleque, perdida a vergonha, que talvez

nunca teve, em breve perdeu o medo ao castigo, e fez-se bebado e ladrão.

Seu amo, a quem elle chegou a fazer um roubo importante com arrombamento de um cofre, isto aos doze annos, decidiu desfazer-se d'elle para sempre, e mandou-o deitar á margem em Novo-Redondo.

Quando em Benguella eu procurava um muleque intelligente e ladino para o meu serviço particular, mais de uma pessoa me fallou em Catraio, que a fama das tratantadas tornara conhecido.

Dirigi-me ao que fôra seu amo, e consegui que elle o mandasse buscar a Novo-Redondo. Ao vêr a physionomia expressiva e intelligente do preto, fiquei satisfeito com o passo que dera chamando-o a mim. Catraio até alli tinha sido levado á pancada, eu resolvi tratá-lo por bons modos, nunca lhe fallei na sua vida passada, nunca lhe fiz uma recriminação.

Sendo elle o preto mais intelligente de todos aquelles que me cercavam, eu incumbi-o de me ajudar nos meus trabalhos scientificos. Catraio, que não sabia ler ou escrever, conheceu em poucos tempos todos os meus instrumentos e todos os meus livros. Quando, separado dos meus companheiros, me vi sósinho em Africa, tive uma grande apprehensão, lembrando-me que, durante uma doença, os meus chronometros poderiam parar. Chamei o Catraio e fiz-lhe o seguinte discurso edificante:

«Fica sabendo que de hoje em diante, todos os dias, logo de madrugada, tu tens de te apresentar diante de mim com os chronometros, thermometros, barometro e caderno diario, isto esteja eu são ou muito doente, longe ou perto, ficando tu na intelligencia, de que não tens desculpa nas circumstancias mais extraordinarias, se o não fizeres. Agora escuta-me bem. Nunca te bati como nunca lhe ralhei, mas, se os chronometros pararem por falta de corda, eu espeto-te n'um enorme espeto de pau, e asso-te vivo nas brazas de uma enorme fogueira.»

Catraio, que não acreditava muito que um branco fosse bom, e que desconfiava mais da brandura do meu trato do que das pancadas habituaes, julgou ter descoberto a minha maneira de castigar uma falta, e o espeto de pau e a fogueira aterraram-no.

Começou a trazer todos as manhãs os instrumentos; a coisa foi passando a habito, e eis a razão porque, ainda nas minhas mais graves doenças, os chronometros tiveram corda e foram

comparados; eis a razão porque em Embarira Catraio, com risco de vida, os foi empalmar aos Macalacas; eis a razão porque ainda n'aquelle dia foram salvos de parar, porque elle, vendo que eu não chegara na vespera, mesmo de noite se pôz a caminho e me veio encontrar á hora propria.

Livre da apprehensão que me torturava, tratei de interrogar o muleque sobre o facto do desaparecimento do wagon, e soube que o inglez se tinha enganado, e tinha tomado um caminho transversal pelo bom caminho, mas que, logo ao alvorecer, partiria, e iria esperar-me no logar ajustado para o encontro na vespera.

Eu e M. Coillard seguimos no bom caminho, e ás 9 horas encontramos o wagon.

Mandei fazer o almoço, e ao meio-dia separei-me d'esse homem a quem devia tanta gratidão, e cujos favores são d'aquelles que não se podem retribuir nunca, porque tudo que por elle eu fizesse pesaria, em uma balança justa, muito menos do que tudo o que recebi d'elle.

Parti immediatamente, e fui acampar ás quatro horas, em sitio sem agua.

N'essa noite, quando ia a deitar-me, senti o galope de um cavallo, que me chamou a attenção. O meu Fly rinchava, e os caes ladravam e arremettiam para o lado de *Shoshong*.

Pouco depois, chegava ao meu campo um cavalleiro Bamanguato, e entregava-me uma carta e um embrulho.

A carta dizia que fôra encontrada em casa a minha espingarda Devisme, e M. Coillard apressava-se em mandar-m'a.

Escrevi-lhe algumas palavras de agradecimento, e remunerei o portador, que voltou logo a toda a brida.

No dia immediato, 16 de janeiro, parti á uma hora da madrugada, alcançando ás tres horas uma lagôa, unica agua permanente que existe entre o Limpôpo e *Shoshong*.

N'esse dia ainda fiz duas jornadas, uma de tres, outra de quatro horas, acampando pelas cinco da tarde. Das quatro ás dez da noite a chuva cahiu torrencial, inundou-me o wagon, cuja cobertura velha e esburacada nada abrigava, e causou-me perdas sensiveis, sendo a maior, todo o pão e biscoitos preparados por madade Coillard, que ensopados n'agua se tornaram em massa não aproveitavel.

Na marcha ultima d'esse dia tive de alterar o meu rumo, que era Sul, e metti a S. E., para evitar os accidentes do terreno, que tornavam

difficilimo o rodar do wagon, e ameaçavam despedaçal-o a cada momento. O wagon de Stanley era uma velha carriola, meio apodrecida e desconjunctada, e que a cada passo parecia querer desfazer-se.

Só ás 8 horas do dia seguinte, depois d'uma jornada de tres horas, entrei no meu rumo, entrando no caminho abandonado na vespera. O terreno continuava accidentado, mas era preciso seguir n'elle.

Ao descer uma eminencia, as rodas de um lado do wagon entraram n'um sulco profundo e o wagon tombou, ficando encostado a duas arvores que lhe ampararam a queda. Eu já desconfiava que o meu Stanley não prestava para nada, mas tive a convicção d'isso no primeiro embaraço que encontramos. O homem, ao vêr o wagon tombado, sentou-se, fechou as mãos na cabeça e julgou-se perdido.

Mandei dejungir os bois, e fui estudar a maneira de levantar o carro sem o despedaçar. Augusto, Verissimo e Camutombo foram cortar tres fortes e compridas estacas que amarrei ao wagon e por meio de cordas dadas ás arvores do outro lado, consegui sustental-o na sua posição natural, empregando para isso apenas uma junta de bois.

Em seguida enchi o sulco com paus e folhagem, para que as rodas d'aquelle lado pudessem descançar ao mesmo nivel das do outro lado. Este trabalho durou mais de quatro horas, e quando consegui pôr o wagon em estado de rodar e mandei jungir os bois, ao primeiro esforço que elles fizeram, a corrente tirante partiu-se em boccados.

Nova demora, novo trabalho a ligar os elos da corrente partida com tiras de couro de girafa, isto debaixo d'uma chuva torrencial, e o meu Stanley sempre pasmado e sem saber o que havia de fazer.

Consegui partir ás tres horas e meia, mas tive que parar logo depois, porque o temporal recresceu, e o terreno argiloso encharcado não permittia o rodar do wagon, que, muito abalado pela queda, se desfazia em pedaços. A tempestade foi horrivel até ás 10 horas da noite, e durante duas horas os raios cahiam muito proximos, lascando as arvores da floresta. O terreno, sempre accidentado, é coberto de matta espessa, que vegeta n'um solo de argila muito plastica.

# PEKIN E O NORTE DA CHINA

POR

M. T. CHOUTZÉ

(Continuação da folha 29 — 3.º anno)

UM PODEROSO meio para alcançar o fim desejado é ainda o flexionar com grandes esforços. A mãe, apoiando no joelho a face inferior do semi-cylindro de metal, agarra com uma das mãos o calcaneo e com a outra a parte anterior do pé e esforça-se para o dobrar.

Diz-se que com estes esforços algumas vezes se produz uma fractura (uma luxação?) dos ossos do tarso; se tal não se consegue batem com uma pedra sobre o peito do pé até que a lesão se produza.

Emfim, em certas provincias dizem ser uso tirar um osso, provavelmente o scaphoide, quando este depois de repetidas operações, sem duvida já quebrado, irrompendo pelos tecidos molles, torna possível uma operação, sem o que nunca os chinezes a fariam.

Desde o principio do segundo periodo substituem o calçado de sola chata por uma bota de sola pronunciadamente convexa. Esta bota ajuda primeiro, e depois conserva a concavidade da planta dos pés nos adultos.

Depois d'estas observações precisas, que os leitores e leitoras naturalmente acharam demasiadamente technicas e minuciosas, é necessario conhecer a causa d'este costume tão singular e barbaro.

Conta-se que uma imperatriz, illustre pelos seus vicios, e coxa de nascença, vivendo ahi pelo anno 1.100 antes de Christo, determinára que todas as mulheres chinezas participassem da sua disformidade. Mas esta origem é ape-

nas tradicional, pois que remonta a uma época anterior á destruição dos livros chinezes sob a dynastia dos Tsin, trezentos annos antes de Christo.

Dizem tambem que os chinezes tornam disformes os pés das mulheres para as obrigar a

estarem em casa. É mesmo esta a opinião geralmente seguida na Europa, todavia é preciso notar que, ao contrario dos paizes musulmanos, as mulheres chinezas nem estão reclusas, nem usam veu. As damas do harem passeiam diariamente em carruagem. Se a causa da disformidade fosse a vontade de ter as mulheres recolhidas, encontrar-se-hia essa ideia em trabalhos litterarios; mas tal não succede. Fica-se portanto reduzido a hypotheses. Parece que o mais simples seria sobre o assumpto interrogar um sabio chinez. Tem sido esse decerto o pensamento que tem acudido á maior parte dos viajantes; mas teem perguntado e nada teem sabido.

O unico facto positivo é que a pequenez do pé é o criterio, não direi da

belleza, mas do valor commercial da mulher. O sapato d'uma rapariga mostrado a um dos paes do futuro marido é um dos argumentos decisivos empregados, quando se discute a somma da compra. Olhar para o pé d'uma mulher que passa na rua é uma suprema inconveniencia; fallar n'elle não se faz entre gente bem educada. Nas pinturas chinezas o pé d'uma mulher está sempre escondido pelo vestido.



KIOSQUE NO JARDIM DA LEGAÇÃO DE FRANÇA, EM PEKIN — Desenho de Taylor, segundo uma photographia do doutor Morache

Estarão, como se tem dito algumas vezes, resolvidos os chinezes a abandonar tal costume? Eu duvido. Muitos imperadores da dynastia tartara teem promulgado decretos para prohibir aos chinezes o mutilarem as mulheres e os decretos teem sido letra morta. Os bispos, que teem nos christãos bem mais força moral que o imperador, teem condemnado em muitos mandamentos este uso, mas o resultado tem sido nullo, a não ser em alguns chinezes estabelecidos na Mongolia.

Apesar de todos os esforços, não se continua menos a torturar os pés e assim continuarão a proceder provavelmente até que o chinez, res-

peitando mais a mulher, n'ella veja a sua companheira e lhe distribua o seu verdadeiro papel na sociedade.

Oculos — Estojos das orelhas — Guarda-sol  
— Leque — Ventarolas

Depois de ter fallado do costume dos habitantes dos dois sexos de Peking, falta-me ainda indicar alguns artigos da *toilette*.

Os mais elegantes não são de certo os oculos, que com os seus grandes vidros redondos de cristal branco ou esfumado dão um aspecto verdadeiramente comico mesmo aos velhos.



CAPELLA DA LEGAÇÃO DE FRANÇA, EM PEKIN — Desenho de H. Clerget, segundo uma photographia do doutor Morache

Os mais curiosos, e que não se encontram, creio eu, em parte alguma do mundo, a não ser na China, poderiam ser recommendados ás nossas delicadas parizienses. Quero fallar dos estojos das orelhas. São uma especie de pequenos saccoes bordados exteriormente, e interiormente forrados de macia pelle, que servem para preservar as orelhas dos frios intensos.

Os nossos leitores já conhecem o cachimbo e o *narghilé* fumado pelas mulheres.

O guarda-sol, esse pôde-se dizer que é o companheiro inseparavel do chinez. Mas não imaginem que se trata d'um pequeno e curioso guarda-sol colorido, historiado, attrahente á vista e animando os passeios e as ruas com as suas cores garridas. Nada d'isso, o proprio elegante não usa senão um feio guarda-sol feito pelo modelo

dos nossos. Todavia vêem-se passar alguns de seda escarlata em que estão bordados a ouro caracteres chinezes; esses são presentes feitos a funcionarios, ao terminar o seu mandato, pelos administrados reconhecidos. Estes funcionarios teem em grande honra patentear os testemunhos de estima grangeados pela sua justiça e imparcialidade.

O leque, que tambem é um accessorio inevitavel da elegancia de um chinez, tem fórmulas e ornatos muito mais variados. Traz-se ao lado n'um estojo bordado; a cavallo mette-se no pescoço junto á nuca, apoiando a parte superior sobre a orelha direita. Mas seria um grave erro julgar que um leque é apenas um instrumento para refrigerar. Presta muitos outros serviços, e taes que um viajante até chegou a affirmar que

a historia dos costumes da China está completa nos leques; escrevem-se n'elles trechos de poesia, pensamentos philosophicos, uma lição que se tenha d'estudar, notas para ajudar a memoria, declarações d'amor, protestos d'amizade, elogios ao alto personagem a quem o leque se destina, phrases de reconhecimento. Em signal de affeição e mutua estima, dois chinezas trocam os seus leques. Tanto a arte chinesa como a calligraphia desenvolvem todos os seus recursos n'este leve e buliçoso objecto que anda nas mãos de todo o mundo, em quanto que nós exclusivamente o abandonamos ás damas. Olhae para o leque da vossa visinha ou visinho e ahi encontrareis uma scena da comedia mais em voga, um plano de Pekin, uma allegoria, uma paisagem correspondente a um trecho de poesia ahi escripto, flores representando a flora d'uma provincia, imagens santas com invocações, uma composição fazendo lembrar um acontecimento conhecido, por exemplo: o massacre de Tien-tsin.

Os leques em que se tinha representado este medonho acto de fanatismo foram prohibidos; mas, apesar da prohibição, vendiam-se clandestinamente em grande quantidade. O desenho representava o antigo consulado da França e a igreja de Tien-tsin pasto das chammas, as victimas massacradas por uma massa andrajosa e armada de compridas lanças e sabres e, para bem fazer comprehender que este crime se tinha commettido com a approvação da auctoridade da cidade, o artista chinez tinha representado este alto funcionario com as mãos nas mangas, assistindo em pé no seu palanquim aos assassinatos e incendios.

Depois do leque é necessario mencionar a ventarola. A que é feita com pennas de gavião é principalmente muito apreciada, quando n'ella entram pennas grandes d'esta ave, e quando as manchas brancas estão dispostas a formar desenhos regulares.

O imperador dá d'estes objectos aos seus preferidos. Mesmo sem serem honrados com inscrições authographicas da mão do soberano não são menos apreciados, pois que são sempre ornados pelo pintor aquarelista particular de S. Magestade, e não podem ser encontrados senão no palacio.

Tenho um que me foi dado por s. excellencia T. C., cuja esposa era dama d'honneur da imperatriz, esposa do imperador Tong-Tche. Esta ventarola de seda branca cercada por uma espe-

cie de caixilho de bambu é illustrada com duas pionias, uma cõr de rosa, outra cõr de violeta. Na China, a pionia é o emblema da belleza e a rainha das flores.

«Se se morre fitando-a, dizem os chinezes, a alma, depois da morte, conserva ainda a graça de tudo quanto adeja ao vento.»

As duas pionias da minha ventarola, que eu muitas vezes olho com prazer, são desenhadas a largos traços sobre seda com notavel firmeza de mão. A pionia cõr de rosa está pintada com uma delicadeza que contrasta notavelmente com o pesado colorido vulgar dos chinezes. Na superficie não pintada lê-se a dedicatoria authographica do que me presenteou: «A pionia é a primeira d'entre as flores; o illustre mestre pintor Chenne-tchéneline, isto é, a cõrte, presenteou-me com esta ventarola; a cõr das flores é brilhante; teem um tom de verdade que arrebatava. Escripto para s. ex.<sup>a</sup> Choutzé.»

Depois segue-se a assignatura. Voltando outra vez ao leque, direi que, por maior que seja o medo que nós os estrangeiros temos do ridiculo, na China acabamos sempre por nos abanarmos com um leque. Foi S. A. I. o principe Kong que me converteu.

N'um dia de calor asphixiante, fui visitallo ao conselho dos negocios estrangeiros, de que elle é o presidente. Eu tinha o rosto inundado de suor e como me estivesse enchugando com um lenço, o principe observou-me que o que eu estava fazendo de modo algum faria terminar a transpiração e que melhor resultado conseguiria e com menos trabalho, se me abanasse com um leque; ao dizer isto, fez-me a fineza de me offerrecer o seu leque; mas vendo que, por deferencia, eu não accitava, mandou-me buscar outro.

Declaro que me achei bem com o conselho e d'então em diante disse adeus aos meus escrúpulos europeus.

#### O principe Kong

Por esta occasião, creio convirá dizer que é a este alto personagem que o elemento estrangeiro deve o ter podido sustentar-se em Pekin e no resto da China ha quinze annos.

S. A. I. o principe Kong já não é novo; deve ter agora os seus cincoenta annos. É irmão do fallecido imperador Hien-foung que nos declarou guerra em 1859, e cujo filho, o imperador Tong-tche, morreu o anno passado na idade de dezoito annos. Apareceu pela primeira vez na

scena politica em 1860, quando rebentou a guerra. Desde então tem conservado a presidencia do conselho dos negocios estrangeiros, de que s. ex.<sup>a</sup> Ouène-siang é o secretario geral.

Não devo omittir algumas noticias circumstanciadas sobre estes dois dignatarios que, com o visorei do Tchely, Litchoung-tang, são sem duvida, na China, os individuos mais notaveis da época e estou prompto a tratar do assumpto, se o leitor me quer acompanhar ao Tsong-li-yamen, palacio dos negocios estrangeiros, na Tsiène-tze-hou-tong, o que em portuguez quer apenas dizer, *rua da Moeda*.

O ministerio dos negocios estrangeiros—Illusões patrioticas dos chinezes—As visinhanças do palacio—Uma creança terrível de Pekin—Verdadeiros sentimentos dos chinezes a respeito dos diabos—Formalidades d'uma apresentação—O principe Kong—O seu caracter.

Em 1861, era no pagode Kia-chigne-sse, situado ao norte da cidade tartara, que o principe Kong dava audiencias aos diversos representantes das potencias occidentaes. Mas, posto que não se tenham segredos para os deuses que ainda escutam aos muros d'este velho templo, e posto que nunca a sua discrição fosse posta em duvida, o governo chinez consentiu em ter um palacio dos negocios estrangeiros, exactamente como Paris tem o seu e Londres o seu Foreign-office.

Em principio, os chinezes teem tudo quanto nós temos. Se se pergunta a um habitante de Pekin que visite Paris:

—Ha lá canos d'esgoto como os nossos?

Responder-vos-ha imperturbavelmente:

—Sim.

—Teem lá palacios como os que vê aqui, o de Versalhes, por exemplo?

—Sim.

—Tem lá largas estradas, amplas avenidas como as nossas? Regam as ruas? O macadam é lá usado?

—Sim.

—Ha policia permanente nas vias publicas?

—Sim.

—Lá as ruas são illuminadas?

—Sim.

—Ha lá omnibus, carroagens de praça, trens puchados por um só cavallo e por dois?

—Sim.

—Teem ministerios?

—Sim.

—Teem jornaes, theatros, concertos?

—Sim, sim, sim.

—Emfim ha lá um ministerio dos negocios estrangeiros?

—De certo e tambem temos a polvora e a bussola; mas, posto que uma e outra inventasemos, uma não é melhor que a outra.

Assim os chinezes teem tudo o que nós temos; mas o que não dizem sempre, é que, á excepção infelizmente do macadam, só possuem o que nós temos em estado d'embrião e o mesmo succede com o palacio dos negocios estrangeiros em Pekin.

O palacio dos negocios externos, conhecido pelo nome Tsong-li-yamène está situado, já atraz o disse, na rua Tsiène-tze. Chega-se lá seguindo a grande avenida para a qual dá a porta sudeste da cidade tartara; e, depois de ter passado um immenso arco de triumpho, volta-se para este á esquina d'um pagode facil em reconhecer pelos seus elevados mastros. Está-se então na rua Tsiène-tze, estreita, pouco limpa, flanqueada de casas burguezas que, conforme a moda da capital, só teem um pavimento ao rez do chão, com uma unica abertura para a rua, a porta.

Caminhando por esta rua, d'oeste para este, chega-se a uma porta de fraca apparencia, habitualmente aberta e pejada com homens que levam palanquins com picadores e outros serviçaes. Toda esta gente bem vestida é em geral tão mal educada como os nossos guarda-portões. Difficilmente se consegue que abandonem o cachimbo, que deixem o jogo e se levantem, quando passa algum occidental de distincção.

Talvez que os amos sejam culpados d'estas grosserias, e para sustentar esta hypothese contaram-me que um funcionario europeu, jantando um dia em casa d'um dos membros mais respeitaveis do Tsong-li-yamène, pediu para vêr o neto do seu amphitryão, creança de tres para quatro annos: ao vêr o estrangeiro a creança exclamou:

«Isto é que é um diabo (konei-tze), não é verdade, avòsinho?»

Que se julgue da atrapalhação em que ficou o diplomata chinez.

Este factó insignificante não nos fará crêr que os homens d'estado chinezes, quando em sua casa, em familia, fallam de nós com muito menos respeito do que quando estamos presentes?

Em resumo, a consideração que nos dão é sempre tida como compromettedora e por isso desejam prestal-a longe das vistas publicas,

n'uma rua afastada, ao fundo d'um terceiro pateo d'uma casa com a apparencia excessivamente burgueza.

No centro do primeiro pateo, cheio de palanquins e de carroagens dos membros do conselho, e em frente da porta d'entrada, ha um portico, nas duas frentes do qual, segundo a ordem hierarchica do visitante, pára o cavallo, a carroagem e o palanquim de cada um.

Não descaes ainda. O vosso enorme bilhete de visita vermelho annunciou a vossa chegada; estão a preparar-se para vos receber, e só depois de cada um estar no seu posto, é que a porta do portico com ruido se abrirá.

Um porteiro grita «Tsigne», o que quer dizer: pedem-vos que entreis.

Reparae se a porta foi completamente aberta, e, se sois um alto personagem não entreis sem que o seja: seria um signal d'inferioridade.

Eis-nos n'um outro pateo percorrendo uma galeria que o circumda. Á direita muitos membros do conselho estão esperando-vos.

Emquanto continuas caminhando, os vossos guias interessam-se pela vossa saude, até que chegas a uma nova galeria

circumdando um terceiro pateo arborisado, e no centro do qual ha um pavilhão rodeado de rochedos artificiaes.

Junto da escada de tres degraus que dá accesso ao pavilhão, está um personagem. É chinês, é tartaro? Póde ser uma e outra cousa. O seu vestuario é simples. O vestido de gaze cinzento claro está preso na cinta por um cinto com fivela d'esmeraldas. A estatura é elegante; a physionomia um pouco felina deixa adivinhar o desdem altivo e a aspereza affavel; o olhar, quando vos fixa, é um pouco convergente. O nariz é fino, o bigode raro; as sobrancelhas parecem querer carregar-se para exprimir impaciencia; a sua mão comprida e afilada e as extremidades peque-

nas fazem adivinhar uma natureza aristocratica; no seu chapeu conico, coberto de franja de seda vermelha, não se vê comtudo o globulo de coral rosa, insignia dos altos funcionarios; só usa d'um laço de cordão de seda vermelha. A vista d'este personagem faz-vos parar. Deveis saudal-o? Hesitaes: de repente, um sorriso dá a esta physionomia uma expressão affavel e tira-vos do embaraço. Faz para vós um passo e com um gesto gracioso convida-vos a entrar.

Aquelle que está deante de vós é S. A. I. o principe Kong, tio do imperador reinante.

Moralmente caracterizou-se pelo seguinte facto que me foi narrado.

Em 1870, quando uma guerra sanguinolenta devastava a França, o principe Kong visitava, não sei em que occasião, todos os representantes diplomaticos estrangeiros. Foi pela legação da França, a primeira que lhe ficava em caminho, que começou as visitas. Aca-bava de ser conhecido o desastre de Sédan. O conde de Rochechouart, então encarregado de negocios da França, participou esta grande desgraça ao principe. Este chamou um dos officiaes da comitiva e disse-lhe:

«Leve este bilhete de visita á legação da Prussia. Diga que só lá posso ir amanhã».

Depois voltando-se para o conde de Rochechouart, disse-lhe:

«No dia em que dou os sentimentos ao representante da França, não posso decentemente felicitar o representante d'Allemanha.»

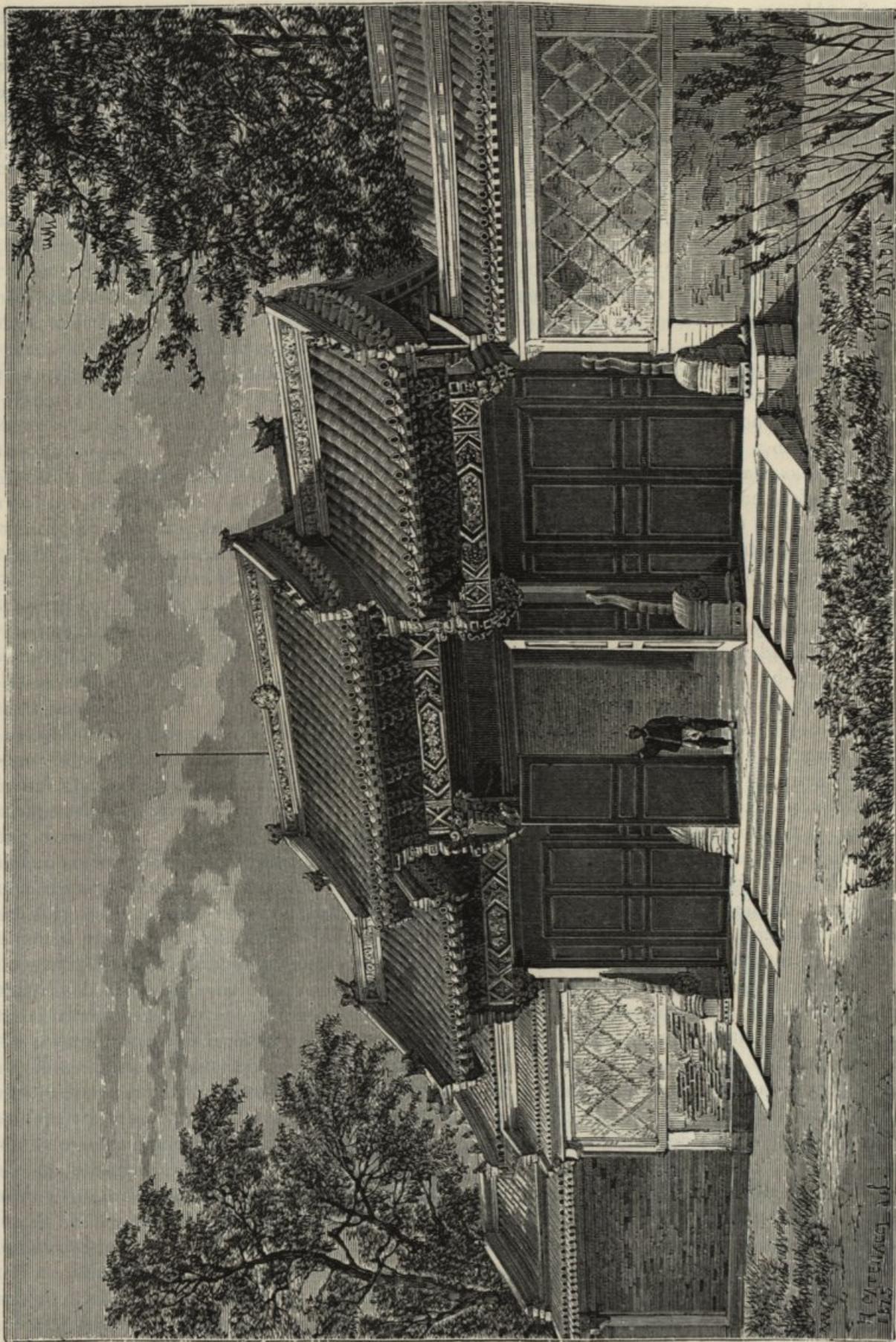
O principe Kong seria principe em toda a parte.

O pavilhão das recepções diplomaticas— Sua excellencia Ouène-Siang— O dia d'um ministro chinês— O que se diz no palacio do ministro dos negocios estrangeiros.

O pavilhão onde o conselho recebe é formado por caixilhos gradeados, cobertos com papel



INDIGENA DA COREA — Desenho de E. Roujat, segundo uma photographia do doutor Morache



PORTA DO PATEO PRINCIPAL DA LEGAÇÃO DE FRANÇA — Desenho de H. Catenacci, segundo uma photographia do doutor Morache

da Corêa. Algumas sentenças em caracteres brancos sobre papel vermelho e quatro lanternas de vidro, quadradas, de bastante mau gosto, são os unicos ornatos d'esta sala; é forrada de papel branco e a mobilia é d'uma grande simplicidade. Compõe-se d'um canapé de dois logares, como o que vi em casa do visorei de Tien-tsin, de oito ou dez tamborettes grosseiros, cobertos com um tecido de linho e esteira, d'uma grande meza redonda, collocada no centro da sala, e emfim de bancos que são occupados pelos mais novos do conselho, quando os tamborettes em volta da meza estão occupados pelos decanos.

Se se vae alli com sentido de tratar de negocios, apenas chegado qualquer, servem-lhe uma refeição. O conselho talvez queira provar-vos que está prompto a fazer concessões ás ideias occidentaes; mas, na realidade, elle apenas vos concederá garfos, em vez de pausinhos, para apreciar as iguarias com que aquelles senhores vos encherão, o prato e copos em vez de chicharas para beber o vinho de Chao-chigne. N'esse dia é forçoso contentar-vos com banalidades porque, ao primeiro symptoma de politica, convidar-vos-hão delicadamente a beber um copo de vinho ou far-vos-hão um brinde a que tendes de corresponder. Os criados estão atraz dos convivas, immoveis como estatuas, e não sabeis se podeis fallar deante d'elles.

Se não conheceis a lingua chineza e precisaes d'um interprete, bem cá de dentro lastimo um e outro. O tempo gasto em traduzir é todavia outro tanto tempo ganho para as vossas reflexões; mas o interprete (que da succulenta refeição só tem a possibilidade de comer algumas pevides de melancia, que vae descascando em quanto falla) é interrompido por objecções feitas por tres ou quatro boccas differentes, antes que tenha tempo de as traduzir. Faz as perguntas, dá as respostas, falla por dois, e muitas vezes é obrigado a pedir que lhe não cortem a palavra. Tendes tambem de o interromper para lhe perguntar o que este ou aquelle objectou, e emfim, para cumulo da desgraça, se encarregaes o interprete de dizer uma cousa mais amarga, é certo que a elle, que é apenas a bocca que falla, deitarão as culpas; é sobre elle que cairá a tormenta que despertasteis, pois que é elle que falla ou que, conhecendo a China, pois que lhe sabe a lingua, influiu em vós ou deixou que dissesseis alguma cousa contraria ás ideias chinezas.

É inutil o zangar-vos. A colera faz sempre rir os chinezes e um d'estes senhores offerecer-vos-hia um novo copo de vinho, insistindo para que bebesseis; desesperando então do bom exito das negociações, addiariéis para outra vez o converter a China ás sãs ideias do progresso. Apesar de tudo, acompanhar-vos-hão ao vosso palanquim com tanta delicadeza como tiveram ao receber-vos, e podereis voltar e continuar do mesmo modo, até que apanheis uma indigestão, ou que sejaes substituido nas vossas funcções.

Apesar d'este quadro pouco risonho, o conselho dos negocios externos em Pekin é composto d'homens muito serios, com os quaes ha meio de nos entendermos. Geralmente, quando se trata de questões graves, os representantes estrangeiros aprasam uma entrevista com dois ou tres membros do conselho. Depois de se ter servido o chá e os cachimbos, os criados são mandados embora, e então falla-se com verdadeiros homens politicos, que sabem escutar, responder, raciocinar e que nunca vão além da mais requintada delicadeza.

O mais occupado de todos, sua excellencia Ouène-Siang, o primeiro homem d'estado da China, não ficaria deslocado n'um ministerio europeu. Zelando o mais possivel os interesses da dynastia tartara, este eminente personagem, já fatigado pelos annos e trabalhos intellectuaes, trabalha durante metade das noites, levanta-se ás quatro horas da manhã para successivamente ir ao conselho privado, ao grande secretariado do imperio e ao conselho de ministros, o que o faz estar no paço até ás 10 horas da manhã; d'aqui vae a sua casa onde se demora mui pouco tempo e corre para os exames litterarios, para os exercicios militares e depois para o ministerio dos negocios estrangeiros, onde decora o mais insignificante documento emanado das legações estrangeiras. Dirige os redactores, elle proprio redige os documentos mais importantes e os relatorios para o imperador, e, se lhe pedis uma entrevista, fallará uma hora, duas e mesmo tres, ás vezes impaciente da divergencia d'opiniões, mas nunca por causa do tempo que se vê obrigado a dar-vos. Se tiverdes abusado dos seus preciosos momentos, nada o trahirá, nem mesmo na sua physionomia a sombra do enfado se apresentará, e quando vos despedis nunca se esquecerá de dizer: «É ainda cedo; tome uma outra chavena de chá.» Fosteis vivo na discussão, com o mesmo sorriso se despedirá, e assim é sempre, seja qual fôr a cathegoria d'aquelle a quem deu

audiencia. Quantos ministros na Europa, muito menos occupados, só vos recebem de pé!

O Oriente é delicado, e tanto, que o proprio principe Kong, chamando um secretario de categoria subalterna, não lhe dá uma ordem deante d'estrageiros sem se levantar um pouco da cadeira. As nossas maneiras parecem-lhe um pouco mais selvagens e por isso, em geral, n'este paiz, onde a fôrma é considerada como a expressão do fundo, está-se pouco disposto a acreditar na nossa superioridade.

Voltando ao local em que se fazem as recepções, um diplomata ousou qualificar-o de *capoeira* deante dos membros do conselho; o dito, affirmam, foi ouvido com muita philosophia.

Nós conhecemos os assumptos que actualmente interessam cada uma das potencias estrangeiras representadas em Pekin.

A Inglaterra falla da revisão do seu tratado de 1860 e da liberdade de navegação nos rios interiores, d'abertura de novos portos de commercio, da supressão dos impostos de guerra lançados nas mercadorias estrangeiras contra a letra expressa dos tratados, d'uma diminuição nos direitos d'entrada do opio, da exploração das minas de carvão, na criação de caminhos de ferro, e em outras cousas d'interesse particularmente commercial.

A Allemanha falla na navegação e na supressão da pirataria nas costas da China.

A America occupa-se do seu immenso commercio e dos interesses das missões protestantes.

A Hespanha defende a emigração chinesa para a ilha de Cuba.

A França, «que só exporta ideias», disse um homem d'espírito, a França conquista para os chinezes a liberdade de consciencia e para os quinhentos missionarios, que protege nas dezoito provincias da China, o direito de livremente prégarem a religião catholica.

A Russia falla em fronteiras; espera sem impaciencia que as suas tropas, depois de terem conquistado Kouldja aos musulmanos chinezes revoltados, sejam rendidas por um exercito chinês que nunca lá chegará, separado como está de Kouldja pelas tropas do seu muito terrível inimigo, o emir Atalik Ghazi, tambem chamado Jacoub-bey.

E a China o que quererá ella? perguntar-me-hão.

É bem simples: quer a restricção de todas as liberdades de que os estrangeiros pedem a

ampliação, e no Oriente, mais ainda do que em outra qualquer parte, quem não avança retrograda.

Relações do Japão com a China—Processos diplomaticos do Oriente—Um traço da politica japoneza: as ilhas Lieou-tsicou—Instincto d'imitação dos japonezes.

Como se vê o exercer altas funcções na diplomacia chineza não deve ser uma sinecura, e, comtudo, não fallei de todas as nações em relações com a China, do Japão por exemplo. Este visinho nada diz, mas nem por isso deixa de dar grandes cuidados á diplomacia chineza, a quem nada tanto assusta como as suas proprias apprehensões.

O silencio e a reserva para nós não são o mais das vezes senão artificios superficiaes, mas o mesmo não succede com os japonezes que além d'isso, sendo da mesma raça que os chinezes, conhecem por intuição a maneira de com elles tratar.

E, com effeito, na politica oriental parece-me difficil de proceder melhor do que os orientaes procedem entre si. Nunca se zangam, nunca discutem; falla-se de coisas completamente indifferentes e assim se continua até que vos perguntam o que desejaes; ainda não é n'essa occasião que deveis fallar. Esta situação prolonga-se, até que emfim vos offerecem o que desejaes. Feito isto, é occasião de negociar concessões com concessões. Os japonezes em 1874 não procederam d'outro modo em Formosa, e todos sabem que isso não lhes custou caro. Para robustecer o que avanço, citarei tambem o que os japonezes fizeram relativamente ás ilhas Lieou-tsicou.

As ilhas Lieou-tsicou estavam, segundo parece, sob o dominio d'um certo principe de Satzouma o qual, entre a China por um lado e o Japão pelo outro, julgou-se obrigado, para gosar de paz, a reconhecer-se vassallo dos dois paizes. Pagava ao imperador da China um tributo a occultas do governo japonês e um tributo ao mikado ás escondidas do governo chinês. Ha dois ou tres annos um navio de guerra inglez naufragou nas costas de Lieou-tsicou. A tripulação foi soccorrida pelas auctoridades e habitantes. A rainha d'Inglaterra para galardoar o bom procedimento do principe de Lieou-tsicou mandou um official para lhe entregar um relógio de valor. Qual não foi o espanto d'este official ao desembarcar vendo os uniformes occidentaes dos soldados japonezes! Como explicação, disseram-lhe que tinha chegado muito tarde e que as ilhas

Lieou-tsieou estavam sob a jurisdição d'um governador, nomeado pelo Japão. O official tornou a trazer o relógio.

O governo chinês está sem duvida em negociações com o governo japonês. Lieou-tsieou pertence-me, deve dizer um. Não, é meu, deve dizer o outro. Tudo isto será dito no tom mais sosegado e com o sorriso nos labios; são os melhores amigos do mundo, e repetem-o, tomando chá juntos.

Se a diplomacia é para a moral o que a medicina é para o corpo, isto é, o conhecimento dos temperamentos e a arte de lhes applicar a dose conveniente de medicamento, é forçoso confessar que chinês e japonês, filhos do mesmo Oriente e conhecendo-se por conseguinte como se conhecem irmãos, devem saber melhor a dose que convém ao seu temperamento respectivo. O direito das gentes de Wheaton, de que lhes demos uma excellente traducção feita pelo doutor Martin, é apenas nas suas mãos uma arma que brandem contra os Occidentaes que crêem, na sua muita boa fé, e, apesar da sua já muita experiencia, que para chegar a um accordo é necessario principalmente conversar.

Para chinês, chinês e meio! O japonês é o chinês aperfeiçoado. Proprio não tem cousa alguma; nem litteratura, nem arte, nem philosophia, nem industria. Os japonezes adquiriam tudo isso da China, até que um soberano japonês prohibiu aos seus subditos o terem quaesquer relações com os habitantes do Celeste Imperio. Depois, no seculo dezesete, a China cahiu nas mãos dos Tartaros Manchous. Os costumes da dynastia dos Ming desapareceram rapidamente, e foi no Japão que os fomos encontrar, quando em 1860 fomos lá negociar tratados.

Os japonezes tinham passado muito bem sem os seus visinhos; e agora que os americanos ficam mais proximos os japonezes fazem-se Anglo-Saxonicos como outr'ora eram chinezes. Escandalisam assim os seus antigos irmãos da China, que parecem renegar, preferindo os nossos costumes aos com que tinham sido dotados pela Terra das Flores.

Porque usam o traje occidental? perguntava um ministro chinês a um secretario da embaixada japonesa. Somos da mesma raça e deveriamos ter o mesmo respeito pelas tradições dos nossos avós.

«Oh! respondeu o secretario, effectivamente o traje estrangeiro não é bonito; mas é tão commodo para a gente se bater!»

A escola das sciencias occidentaes—O doutor Martin—Os seus trabalhos—Creações importantes—Inspeção das alfandegas—Serviços prestados aos chinezes por esta administração.

Duas administrações muito importantes se ligam immediatamente com o ministerio dos negocios estrangeiros: a Escola das sciencias occidentaes reunidas, chamada Tong-ouène-Koane e a inspeção geral das alfandegas maritimas.

A primeira d'estas instituições, fundada em 1863, ao principio apenas era uma escola de interpretes d'inglez, francez, allemão e russo. Pouco a pouco ao ensino das linguas foi-se juntando o das mathematicas, d'astronomia, da chimica, da physica, d'anatomia, da historia natural. Este grande estabelecimento, á frente do qual está um sabio americano, o doutor Martin, tem numerosos discipulos, que dão honra aos professores, entre os quaes citarei M. Billequin, professor de chimica. É um dos discipulos mais distinctos de M. Payen; fez um *curso completo de chimica* em lingua chinesa. Uma tal obra é um trabalho prodigioso, pois que o seu author teve de crear palavras com que designasse na lingua chinesa as substancias até agora desconhecidas n'aquelle paiz.

Os discipulos do curso de francez teem por professor M. Vapereau. Os excellentes resultados por elle já obtidos fazem esperar que n'um proximo futuro os seus discipulos serão chamados pelo governo chinês a desempenhar um papel importante nas suas relações externas.

O dr. Martin, director do collegio internacional, é infatigavel; todos os annos faz alguma innovação, com o fim de fazer desmorronar a velha muralha de preconceitos que separa o oriente do occidente. Com as trocas feitas com os governos occidentaes arranjou uma bibliotheca internacional. Creou uma magnifica typographia de typos moveis. O governo chinês foi por tal modo seduzido por este estabelecimento que lhe confiou a impressão de uma immensa obra, *A historia da rebellião de Nanhin*, com todos os documentos relativos ao Taiping. Fundou um jornal chinês illustrado, uma especie de *Magasin pittoresque*, destinado a esclarecer o povo sobre o occidente. Creou uma officina de encadernação. Cada anno se implanta um novo progresso, precioso a todos os respeitos.

(Continúa.)

# COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

SEGUNDA PARTE

## A FAMILIA COILLARD

(Continuação da folha 31 — 3.º anno)

**N**O DIA 18 parti ás seis da manhã, e meia hora depois entrava n'uma planicie completamente encharcada, e onde as rodas do carro se enterravam na argila até aos cubos. Fazia-se um kilometro por hora n'aquelle terreno difficil.

Ás 10 horas pude alcançar uma pequena eminencia, mais enxuta, onde parei.

Estava junto á margem esquerda do Limpôpo, conhecido alli pelo nome de Rio dos Crocodillos.

Fui logo ao rio, que tem alli 50 metros de largo, com uma corrente de 30 metros por minuto. Não tinha meio de lhe avaliar a profundidade.

O tempo tinha melhorado, e eu, ao deixar o rio, segui parallelamente á margem, deixando Fly ir a passo, as redeas largas e pendentes.

De repente, o meu fino cavallo fitou as orelhas, rinchou e precipitou-se de um salto no meio do esteval, começando em uma carreira desenfreada. Sem saber explicar o caso sobresaltei-me e tentei sustel-o, mas elle não queria obedecer ao freio.

Nada tranquillo e pensando que o nobre animal fugia por evitar um perigo, estava perplexo quando percebi diante de mim um rumorejar

nas estevas, e vi os cornos retrocidos de alguns *ongiris*.

Percebi tudo; eu não fugia, perseguia. Desde esse momento comecei a ajudar o cavallo, que ganhava terreno sobre os ligeiros antilopes.

Quanto tempo durou aquella corrida vertiginosa não sei. Passei matas, onde ficaram os restos dos meus andrajos, com alguma pelle do meu corpo, passei clareiras e planicies, onde os antilopes e cavallo se atascavam em lodo. O cavallo ganhava terreno, mas lentamente; só tarde me acerquei dos *ongiris* e pude atirar-lhes. Um cahiu, e os outros seguiram mais ligeiros ainda, instigados pelo medo que lhes causou o estampido do tiro.

Fly parou, e foi cheirar o animal, que se estorcias nas vascas da morte, com o mesmo prazer com que o faria um cão de caça.

Onde estava eu? Onde me ficava o wagon? Não o sabia, porque não

sabia a que rumos tinha andado.

Isso preocupava-me um pouco, mas eu lembrei-me de caminhar a leste até encontrar o Limpôpo.

A esse tempo, um enorme temporal cahiu



UMA VEDETA DO REI CAMA—Desenho de Y. Pranshnikoff, segundo o texto

sobre mim. Era-me impossível carregar o antilope sobre o cavallo, porque não tinha força para isso. Decidi abril-o, e tirar-lhe os intestinos, a vêr se então o poderia elevar do solo.

Bastante pratico no serviço de magarefe, em breve conclui aquelle trabalho.

A minha esperança não foi perdida, e pude, ainda que a custo, guindar o animal sobre o arção, onde o amarrei.

Puz-me a caminho para leste, mas Fly embirrou em querer caminhar ao norte, e comecei a pensar que talvez o cavallo tivesse mais razão do que eu, e deixei-o tomar aquelle rumo. Uma hora depois avistava o wagon, onde a minha gente não estava sem receios, pela demorada ausencia que tive.

Era já tarde, e estava extenuado de fadiga: por isso decidi ficar n'aquelle ponto. Ao anoutecer appareceram alli uns pretos do regulo *Sesheli* que iam a *Shoshong*, e por elles escrevi ao missionario Coillard, a prevenil-o do mau estado dos caminhos, e a dizer-lhe que não se guisse o meu rumo.

Durante a noite cahiu uma horrorosa tempestade, e de novo ficamos encharcados. Apesar d'isso a fadiga do dia trouxe o somno e dormi profundamente, para acordar com uma dôr horrivel no sangradouro do braço direito. Levantei a manga da camisa, e fiquei tremulo ao vêr um enorme escorpião negro que me picara o braço n'aquelle ponto mesmo, sobre a arteria brachial. Era impossível sarjar sem ferir a arteria, empregando para isso a mão esquerda, com a qual sou pouco geitoso, e o receio de aggravar a situação fazendo algum disparate; levou-me a decidir não fazer nada. Em poucos minutos a inchação era enorme e as dôres violentissimas.

No maior desespero, tomei tres grammas de hydrato de chloral e cahi em modorra.

Era alto dia quando sahi d'aquelle somno, provocado pelo poderoso anesthesico.

As dôres tinham abrandado, e só existia uma inflammação local, com um tumor do tamanho de uma ervilha no sitio do ferimento, tumor que só desapareceu mezes depois.

O engorgitamento dos tecidos era grande, e tolhia-me os movimentos.

Apesar d'isso, ainda fui caçar n'esse dia, e tanta caça encontrei que resolvi ficar alli. Matei dois leopardos.

A noite foi de tempestade, e os insectos torturaram-me.

Alguns leões rondaram o campo, e fizeram-

nos estremecer com os seus rugidos estridentes.

Seguimos às 8 horas do dia 20, mas o terreno argiloso, encharcado da chuva, pegava-se às rodas do wagon, e formava blocos que as impediam de girar, sendo a cada momento preciso tirar-lh'os a machado.

Foi um fadigante labutar, e às 10 horas parei, porque estávamos todos extenuados de fadiga. A chuva cahia forte, e só pudemos de novo pôr a caminho o wagon às 2 horas, parando às 4 e meia junto do rio Ntuani.

Ao chegar alli uma triste decepção nos esperava. O rio Ntuani, que é um riacho sem importancia, e quasi sempre secco, tinha 60 metros de largo, e deu-me, nas sondagens que fiz junto á terra, 7 metros d'agua.

Impossível era atravessal-o com um wagon, antes de muito tempo.

Tratei, pois, de acampar alli, e construi para isso um bom acampamento, de barracas cobertas de herva.

Havia muitos dias que eu andava completamente molhado, mas felizmente a minha saude não se ressentia d'isso.

A nossa posição era melindrosa, porque tínhamos falta de viveres, e havia já dois dias que estávamos reduzidos a uma alimentação puramente animal, e só tínhamos para comer a carne da caça que eu matava.

Não havia perigo da fome, e eu não reciava d'ella em paiz de caça como aquelle; mas comer só carne assada, sem sal nem outro condimento, é duro e pouco hygienico.

O tempo melhorou um pouco, e eu pude continuar caçando. Um inglez, em *Shoshong*, dera-me muitos cartuxos das armas Martini-Henry, que serviam perfeitamente na carabina d'el-rei, e eram os que eu então empregava com grande resultado.

Tínhamos carne em abundancia, mas eu já não a podia supportar.

Fazia uma nova collecção de pelles, e a facilidade que me offerecia o wagon para o transporte d'ellas, como a nenhuma necessidade que teria de as vender, deixava-me a esperança de que estas chegariam á Europa <sup>1</sup>.

Na manhã de 21 vi com prazer que o rio baixara trinta centimetros durante a noite.

<sup>1</sup> Effectivamente, a maior parte das pelles da innumera caça que matei então, chegou a Portugal, e só perdi algumas que cahiram ao mar, em Durban.

Comi uma perna de puti (*Cephalophus mergens*), saltei sobre o meu Fly, e parti para a caça. Na orla de uma matta marginal do Ntuani, o meu nobre cavallo começou n'um correr desenfreado. Eu já sabia que ia em perseguição de caça, mas não via nada.

Corri assim por meia hora, e só então avistei por sobre os arbustos do matagal uns pequenos pontos negros que se moviam com rapidez prodigiosa.

Era novo para mim o animal que perseguia, e só n'uma clareira me pôde ser a verdade revelada. Quatro abestruzes fugiam diante do meu Fly, que nem um só momento lhe perdia a pista, apesar das voltas furtadas que davam.

Entramos em planicie descoberta, e allí comeci a tomar um verdadeiro interesse n'aquella caçada de novo genero.

Fly era o meu mestre. Abandonei-lhe o freio, tomei as redeas do bridão, e deixei-o ir. O valente animal agradeceu-me o allivio que lhe dava com um relinchar de alegria e seguiu mais rapido.

As abestruzes, ainda que podendo produzir uma carreira mais veloz do que o cavallo, não a podem sustentar como este, e param a miudo. Era isso que me fazia ganhar terreno sobre as ligeiras aves.

Algum tempo depois já não era preciso mais do que o galope para as acompanhar, e chegaram a parar a sessenta metros de mim. Estavam alcançadas, e na primeira corrida poderia atirar-lhes.

Assim foi, e pouco depois a carabina d'el-rei fazia ecoar na planicie o estampido da sua dupla descarga.

Junto das enormes aves estava eu perplexo, e sem saber o que fizesse, deixava pastar o meu nobre cavallo, quando me appareceram Augusto, Verissimo e Camutombo, que andavam caçando tambem e ouviram os meus tiros. Disseram-me elles estar perto o acampamento, e por isso mandei depenar cuidadosamente as abestruzes, e esperei o fim d'aquelle trabalho para voltar com elles ao wagon.<sup>1</sup>

Ao chegar allí verifiquei que o rio tinha descido setenta centimetros.

Ainda n'esse dia até á noite o nivel da agua baixou de quarenta centimetros, o que prefazia desde a vespera 1 metro e 40 centimetros.

Eu punha as minhas marcas n'um ponto onde a escarpa vertical me permittia medir as differenças de nivel, mas o meu Stanley não entendia assim, e espetava paus n'um sitio em que a barreira descia com inclinação suave, o que dava em resultado elle contar jardas quando eu contava centimetros. A cada momento elle vinha muito contente dizer-me que o rio tinha baixado dois pés.

O dia 23 amanheceu bonançoso e limpido, promettendo muito, porque o rio baixou dois metros e meio durante a noite. Senti logo de manhã uma grande gritaria, e indagando o caso soube que haviam desaparecido as botas do meu inglez, que se achava descalço. Depois de varias conjecturas sobre aquelle importante facto, elle chegou á conclusão de que os chacaes lhe tinham furtado as botas e as haviam comido. Eu nunca pude explicar o caso, mas elle explicava-o assim.

O facto era que o pobre homem tinha de continuar descalço, e eu nada lhe podia fazer, porque além de as minhas botas serem pequenas para o seu enorme pé, só tinha umas tambem.

Passei o dia caçando, e á noite pude fazer observações astronomicas, e determinar a posição da confluencia do Ntuani com o Limpôpo.

Durante esse dia o nivel da agua baixou de 1 metro e 60, mas durante a noite conservou-se estacionario, e tendo chovido na madrugada de 24, receei nova enchente. Muitas vezes ouvi a M. Coillard narrativas de casos identicos ao meu, em que um wagon tinha de estacionar junto a um miseravel ribeiro (tornado soberbo com as chuvas), por um mez e mais.

Essa ideia aterrava-me, e resolvi estudar o rio, a vèr se seria possivel a passagem do wagon.

Achei effectivamente um ponto onde a agua me dava pelo pescoço em toda a largura, e determinei passar allí.

Stanley, já habituado com o meu modo de decidir questões, começava a não achar nada extraordinario.

Assou-se muita carne, e almoçamos. Quando estavamos a terminar o almoço, ouvimos grande alarido na margem opposta, e vimos que chegavam um comboio de wagons e dois homens brancos.

Puz-me a observar o que elles faziam, e vi que depois de mandarem um muleque metter-se no rio, muleque que voltou á margem logo que a agua lhe cobriu a cintura, contentaram-se de

<sup>1</sup> Muitas d'estas pennas foram offerecidas por o auctor a sua magestade el-rei D. Luiz.

espetar pauzinhos para marcar o nível d'água, dejuiraram os bois, e acamparam.

Olhei para as minhas marcas e vi-as cobertas com um centimetro de agua. O Ntuani crescia de novo.

Descarreguei immediatamente o meu wagon, e mandei Augusto e Camutombo passar as cargas á cabeça, no sitio onde eu reconhecera o vau.

Os meus dois pretos pela sua força herculea, e pela destreza adquirida no habito de superar difficuldades, faziam a admiração dos dois brancos e dos negros que os acompanhavam.

Uma hora depois estavam todas as cargas na margem direita, e eu dava ordem a Stanley, espantado d'aquillo tudo, para jungir o gado.

Logo que tudo esteve prompto, fiz que Augusto se mettesse atravez do rio, levando a sogá dos bois da frente, que nadaram sem difficuldade, seguidos dos outros, sendo que tres juntas tomaram pé na outra margem antes de que o wagon entrasse na agua.

Era o que eu queria. Então gritei a Augusto e Camutombo para tanger, e n'um momento o wagon precipitou-se nas aguas do rio. Stanley, agarrado ao carro, teve um momento de enthusiasmo, e ajudou a manobra.

Eu logo que vi o wagon salvo na outra margem atirei-me vestido ao rio, e nadei para lá.

Chegado que fui, disse ao Catraio que me dêsse roupa enxuta, isto é, as unicas camisa e meias que eu tinha fóra do corpo, e fiz a mudança. Os dois europeus, que ao vêr-me chegar a terra caminharam para mim, suspenderam-se a dez passos, vendo que comecei logo a despir-me. Depois de mudar de roupa, penteei os meus longos cabellos e barba, que estavam encharcados.

Logo que terminei a minha *toilet*, os dois sujeitos acercaram-se e disseram-me os dois mais sonoros *Good morning, sir*, que tenho ouvido.

Correspondi ao cumprimento, e perguntei-lhes d'onde vinham. Disseram-me serem dois negociantes inglezes, M. Watley e M. Davis, e irem para *Shoshong*, tendo deixado Marico havia um mez.

Eu disse-lhes tambem quem era, e d'onde vinha. Ao saberem que eu chegava de Benguella os dois sertanejos não puderam conter a sua admiração, e disseram-me que já se não espantavam com o que me viram fazer alli n'aquella manhã.

Foram estes os primeiros cumprimentos que recebi pela minha viagem, e é-me grato o recor-

dal-os, porque foram aquelles que mais impressão me fizeram, pela rudeza com que foram formulados, e por virem de homens endurecidos nas lides africanas.

Dei-lhes caça, e elles deram-me uns biscoitos, chá, assucar e sal.

Passamos o dia no mais agradável convivio, e a 25 de manhã, depois de se terem encarregado de uma carta para M. Coillard, deixei-os, seguindo no meu caminho.

O rio tinha de novo tomado agua, e por isso deviam ter alli ainda muita demora, motivo porque M. Davis decidiu seguir só com alguns pretos para *Shoshong*, deixando com os wagons a M. Watley. M. Davis, no momento em que eu ia a partir, fez o que eu tinha feito na vespera, e atravessou o Ntuani a nado.

Parei junto ao Limpôpo ao meio-dia, depois de marcha de tres horas.

Muito fatigado, e precisando de pôr em ordem alguns trabalhos, não sahi a caçar. Estava sentado junto á margem do rio desenhando a paizagem, quando senti perto um tiro, e um *steinbok* passou correndo junto a mim, e precipitando-se no rio começou a nadar para a outra margem.

A agua, que em volta d'elle se tingia de sangue, e o esforço que empregava ao nadar, mostravam-me que ia mal ferido. Augusto appareceu correndo e chegou ainda a tempo de vêr o resultado do seu tiro. O antilope ia quasi attingir a outra margem, quando a agua se revolveu em torno d'elle, uma cauda verde-negra e dentada espadanou as ondas, e *steinbok* e crocodilo desappareceram no pego. Estava destinado que eu não provasse da saborosa carne do pequeno herbivoro.

Augusto, tão valente como bruto, queria por força ir matar o crocodilo, «que roubou minha caça», dizia elle.

O bom do preto estava furioso.

Ainda n'esse dia fiz uma jornada de uma hora, não indo mais além, por encontrar muita caça.

Já caçava mais para obter pelles do que alimentação, porque já abandonavamos a carne, tanta era ella.

O meu Stanley, depois que se viu sem botas, não sahia de dentro do wagon, e passava o tempo a comer e a dormir.

A 26, fiz, logo de manhã, uma jornada de cinco horas, subindo sempre a margem esquerda do Limpôpo.

(Continúa.)

# PEKIN E O NORTE DA CHINA

POR

M. T. CHOUTZÉ

(Continuação da folha 31 — 3.º anno)

**P**OLLEGIO está contiguo ao palacio dos negocios estrangeiros. O mesmo não acontece com a repartição de inspecção das alfandegas, estabelecida na rua Keou-Lane.

Esta administração data do anno de 1860.

A China devia pagar á França e á Inglaterra as despezas da guerra que estas duas potencias lhe tinham feito. Numerosos portos commerciaes acabavam de ser abertos ao commercio estrangeiro. Tinham-se decretado novas pautas. Combinou-se que o governo chinez pagaria aos dois governos um tanto por cento dos impostos sobre o commercio estrangeiro, e que seriam empregados europeus os encarregados da percepção dos direitos até ao integral pagamento da indemnisação de guerra. Graças ao rapido desenvolvimento do commercio occidental com a China, o pagamento completo d'esta divida tinha-se effectuado em 1867. Durante sete annos, o governo chinez poude apreciar os beneficios d'esta administração financeira, que lhe offerecia mais garantias e era de mais facil fiscalisação do que as administrações puramente chinezas, cujas malversações são proverbias.

O governo chinez não quiz prescindir da cooperação estrangeira, que tão leal e tão bem tinha zelado os seus interesses. E portanto as alfandegas maritimas dos por-

tos abertos ao commercio pelos tratados estão ainda entre as mãos d'um numerooso pessoal estrangeiro e chinez, funcionando em cada porto sob a direcção intelligente do inspector geral das

alfandegas, residente em Pekin, M. Robert Hart. Os agentes da sua administração, desde o director das alfandegas, até ao simples guarda, são largamente retribuidos, e por isso estes logares são muitos pretendidos pelos estrangeiros, pertencendo ao melhor mundo de todos os paizes. Os individuos admittidos como praticantes n'esta administração são obrigados a mostrar terem seriamente estudado o assumpto, e são obrigados ao estudo da lingua chineza e a exames periodicos muito severos.

Os direitos recebidos por esta administração em 1864 eram, em numeros redondos, no valor de sessenta e dois milhões de francos; e em 1874, dez annos mais tarde, no valor de noventa e dois milhões de francos.

Exactamente como M. Martin, M. Robert Hart diligencia trazer a China ás nossas ideias e aos nossos costumes modernos. Por exemplo, o palacio da Inspecção geral é illuminado a gaz, o que

permittedrá aos chinczes o dizerem, segundo a sua philaucia habitual: «Temos como vós o gaz.»



TIBETANO—Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia do doutor Morache

O observatorio — As suas origens — Um concurso entre musulmanos e jesuitas — O padre Verbiest — Os instrumentos do observatorio — O principe Toune — Chronica de Pekin — O *mont-de-piété* chinês.

Seguindo do oeste para este a rua Keoulane, onde mora o inspector geral, chega-se junto da porta Tong-tche-méne, que se abre na extremidade norte da muralha oriental de Pekin; e seguindo este muro pela parte interna da cidade, chega-se a uma immensa brecha que por uma rampa doce dá accesso para a parte mais elevada da muralha. D'este ponto, avistam-se ao sul as esferas e quartos de circulo que estão em cima da torre do observatorio.

O observatorio de Pekin é dependencia do tribunal das mathematicas, de que o quinto principe Toune-tcine-ouang, irmão mais velho do principe Kong, é presidente. Creado em 1279 pelo primeiro imperador mongol que reinou na China, o observatorio foi confiado a astrónomos de raça arabe que os mongols tinham mandado vir dos paizes conquistados no occidente. Desde então estes musulmanos transmittiram de pae a filho a direcção do estabelecimento; até principios do seculo dezesete, epocha em que os missionarios catholicos, e entre outros o padre Verbiest, chamaram a attenção do imperador Choune-tche sobre o progresso que as sciencias mathematicas tinham feito na Europa.

Por outro lado, o imperador Choune-tche, ouvindo os musulmanos amesquinhar a sciencia dos jesuitas, para saber de que lado estavam os ignorantes, recorreu ao seguinte estratagemma. Uma tarde fez collocar meia duzia de flechas sobre um muro voltado ao sul. Todas estas flechas irregularmente collocadas formavam com o muro um angulo differente.

«Dou-vos até amanhã ao nascer do sol, disse o imperador aos sabios rivaes, para calcular em que sentido se projectará a sombra de todas estas flechas quando soar meio-dia.»

Os padres jesuitas facilmente resolveram o problema, e esta victoria deu ao padre Verbiest a presidencia do tribunal das mathematicas, cargo que soube desempenhar com grande talento. O imperador encheu-o de titulos de nobreza para si e sua familia. O decreto foi gravado n'uma taboa cercada de dragões d'ouro, taboa que estava no observatorio e que hoje se pôde vêr na legação de França.

Foi o padre Verbiest que mandou fundir os magnificos instrumentos de bronze, que ainda hoje podem ser admirados, e que infelizmente o

governo chinês não consentiu que figurassem na Exposição retrospectiva de Paris, em 1867.

Entre todos estes instrumentos citarei principalmente um globo celeste de seis pés de diametro. O corpo do globo celeste é de metal fundido, apresentando uma superficie perfeitamente polida; as estrellas são bem feitas e collocadas segundo a sua disposição natural; todos os circulos são d'uma largura e d'uma espessura proporcional. Este globo está tão bem suspenso que o menor contacto lhe imprime um movimento circular, e que uma creança o pôde pôr em qualquer elevação, posto que peze dois mil arrateis. Uma larga base de bronze circular e concava tem em quatro pontos equidistantes quatro dragões informes; a cabelleira eriçada sustenta um horisonte, magnifico pela largura, pelo numero e delicadeza dos ornatos. Todos estes instrumentos para commodidade do observador, pois que a maior parte d'elles tem dez pés d'altura, estão cercados por degraus de marmore em amphitheatro.

O principe Toune parece desejar que os estrangeiros façam como elle, isto é, que nunca ponham os pés n'aquelle estabelecimento. Diz-se que um americano quebrára um fragmento dos ornatos de bronze d'estes instrumentos. O quinto principe só faz astronomia em casa e como amator. Diz-se até que só olha para as estrellas como os poetas; os seus calculos limitam-se á procura d'uma rima para cantar um ceu hypothetico que elle cria com bom vinho de Chaochi-gne. A sua modestia procurou-lhe um editor para as obras: é elle mesmo que as imprime em sua casa com uma parte dos caracteres moveis que os padres jesuitas tinham fundido para a côrte no seculo dezesete. Sua alteza imperial detesta a politica e não gosta tambem de se preoccupar com o dia d'amanhã. Por isso, muitas vezes, n'uns grandes apertos, tem de mandar empenhar objectos de seu irmão no *mont-de-piété*.

Estas informações provêm da chronica de Pekin, e em resumo são todas em abono d'este alto personagem, que prefere a pobreza aos cargos lucrativos que poderia exercer. É um titulo para verdadeira popularidade n'um paiz, onde grandes e pequenos tudo vendem em detrimento do povo. Além d'isso, nada mais commum em Pekin do que recorrer ao *mont-de-piété*. Todas as classes ahí depositam no inverno os seus vestuarios de verão e no verão os d'inverno; n'este caso, como os vestuarios são guarnecidos a pel-

les e com outros objectos preciosos, o estabelecimento fica responsavel pela sua boa conservação.

Uma vista das muralhas — Encontro de guardas — Uma partida de xadrez — Desafio de jogadores — O barbeiro de Pekin.

Do alto da muralha, mais alta que o observatorio dez ou doze pés, avista-se o conjunto das muralhas que cercam a cidade. Dir-se-hia uma immensa aldeia fortificada. As arvores são numerosas e cobrem os pateos dos pequenos rez-de-chão, que constituem as habitações dos habitantes de Pekin. Cada um tem a sua pequena casa, o seu pateo e a sua arvore. Já ha muito que isto assim não é na maior parte das nossas cidades occidentaes.

D'entre os monumentos mais elevados, cujos vertices se avistam n'este quadro vecejante, citarei primeiro.

Ao sul, na cidade chinesa, a cupula azul do Templo do Ceu.

A meus pés, as longas filas dos edificios parallelos, formando as dez mil cellas em que se fecham, separados uns dos outros, os aspirantes aos graus universitarios, quando se preparam para os exames por escripto.

No centro da cidade, os telhados amarellos e scintillantes do palacio imperial; os kiosques pendurados da montanha de carvão e o obelisco budhico coroando a colina banhada pelo lago do palacio.

Ao norte o Young-ho-kong, grande mosteiro budhico, antigo palacio mandado edificar pelo imperador Young-tcheng, quando elle apenas era principe herdeiro.

A oeste emfim, na outra extremidade da cidade, os pavilhões casernas das altas portas das muralhas destacam-se sobre um fundo de montanhas azues.

As muralhas de Pekin são defezas aos chinezes, só alli se encontram alguns guardas. Estes teem por unico salario a venda da açofeifa sylvestre que cresce nas muralhas, onde, de distancia a distancia, estão construidas as suas habitações, detestaveis choças em ruina, julgadas muito convenientes para tão infimos inquilinos. Estes guardas ficam sempre contentes quando vêem algum europeu nas muralhas. É uma occasião que se lhes depára de tomar relações com as nossas pequenas moedas de prata.

Não distante ha uma interrupção na muralha que permite descer. No fim encontramos-nos

n'uma praça para onde dá a entrada do primeiro pateo do observatorio.

Apenas entrei a porta, vi primeiro fugir tres ou quatro raparigas tartaras (sempre esquivas aos estrangeiros), e dei com dois guardas jogando o xadrez; um d'elles, por um movimento brusco, deixou cahir os oculos e fixou em mim os olhos piscos; o outro, de face mais amavel, sem deixar de fitar a pedra que tencionava jogar, disse-me por entre dentes que tinha ordem para não deixar entrar ninguem.

Pedi-lhe simplesmente licença para assistir á partida dos meus dois *velhos irmãos*; assim os designava o mais delicadamente possivel. Deram-me licença e tive mais uma vez occasião de ver jogar o xadrez á moda chinesa.

O taboleiro é dividido ao meio por uma facha da largura d'uma ordem de casas. Esta facha chama-se *ho* (rio); divide o taboleiro em dois campos de trinta e duas casas cada um. As peças são unicamente discos de madeira, pretos e brancos; em cada um está inscripto o nome que a designa. As peças não se collocam no centro da casa, mas sim no ponto d'intersecção das linhas que as determinam; de modo que apesar do taboleiro só ter oito casas á largura, cada ordem de casas pôde ter nove peças. O *tsiang* (general) corresponde ao nosso rei; dois *sse* (ministros) correspondem, cada um, á nossa rainha; dois *siangs* (elephantes) correspondem ao nosso bispo; dois cavallos e dois *tche* (carros) representam approximadamente as nossas torres: são estas as peças que occupam a primeira linha.

Na segunda, deante de cada cavallo está um *pau* (peça). A *peça* pôde saltar por cima das outras pedras, e é mesmo necessario que entre ella e a pedra que ataca haja uma outra. Assim, quando o *tsiang* (o nosso rei), coberto por uma pedra, é atacado por uma peça, livra-se do ataque pondo-se a descoberto.

Cinco *ping* (infantes) ou piões occupam as intersecções impares da terceira linha. Não ha pois piões nem deante dos ministros nem deante das peças.

Entre estas pedras ha umas que não podem atravessar o rio.

Os meus *velhos irmãos*, já em melhor disposição, em virtude da attenção que eu dava á partida, disseram-me que, se eu queria pagar a aposta da partida, a minha presença seria mais explicavel, pois se viesse um inspector e alli me visse isso custaria a cada um cincoenta varadas.

Accrescentaram que não eram muito exigentes, pois que unicamente jogavam a quem devia pagar ao barbeiro.

O barbeiro, a quem os meus velhos irmãos acabavam d'alludir, entrava justamente na occasião, trazendo ao hombro um pau, nas duas extremidades do qual vinha suspensa, d'um lado uma caixa cylindrica de pau com diversos compartimentos, e do outro um banco servindo tambem d'armarió com gavetas.

Vi allí mais uma vez que o sabão e o pincel são entre os chinezes substituídos por agua a ferver e um panno pardacento pouco invejavel.

Na China não ha como entre nós diferentes especies de barbeiros; não ha para todo o mundo senão uma unica cathogoria de barbeiros; é o mesmo para todos, seja qual fôr a classe a que pertencis. O barbeiro é quem vos lava a cara, quem vos barbeia, que vos rapa o cabello, vos arranca as sobrancelhas, quem com uma agulha vos visita um a um todos os poros da cara, e tudo isto pela bagatella de dois ou tres vintens.

Dei o valor de dois tostões e deixei os meus velhos irmãos, que, não esperando, provavelmente, tal excesso de generosidade, me agradeceram muito e me fizeram rasgadas despedidas.

Miserias do bairro do Observatorio—A grande rua de Ha-ta-méne — Scenas populares — Conversa entre dois pedreiros — Explicação d'um apparelho photographico — Para que recolhem as creanças os *diabos estrangeiros* — Enterro segundo os ritos.

Coisa alguma pôde reproduzir o aspecto miseravel do bairro do Observatorio, situado no angulo sudeste da cidade tartara. Ha alguns annos um incendio destruiu este bairro, que desde então cada vez mais se despovôa. N'uma grande area apenas se vêem ruinas. Apesar da ideia tida pelo governo chinez de prevenir o

despovoamento da cidade, prohibindo aos proprietarios das casas arruinadas que tirassem os materiaes, ninguem quer ir allí estabelecer-se de novo.

Atravessando este bairro, d'este para oeste, desemboquei na grande rua Ha-ta-méne, que percorrera para ir ao ministerio dos negocios externos. Não desgostei de novamente percorrer esta rua, que apresenta um grande numero de quadros variados e scenas populares dignas de

atenção. Ha sempre allí para o observador grande colheita a fazer. Os lados da rua não são ainda frequentados por carroagens; são-o mais por *omnibus*. Eu disse que os chinezes ainda não possuíam estes vehiculos, mas devo acrescentar que por *omnibus* se deve unicamente entender uma carreta puchada por um homem e que unicamente tem dois logares. Não são estes modestos vehiculos que podem incomodar as locandas que d'uma maneira permanente occupam os dois lados da rua, fazendo assim lembrar as barracas que por occasião do anno novo pejam os *boulevards* de Paris. Vêem-se allí orquestras, vendedores de chá, carniceros, dioramas, narradores de

historias, cantores populares, negociantes de *bric-à-brac*, nigromantes, phrenologistas, escriptores publicos, vendedores d'alfarrabios, vendedores de bebidas geladas, etc.

A maior parte d'estas barracas, d'aspecto extremamente variado, são abrigadas por um imenso guarda-sol quadrado, que se espeta no chão como o dos pintores, e cujo panno é de linho ou d'uma serie de bocados sujos de diversas côres convenientemente cosidos uns aos outros. Como amostra de remendões, estes guarda-soes fazem honra á paciencia chineza; mas em compensação dão a mais triste ideia da limpeza dos seus proprietarios.

Parece que n'um diorama, diante do qual eu



CHINEZ LETTRADO — Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia do doutor Morache

parei um instante, se viam coisas bem interessantes, pois que vi uma pequena rapariga tartara, tendo talvez doze annos, muito absorta na sua contemplação, tendo os olhos pegados á occular d'esta maravilha. Para dizer a verdade alli mostra-se tudo francamente, desde os pequenos desenhos dos nossos jornaes illustrados ou de modas, más lithographias, etc., até ás photographias a que a nossa censura não permite a circulação.

Artistas pedreiros estão alli perto com a cabeça embrulhada n'um lenço para que o pó e o gesso não lhes suje a toalha que lhes envolve a cabeça. Encostados, descansam das suas fadigas e, para se entreterem, occupam-se de nós; n'este momento discutem o modo como os europeus fazem as photographias. Não me querendo dar a honra de suppôr que eu pudesse comprehender o que diziam, não fazem caso da minha humilde pessoa e eu ganho n'este despreso o poder ouvir o fragmento d'uma conversa popular chinesa. Nem para mim olharam, apesar de muito perto d'elles me ter chegado; continuaram fallando em toda a liberdade, e o que ouvi foi o seguinte: «Ha uma grande caixa de madeira, dizia um dos do grupo, na qual o diabo estrangeiro colloca uma placa de vidro e depois olha com o instrumento, recommendando que não mexam. Durante este tempo resa, olhando para o relógio e prompto!

—Nada, não é isso, acrescenta um outro; ha uma droga com que lava a placa.

—Emfim, tudo isso não é claro, diz um terceiro, e para que esta caixa possa por si só vêr e pintar, é decerto necessario que as lentes ou as drogas empregadas sejam feitas com olhos humanos, e vocês sabem que os christãos vêem aqui, á sua custa, recolher as crianças chinezas abandonadas. Ninguem me fará acreditar que elles são tão desinteressados como querem inculcar.»

Eis como os chinezes explicam o que não comprehendem, e o que não comprehendem será sempre um perigo até que o tenham comprehendido.

Mas que inferneira é esta que faz voltar toda a gente? Ouve-se o som do *gong* a entrecortar prolongados mugidos e uma musica diabolica.

Será o cortejo do principe Kong que entra no seu palacio, nunca devassado por qualquer europeu?

Não, nem o principe Kong, nem qualquer outro alto funcionario de Peking traz consigo o ruidoso e numeroso cortejo dos funcionarios das provincias: em Peking contentam-se com seis ou doze cavalleiros mais ou menos graduados.

Então o que é?

Vêem-se bandeiras, guarda-soes e o *gong* sempre a soar.

É simplesmente um enterro. Ao contrario do que se pratica entre nós, o cortejo dos parentes e dos amigos precede o esquife do morto. A rua, n'uma extensão d'um kilometro, tanto é o percurso a fazer, está ladeada por alas de criados d'enterro. Cada um d'elles leva uma insignia. Guarda-soes azues e brancos, alabardas, sceptros, bandeiras onde vão ins-

criptos os titulos do defunto ou letreiros que ordenam ao publico que dê logar, que se contriste, que se cale. Os criados, mendigos alugados para a cerimonia, levam uma tunica de panno preto apertada na cintura com um cinto branco; na cabeça levam chapéus de feltro preto, tendo na parte superior uma franja vermelha. Por entre estas duas alas caminha o prestito precedido d'um guia a pé, completamente vestido de panno vermelho. O bonné de feltro escarlate parece-se muito com os dos condemnados a galés. Bate no *gong* para annunciar á multidão a passagem do defunto, cujo retrato em pé, de meio corpo natural, é levado n'uma especie



MANDARIM—Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia do doutor Morache

de quadro por oito criados. Atraz d'este painel vem um outro contendo as suas distincções honorificas, vaidades mundanas que elle abandonou. Vêem por fim os parentes vestidos com uma tunica branca e levando na cabeça o chapéu official sem as franjas vermelhas.

Tudo é branco no vestuario, até mesmo o calçado. Os amigos que acompanham o prestito funebre levam igualmente o seu vestuario official; amparam aquelles a quem, segundo os ritos, o pezar deve impedir de andar; a estes offercem-se almofadas sobre as quaes, de vinte em vinte passos, podem commodamente desmaiar, arrancando fortes soluços, como o determinam os ritos, depois do que se levantam e continuam a conversação interrompida e o enterro continua o seu caminho. Rapazes debaixo d'um pallio azul e ouro vão deitando no chão discos de papel branco com um buraco representando moedas. Pretende-se assim, segundo dizem, enganar no caminho os maus espiritos, e por este artificio livrar-se das suas importunidades; sem esta engenhosa precaução, seguiriam o defunto até á sua ultima morada.

É tambem para os intimidar que immensos dragões d'ouro rasgam os flancos sobre a seda violeta dos pannos, que cobrem a immensa eça contendo o esquife. Esta eça, palanquim colossal, é levada por sessenta criados. Em volta vão os bonzos budhistas com as suas vestes cinzentas, amarellas, vermelhas, recitando orações de que nunca comprehenderam uma palavra. Cantam em tom agudo, cuja cadencia é marcada em ferrinhos. Esta psalmodia só cessa para dar lugar a um medonho barulho produzido pelos gonzos, tambores, flautas e trompas com comprimento de seis pés.

O prestito terminava com uma fila de carroagens cobertas com pannos brancos, contendo a parte feminina da familia. As mulheres, vestidas como os homens, de branco, levam na cabeça estopa apertada com um bocado de panno grosso de linho branco.

Exceptuando o que é encommendado, coisa alguma denuncia a tristeza da cerimonia; os encarregados do enterro fumam tranquillamente, riem, conversam e o mesmo fazem amigos e parentes. Para tudo dizer, basta accrescentar que é o mesmo estabelecimento que fornece as armazões para os casamentos e para os enterros, as lanternas para as bodas, a eça e o palanquim vermelho para a noiva. O estabelecimento tem por taboleta: «Aqui chora-se e ri-se», e os chi-

nezes, espiritos fortes, confundem voluntariamente uma com outra cousa, o que não impede que se cumpram os ritos e que elles parem bem alto acima de tudo.

Extrema difficuldade em obter uma audiencia do imperador da China.—O meu guia no palacio: como eu o encontrei; o seu cargo; a sua historia; a sua morte.

Muito se illudem aquelles que imaginam que se é recebido pelo imperador da China tão facilmente como se pôde ser pelo presidente dos Estados-Unidos ou por um dos monarchas mais poderosos do Occidente. Que se fique sabendo: o ser recebido pelo imperador da China é um privilegio quasi inacessivel.

A côrte da China julgaria amesquinhar-se prodigalizando as audiencias do soberano, e por coisa alguma deixariam mesmo visitar uma parte do palacio da capital, quando o imperador está ausente.

Esta lei é tão rigorosa para os chinezes como para os estrangeiros, e para acautelar o publico contra a pretensão de certos viajantes, que dizem terem sido recebidos pelo imperador, citarei quaes são os unicos personagens n'este seculo que obtiveram esse favor, e o numero de audiencias que lhes foram concedidas.

O ministro de França e o seu interprete, obteve duas audiencias; o ministro d'Inglaterra uma audiencia; o ministro da Hollanda, uma audiencia; o ministro da Russia e o seu interprete, duas audiencias; o ministro da Belgica e o seu interprete, uma audiencia; o embaixador japonéz com o seu interprete, duas audiencias e emfim o interprete da legação d'Allemanha, que estava de serviço por occasião d'uma audiencia collectiva.

O que prefaz ao todo treze pessoas, unicamente, ás quaes foi permittido o saudar o Filho do Ceu.

A primeira d'estas audiencias teve logar a 29 de junho de 1873.

E fóra das pessoas anteriormente citadas estrangeiro algum no seculo dezenove penetrou no palacio imperial.

Cada uma d'estas audiencias durou cinco a sete minutos. Houve ministros que foram recebidos collectivamente. Posso, portanto, afoitamente affirmar que, calculando bem, a côrte da China, desde que está em relações estrangeiras, isto é, ha quinze annos, houve por bem consagrar ao todo cerca de cincoenta minutos dos

seus preciosos momentos á recepção dos personagens cujas cathogorias acabo d'indicar.

O que deixamos dito responderá cabalmente aos que ainda tentassem perguntar se o imperador dá festas ao corpo diplomatico, ou se costuma haver bailes no palacio de Pekin. Assim melhor o leitor comprehenderá a tarefa que me imponho descrevendo este palacio, recinto mysterioso habitado por um unico homem, o imperador, com um numero tal de mulheres, que são preciso de cinco a seis mil eunucos para as servir.

Como foi um d'estes eunucos que me revelou uma parte dos segredos da vida interior do palacio, devo sem mais tardança apresentar o meu guia ao leitor. Mas para isso é mister voltar a Tien-tsin, a um armazem d'artigos estrangeiros, gerido por um inglez, tendo por taboleta Fei-long, isto é, o Dragão voador.

Estava eu um dia n'este estabelecimento quando entraram seis ou sete chinezes elegantemente vestidos. Um d'elles parecia ser profundamente venerado e até temido pelos demais.

Era novo, d'estatura mediana e um pouco cheio, completamente imberbe, o rosto ligeiramente bexigoso; os olhos salientes tinham olhares faiscentes, reveladores de finura e intelligencia.

Havia tanta altivez no modo como este se apresentava, como humildade nos outros; adivinhava-se que tínhamos deante de nós, se não um alto personagem, pelo menos qualquer ricasso conscio de que a sua fortuna o collocava acima de qualquer censura.

Mesmo antes de o ouvir fallar me inspirou curiosidade.

Logo que abriu a bocca para communicar aos seus companheiros as suas apreciações sobre diversos productos da nossa industria, o seu metal de voz surprehendeu-me ainda mais do que os seus ares extravagantes; era uma perfeita voz de mulher.

Vira os chicotes; pegou n'um que curvou, segurando-o pelas extremidades, experimentando assim a sua flexibilidade; depois, de repente, com rapidez extrema, voltou-se para o seu sequito e deu uma valentissima chicotada na face do individuo que mais proximo lhe estava; este individuo como verdadeiro turco nem tugiou nem mugiu; e todavia a chicotada deixara como rastro um vergão côr de violetta na face que se tornara livida.

O extranho personagem, tão violento sob o

seu ar tão indifferente, disse friamente, meneando-se debaixo do seu vestuario de setim côr de malva:

«Este chicote é bom, quanto custa?»

Não esperando pela resposta escolheu algumas photographias, um vestuario europeu d'homem, e pagou tudo em papel moeda que elle proprio tirou da caixa d'um dos individuos do seu sequito, que recebeu o troco.

Durante esta scena, eu ficara mudo, assentado a um canto da loja.

Logo que este homem sahiu com o seu sequito, perguntei aos caixeiros quem era tão singular individuo; responderam-me mysteriosamente:

«Siao-ngane-tze.»

Fiz repetir aquellas palavras, que para mim nada significavam, e elles accrescentaram:

«É o eunuco favorito da imperatriz, mãe do imperador reinante!»

Logo que ouvi esta resposta, corri na piugada d'este guarda das grandes princezas.

Estava parado no caes e olhava, sem duvida pela primeira vez, para um vapor. A occasião pareceu-me boa. Disse-lhe primeiro as formulas mais floridas da civilidade chinesa, e offereci-me para ser seu guia na visita a este navio dos barbaros.

O offerecimento agradou-lhe. Durante a visita conversamos e apertamos as nossas relações; convidamos-nos reciprocamente a jantar.

Comia bem, bebia pouco e fallava muito. N'elle havia qualquer cousa de tigre e de creança amimada. Fiquei admirado de vêr que, posto que pertencesse ao palacio, conhecia um pouco do que se passava no Occidente; por seu lado, elle não ficara menos espantado de ter encontrado em mim um barbaro de irreprehensivel delicadeza, conhecedor dos mais insignificantes usos e costumes da China, manejando a lingua chinesa com facilidade igual á sua.

Siao-ngane-tze, na nossa lingua «o pequeno Ngane-tze», tinha vinte e tres annos; era filho d'um pescador e nascido em Cocou, aldeia situada na embocadura do Pei-ho. Tinha dez annos quando seu pae o trouxe a Tien-tsin. Aconteceu então que, tendo-se perdido, foi fascinado por um homem d'alta estatura que começou a seguir contra a sua propria vontade; o homem que caminhava sempre nem uma unica palavra lhe dissera. No meio d'um bairro este homem entrou n'uma estalagem, onde o conheciam; aqui Siao-ngane-tze, semi-morto de canção, ador-

meceu. Ao nascer do dia, foi despertado por uma altercação. Fallava-se de roubo, de processo; reconheceu a voz de seu pae; em seguida apasiguaram-se e começaram a discutir uma questão de dinheiro. Siao-ngane-tze foi vendido e seu pae nem o quiz vêr.

Algun tempo depois o filho do pescador estava no palacio de Pekin e conformara-se perfeitamente com a transformação que soffrera. A sua finura, a sua intelligencia e por ventura os seus formosos olhos conquistaram-lhe a estima das damas da côrte.

A sua influencia tornou-se alli tal que os principes de sangue tiveram de socorrer-se d'elle; mais tarde pagou caro este poderio.

O imperador Hienfong, morto em 1861, só tinha tido um filho d'uma favorita chamada Tze-shi, por este facto elevada á cathegoria de segunda imperatriz. Designam-a sob o nome d'imperatriz mãe ou imperatriz do Oeste, porque habita a parte occidental do palacio, em quanto que a primeira imperatriz, chamada Tze-mane, esposa legitima do imperador Hienfong, habitando a parte oriental, foi designada com o nome d'imperatriz do Este.

Estas duas princezas nem têm o mesmo genio, nem o mesmo character. A imperatriz do Este occupa se dos negocios, emquanto que a imperatriz-mãe só pensa, dizem, nos seus prazeres. Esta incompatibilidade de genio tornou Siao-ngane-tze odioso á primeira imperatriz.

Volto a fallar do meu encontro com elle. Que viera fazer a Tien-tsin?

Siao-ngane-tze já tinha introduzido no palacio uma collecção de photographias de todas as especies e, augmentando a curiosidade da joven imperatriz do Oeste, viera comprar-lhe vestuarios europeus. Tinha-lhe sido preciso um decreto especial para poder sahir de Pekin.

Á sua chegada, as auctoridades de Tien-tsin esforçaram-se com promessas de dinheiro por fazer afastar visitante tão importuno e perigoso; mas cousa alguma deu resultado. Especuladores de baixa estofa, que o acompanhavam, escudaram-se com a sua auctoridade para infringir as leis, e apesar de terem havido muitos escandalos ninguem disse palavra. Portanto Siao-ngane-tze entregou-se livremente a todos os seus caprichos; fez pezar duramente o seu poderio sobre os espiritos timidos, e depois de muito ter abusado regressou a Pekin. Foi aqui que tornei a encontral-o.

Desde que tinhamos travado relações man-

dera-me procurar muitas vezes. Tinhaos os dois visitado juntos differentes partes da cidade, principalmente a grande rua onde está a «Ponte dos Mendigos», e cujas scenas populares muito o divertiam e inspiravam sentimentos philosophicos sobre a sua situação. Vi-o pela ultima vez em circumstancias que tiveram um terrivel desenlace. Tinha sido encarregado de ir comprar á provincia de Hanghaï um chapéu d'uma palha extraordinaria, para a sua soberana e ama. Esta importante missão enfatou-o e perdeu-o.

Primeiro arvorou no seu palanquim a côr amarella, côr imperial; e no caminho obrigou as auctoridades a prestar-lhe honras que não tinha e lançou-lhe impostos que não podia receber.

Estas graves imprudencias teriam talvez ficado impunes, se não se tivesse tornado criminoso.

Um dia que passava por uma pequena cidade da provincia de Chantong, representava-se uma comedia ao ar livre e entre os espectadores estava uma rapariga de grande belleza. Siao-ngane-tze dirigiu-lhe algumas grosserias e ella deu-lhe uma resposta cruel. O eunuco, n'um accesso de colera e de desespero, deu-lhe uma facada.

As auctoridades da cidade deixaram-lhe continuar o caminho, mas um correio, que foi a Pekin, andando vinte leguas por dia, levou a noticia do assassinato ao conselho de ministros e aos principes.

Obtiveram facilmente da imperatriz Tze-ngane uma sentença de morte que a imperatriz-mãe só conheceu depois de estar executada.

Isto passou-se em 1869. Um anno mais tarde, o eunuco principal da primeira imperatriz igualmente morria de morte violenta; a segunda estava vingada.

Tal foi o triste fim d'aquelle a quem devo o poder dar circumstanciadas e authenticas informações a respeito do palacio de Pekin.

A cidade prohibida — A porta da Grande Pureza — As pontes da Onda d'Ouro — As portas da Tranquillidade celeste e do Principe — O templo dos antepassados — O templo de Che e Tsi — A cidade imperial — O pavilhão do Esplendor Rubro — O pavilhão da Soberana Concordia — As genuflexões — Anecdotas — As mesquitas dos musulmanos de bonnés vermelhos.

O palacio, ou antes o conjuncto de palacios a que os chinezes chamam «a cidade prohibida», tem a sua porta principal virada ao sul, a porta da *Grande Pureza*. Esta porta só se abre para o

soberano ou para as imperatrizes. As suas tres entradas estão em frente da Tciene-mêne, de que já fallamos, e estão d'ella separadas por uma grande praça calçada de tijolos e cercada por um muro em fórmula de paliçada.

Esta praça ladeada por largas ruas é só ac-

cessivel aos peões: a oeste e a este ha dois grandes edificios, antigamente repartições de diferentes serviços publicos, e hoje transformados em lojas.

Em poucas palavras recordarei agora que «a cidade prohibida» está situada na cidade ama-



DAMAS CHINEZA E TARTARA — Desenho de A. Marie, segundo uma photographia de M. Thomson

rella, e que a propria cidade amarella está edificada no centro da cidade tartara.

Antigamente a cidade amarella fazia parte do palacio; só era habitada pela gente de serviço do imperador e pelas administrações dependentes da cõrte. As habitações são aqui melhores; as suas grandes portas são d'um estylo mais monumental. Já na dynastia precedente

a circulação tinha sido permittida ao publico; mas o paço tinha conservado uma parte que annexára ao sul para fazer um immenso pateo ao qual dá entrada a porta da Grande Pureza. Este pateo é fechado pelo sul, este e oeste por um muro semelhante ao de toda a cidade amarella; é de tijolos, tendo a parte superior coberta de telha de porcelana esmaltada d'amarello. (Continúa.)

# UMA EXCURSÃO ARTISTICA POR ITALIA

POR VIRIATO SILVA

**A**CHAVA-SE em Paris cumprindo uma missão diplomatica que me havia sido confiada pelo governo do meu paiz, o Brazil, quando o inverno do anno de 1875 se apresentou cruel como nunca nas margens do Sena. Os campos da França cobriram-se litteralmente de uma capa nevada, de mais de um palmo de espessura. Então dirigi-me á Italia, buscando na sombra das copadas laranjeiras e dos myrtos que crescem na terra do Lacio, o conforto que me negavam as habitações de Paris. Da Italia passei á Suissa, atravessei de novo a França, a Hespanha e Portugal, em cuja capital escrevi estas ligeiras impressões da minha viagem.

\*  
\*   \*  
\*

Em novembro estava em Lyon, magnifica cidade manufactureira do departamento do Rhodano. Esta cidade tinha sido escolhida por mim para ponto de partida de uma viagem de circumvalação pela península italiana, não só por encontrar-se ao norte do Piemonte e poder assim visitar minuciosamente aquelle bellissimo paiz, como tambem por satisfazer o desejo que, desde muito tempo, sentia de estudar as suas grandes fabricas de seda, as primeiras do mundo.

Lyon é uma das muitas cidades europêas que nos agradam logo á primeira vista, desde o momento em que pisamos as suas ruas bem alinhadas, rectas e guarneçadas lateralmente de esplendidos edificios. Demais, a belleza da sua situação, cortada pelos dois amenos rios Rhodano e Saône, que se cruzam no coração da cidade, e a indole industriosa e independente dos seus habitantes contribuem ainda mais para seduzir o viajante, amante das bellezas naturaes e do trabalho.

Entrei em Lyon em uma manhã frigida e nevoenta. A cidade inteira jazia encoberta por um espesso manto de nebrina que se desprendia em ondas pardacentas das aguas dos rios e canaes. Era ainda a hora matinal do descanso da grande população proletaria, cançada das lides do trabalho da vespera. A cidade por isso achava-se completamente deserta. Ás 10 horas abriram-se de par em par as portas dos armazens e

as ruas tomaram o seu aspecto natural de movimento. A cidade inteira entrava no seu continuo labutar do costume.

Era então que se podia bem avaliar esta activa e liberal Lyon, tão conhecida nos annaes da Revolução e que, apesar de alliada á causa realista, foi sempre o foco da industria e da actividade.

Era um domingo; havia n'este dia festa extraordinaria no celebre santuario de Notre-Dame de Fourvières, e portanto um motivo mais para gosar a cidade em tudo que ella tem de mais pittoresco. A montanha de Fourvières, sobranceira á cidade, sobre a qual se ergue o afamado santuario, é uma das mais alcantiladas do paiz, serpeada por uma commoda estrada macadamizada, que conduz, n'uma facil locomoção, até á fachada da egreja, e ladeada de ambas as margens por numerosissimas lojinhas, onde se vendem reliquias, rosarios, estampas e photographias. A egreja é pequena, mas muito elegante, e está continuamente repleta dos fieis que se disputam a primasia na adoração da Virgem.

Como não pude demorar-me no interior do templo, em razão da multidão que se acotovelava no pequeno recinto, contentei-me em visitar a torre, sobre cujo coruchéo assenta a colossal imagem da padroeira, em bronze dourado rebatido, dos pés da qual gosei um dos mais bellos golpes de vista que a minha imaginação até então podia ter concebido:—Lyon em toda a plenitude da sua magestade; ao longe as planicies do departamento, limitadas no horizonte visual pelos montes Branco, Ouro, Pilatos, e as agulhas scintillantes de neve da cordilheira dos Alpes e banhadas em larguissima extensão pelos cursos caudalosos do Rhodano e do Saône.

Nos dias subsequentes da minha estada n'esta cidade, não deixei um só instante de proceder activamente á visita das suas multiplas e numerosas curiosidades, taes como as fabricas de seda estabelecidas no arrabalde da Croix Rousse, que occupam um pessoal superior a 80:000 operarios, e produzem annualmente cerca de 400 milhões de francos de artefactos; o museu de esculptura, pintura e antiguidades, estabelecido no vasto edificio da Academia de Bellas Artes, onde se nos deparam as obras primas dos anti-

gos leonezes; a cathedral, magestoso monumento do estylo gothico-romano, conjuncto-estupendo das duas escolas, que produzem um todo incomparavel, sem rival no mundo inteiro; a moderna casa da bolsa; o theatro lyrico, aberto n'aquella estação, e considerado um dos melhores da França; e mil outros attractivos, em que deliciasmos o nosso espirito investigador, nos dez dias que alli passamos.

Na noite do primeiro de dezembro, tomei o trem na estação de Perrache para dirigir-me directamente a Turim. A linha atravessa o departamento do Ain, para entrar depois na pittoresca Saboia, coberta de montanhas e cascatas, envolvidas n'um manto alvissimo de neve. Em Culoz, entroncamento da linha que vae a Genebra, mudamos de trem para o da linha do Monte-Cénis.

O guia que levavamos aberto sobre os joelhos fazia-nos observar as soberbas paizagens e bellissimos panoramas, em que tanto abunda a poetica Saboia; mas o intensissimo frio que reinava no exterior obrigava-nos a permanecer, quasi interiçados, n'um canto do compartimento reservado, envoltos no nosso forte capote de pelles, e, quando muito, lançavamos os olhos avidos de curiosidade atravez dos vidros completamente nevados, que deixavam transparecer o continuado deslizar dos flocos brancos, cahindo n'uma chuva prolongada sobre as faldas das montanhas e sobre os cómoros das agulhas dos Alpes.

Aix-les-Bains, tão afamada pelas suas aguas thermaes; Chambéry, com as ruinas do antigo castello dos duques de Saboia e outras muitas estações, passavam quasi despercebidas para mim; e só em Modena a voz estridula do conductor nos fez acordar da somnolencia em que jaziamos para mudarmos apressadamente de trem. Chegamos á fronteira da Italia, e forçoso nos foi sujeitarmos-nos á verificação das bagagens. Seja dito de passagem, para honra do pessoal da fiscalisação dos dois paizes, França e Italia, que encontramos alli empregados descendentes e muito attenciosos. Conhecem os *touristes*, e isto basta-lhes para serem com elles francos e benevolos, pois sabem que esta classe de passageiros não conduz senão objectos para seu uso particular.

Eram tres horas da madrugada. A temperatura estava muito baixa,—uns cinco ou seis graus abaixo de zero. Sentiamos um frio extraordinario.

Estavamos em plena cordilheira dos Alpes, tendo á vista o afamado monte Cénis.

Commodamente installado no meu wagon-leito, illuminado brilhantemente a gaz hydrogenio, sentia-me docemente reanimado pelos caloriferos, emquanto o trem caminhava com toda a velocidade em direcção ao magestoso tunnel. Era tal o meu desejo de admirar de perto esta obra portentosa, que não quiz entregar-me ao somno, que começava a cerrar-me os olhos, sem contemplar as immensas galerias, ainda que com risco de infringir o regulamento affixado em cartazes no interior dos wagons, que prohibe abrir as portinholas e assomar a cabeça ao exterior.

Dois pequenos tunneis dão accesso á entrada do grande, aberto no seio do Fréjus, medindo uma extensão de 12:849 metros, 8 de largura e 6 de altura, com duas vias parallelas.

As impressões que se experimentam, ao penetrar n'esta vasta galeria, são indescriveis; ha alguma coisa de grandioso e solemne que impressiona, produzindo-nos uma anciedade profunda e intermittente. São trinta minutos de uma intensa concentração, que nos faz idealisar os sonhos mais extravagantes, interrompidos apenas em curtos intervallos pelos mais brilhantes reflexos que lançam os pharoes, com vidros de diversas côres, collocados de quinhentos em quinhentos metros.

Um silvo agudo da locomotiva que se repercute nas dilatadas abobadas do tunnel, indica a sahida do trem, que se detem na estação de Bardoneche alli collocada. O que esta estação apenas tem de notavel é servir de limite ao tunnel, da parte da fronteira italiana.

Começa a amanhecer. A duvidosa claridade da alvorada illumina os ponteagudos cimos dos elevados Alpes com uma meia tinta azulada, que se reflecte nas escabrosas profundidades dos montes, divisando-se apenas, a curtos intervallos, as pequenas aldêas perdidas nos valles, encobertas em parte pela luz matutina e cobertas por um branco sudario de neve, que resplandece aos raios da aurora.

Segue-se depois uma serie não interrompida de tunneis, viaductos, terraplenos, ravinhas e trincheiras, em cujo trajecto avistamos lindas paizagens, formadas pela cordilheira dos Alpes, illuminados já pelos raios temperados do sol.

A' esquerda Roche Melon e Roche Michel, que são duas altissimas atalayas, collocadas nos serros mais culminantes da cordilheira e que parecem querer despenhar-se sobre o viajante.

Pelo valle do Doira, corre preguiçoso este rio, ora serpenteando atravez da planura, ora precipitando-se com estridôr pelas vertentes das montanhas, e formando, na sua queda, pequenas e poeticas cascatas espumantes.

Estamos na Italia. Divisam-se já as aldêas do Piemonte, envolvidas no fumo das suas chaminés, e os seus habitantes começam a estar promptos para as quotidianas fainas campestres.

O trem marcha rapidamente pelo fertil valle do Doira, approximando-se mais e mais do interior da provincia. O stridulo silvar da machina indica a nossa chegada à estação de Turim.

\*  
\* \*

Turim é uma cidade originalmente construida, muito notavel entre as demais de Italia pelo caracter intelligente e pacifico de seus habitantes, e pelos constantes progressos que se notam nos seus melhoramentos materiaes. O talento de seus filhos, ligado aos grandes recursos commerciaes de que dispõem, quer a cidade propriamente dita, quer o riquissimo paiz que a rodeia, farão d'esta cidade, em poucos annos, uma das melhores da peninsula italiana e talvez da Europa.

A linha curva era desconhecida dos architectos que a delinearão. As ruas são tiradas a cordel e em angulo recto; nos menores recantos, vê-se que não entrou senão o esquadro e o nivel.

N'estas immensas *vias*, que se perdem ao longe, ha de continuo um enorme movimento de transeuntes que se acotovellam, crusando-se em todas as direcções. Especialmente de noite e á luz viva que se desprende dos estabelecimentos de bijouterias, luvarias, ourivesarias, modas e cafés, que tanto abundam nas *vias* do Pó, de Roma e no Corso Victor Emmanuel, as piemontezas ostentam toda a graça natural das suas maneiras com uma *morbidezza* e donaires admiraveis.

Sempre que chove, as ruas de Turim offercem ao transeunte uma commodidade sem igual: todas ellas são guarnecidas de arcadas (*portici*), illuminadas a *giorno*, de maneira que todo o movimento se concentra, n'estas interminaveis galerias, que se succedem umas ás outras. Á hora dos theatros, estas galerias apresentam um aspecto elegante e buliçoso. Todos procuram

nas arcadas os porticos da entrada para os salões de espectaculos e cafés-concertos.

A minha demora em Turim foi apenas a indispensavel para admirar os differentes monumentos e galerias, e para tomar alguns apontamentos para o meu livro intimo de impressões de viagem.

Os meus primeiros passos na antiga capital da Sardenha foram dirigidos ao Palacio Real, situado na *piazza* do Castello, um dos centros mais concorridos da cidade. Exteriormente, pouco tem de notavel;—é um immenso parallelogramo coberto de janellas nas quatro faces, com um grande pateo abrindo na fachada principal, ornado com duas estatuas collossaes de bronze, representando Castor e Pollux.

As salas de recepção, de concertos e de baile pouco interesse offerecem, pois, desde que a còrte se trasladou para Florença, as melhores preciosidades foram transportadas para aquella capital, á excepção da sala d'armas e da preciosa bibliotheca, composta quasi na totalidade de manuscriptos.

Entrando-se na galeria, contemplam-se distinctas armaduras dos heroes da Saboia e do Piemonte, gloriosos despojos das sangrentas batalhas empenhadas n'estes ultimos quatro seculos. Ao contemplar a armadura completa de Manoel Philisberto, denominado *Testa de ferro*, libertador da Saboia, despertam-se na memoria os insignes episodios da vida aventureira d'aquelle campeão da liberdade patria, o qual, nos mais renhidos combates, ficou sempre invulneravel e só embainhou a espada, quando não teve mais inimigos que lhe disputassem o territorio das suas conquistas. As espadas do infeliz Carlos Alberto recordaram-me as sangrentas luctas da independencia italiana,—a força subjugando o direito,—os triumphos de Goito, de Volta e Peschiera e a horrorosa derrota de Novara, que decidiu da sorte do infortunado monarcha. Espadas triumphantes tantas vezes, e n'um só dia condemnadas ao esquecimento! Entre ellas, e como para não empallidecer a gloria militar anterior dos piemontezes, vêem-se as bandeiras austriacas, tomadas em Solferino, Montebello, Magenta e Crimêa.

Do grande capitão de seculo, Napoleão I ha tambem alli um objecto, que testemunha um de seus feitos mais gloriosos:—a espada que empunhava na batalha de Marengo.

(Continúa.)

# COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

SEGUNDA PARTE

## A FAMILIA COILLARD

(Continuação da folha 33—3.º anno)

**M**AL tinhamos parado, Augusto veio dizer-me que andava pastando perto um enorme *chucurro* (rhinoceronte).

Passei rapidamente o freio ao cavallo, que ainda não tinha desapparelhado, montei e segui Augusto.

O enorme pachiderme já sentira o rumor do campo, e puzera-se ao largo.

Avistei-o a quinhentos metros, e ainda que Fly fez o seu dever, tive em breve de renunciar á perseguição da fera, que se internou em matto tão emmaranhado que impossivel me era seguir-a.

É notavel que, tendo eu atravessado de Benguella até alli, visse o primeiro rhinoceronte junto ao Limpôpo, onde hoje são raros, pela grande caça que lhe fazem os Boers.

Outro animal que abunda no Calaari, de que por vezes avistei bandos, e que nunca pude matar, foram as girafas.

É tão ligeiro e sustentado o seu correr, tão penetrante a sua vista, tão fino o seu ouvido, que difficil é chegar ao alcance de tiro, quando uma grande demora no paiz não permite ao caçador empregar a astucia.

Depois de ter desistido da perseguição do *chucurro*, voltei ao campo, quando encontrei Augusto que vinha no meu seguimento. Elle pôz-se ao lado do cavallo e veio conversando commigo.

De repente, junto a uns arbustos, vi-o apontar a arma e fazer fogo.

A cavallo, e por isso tendo a cabeça muito mais alta do que elle, eu não vi a que tinha atirado o meu preto, quando deveria ser o primeiro a avistar a caça. Perguntei-lhe o que fôra aquillo e elle respondeu-me, entrando no matto, e arrastando um leopardo que não estava a mais de seis metros de nós. Voltei ao wagon, em quanto Augusto ficou a esfolar o bicho.

De tarde ainda fiz uma jornada de tres horas, por terreno muito accidentado e coberto de floresta densa.

Ao passar um comoro avistei o *Zoutpansberg*, que marquei a leste.

O sitio onde acampei para passar a noite é conhecido dos boers, e tem o nome de *Adicul*. Não havia lua, mas o ceu estava limpido, e resolvi fazer observações, para determinar aquella posição.

Esta circumstancia foi causa de evitar uma grande desgraça.

Eu tinha obtido no Manguato uma lanterna para magnésio, que alli fôra deixada por Mohr, ou outro, e que não servia por falta do combustível.

A mim servia ella, porque eu tinha muito fio de magnésio.

Empregava-a eu para lèr de noite os nonios dos instrumentos.

N'essa noite tinha acabado de lèr no nonio do meu sextante Casella, a altura da *Canopus* (a do Argus) no momento da sua passagem meridiana, e fazia horarios pela *Aldebaran* (a do Touro), quando a dez passos de mim, rebentou um trovão medonho.

O meu Fly, preso a uma das rodas do wagon, deu tal puxão á corrente que fez mover o pesado carro, e os bois entraram de golpe no recinto onde estavamos, tremendo em convulsões de medo.

Larguei o sextante e peguei na carabina, sempre pousada junto a mim.

Augusto virou o foco da luz para a brenha d'onde sahira o rugido feroz, e allumiou as cabeças soberbas de dois enormes leões.

As feras fascinadas pela luz deslumbrante da combustão do magnésio, n'um momento de hesitação que tiveram, deram-me o tempo de

apontar firme; os dois tiros succederam-se com o intervallo de poucos segundos, e ambas cahiram fulminadas.

Voltei-me para o wagon, onde senti um barulho infernal, e vi que Camutombo fazia esforços inauditos para segurar o meu Fly, que se levantava, e assustado forcejava por partir a corrente. O meu inglez estava mettido no wagon, de espingarda na mão, e ameaçava matar todas as feras do continente africano se ellas se atrevessem a atacar os seus bois.

Deixei aos pretos o prazer de esfolarem os leões, e era bello ouvir o que cada um dizia de si mesmo n'aquella conjunctura. Não havia um só que se tivesse assustado, e para o fim creio mesmo que cada um já contava aos outros que os leões haviam sidos esganados por elle.

Creio que só dois homens alli não tiveram medo, e esses foram Augusto e Verissimo.

Augusto, que me allumiou firme, e Verissimo, que me disse muito descansado: «Eu nem peguei na espingarda, porque o senhor ia atirar, e eu sabia que os leões estavam mortos.»

Larguei a carabina para pegar de novo no sextante, e tomar as minhas alturas da *Aldebaran*, occupação de que tinha sido distrahido por tão importunos hospedes.

Ia-me deitar, quando novos rugidos de leão se fizeram ouvir.

Sem termos um campo fechado, eu receei pelo que pudesse succeder, e passei a noite velando com toda a gente junto ás fogueiras. Os rugidos duraram toda a noite, e a elles respondia com o ressonar sonoro o meu Stanley, que estendido dentro do wagon, sonhava talvez com aquelle filho pequenino de que se não podia separar, ou quiçá com as botas que não tinha.

Parti ás 6 da manhã, para parar ás 9, sempre junto á margem do rio.

Ao acampar todos pensaram mais em dormir do que em comer, e Stanley, que não tinha velado a noite, offereceu-se obsequioso para vigiar pelos seus bois.

Ás 4 da tarde, depois de uma boa refeição de carne assada (a carne n'esta parte da viagem occupa o logar do massango de alguns mezes antes), partimos de novo, indo acampar, ás 8 e meia da noite, junto ao rio Marico.

O alvorecer do dia 28 veiu mostrar-me que eu estava n'um sitio baixo e pantoso, pouco arborizado e deserto.

Mal tinha acabado de fazer a minha *toilet*, quando Stanley se acercou de mim e começou

a dizer-me que as saudades do filho pequenino e a falta das botas, o impediam de continuar ao meu serviço.

«Que d'aquelle ponto sahia um caminho transversal, que o levaria em oito dias a sua casa, e que por isso, elle, os seus bois e o seu wagon, deixariam de estar ás minhas ordens desde esse dia.»

Declarei-lhe que se enganava, que elle tinha feito um contrato commigo diante de M. Coillard, e que esse contrato era para me servir até Pretoria. O homem recusou-se terminantemente a passar d'alli.

Mostrei-lhe que a razão estava do meu lado, por tanto não cedia, uma vez que eu tinha a felicidade de juntar á minha justiça a força.

Este ultimo argumento foi efficaz, e o homem viu que eu não recuaria ante o empregar a força, e por isso accomodou-se, protestando a favor dos bois e do wagon, sua propriedade.

Augusto, que logo de madrugada tinha ido caçar, voltou pelo meio-dia, e disse-me que perto havia encontrado um acampamento de Boers.

Disse-lhe que me guiasse para lá, montei a cavallo e segui o meu fiel preto.

Um quarto de hora depois entrava no campo dos boers.

Muitos wagons collocados parallelamente, entre elles algumas cubatas de caniço e palha, montes de despojos de caça, um alpendre com um torno de tornear madeira, um cercado com bois e muitos cavallos—eis o aspecto do acampamento de boers nomadas que encontrei.

Algumas mulheres, de vestido de chita e toucas brancas, acarretavam agua de um poço. A uma porta, duas, que não tinham nada de feias, descascavam enormes cebolas. Uma porção de pequenos, sujos e esfarrapados, brincavam sobre um chão enlodado.

A minha entrada fez sensação, e uma mulher velha, e ainda mais feia do que velha, veiu arengar-me. Não entendi uma só palavra das que me disse aquelle estafermo, e só percebi, ao abeirar-me d'ella, que era ainda mais porca do que feia e velha.

Para responder á falla da mulherzinha, que tinha empregado o hollandez corrompido dos boers, escolhi o hambundo, e respondi em lingua do Bihé.

Estavamos pagos e entendidos. Ella não percebeu uma só das minhas palavras, como eu não entendi uma só das suas.

Eu, sempre perseguido pela velha, fui-me

approximando das raparigas das cebolas, que eram ao menos novas e bonitas, e fallei-lhes em inglez, francez, portuguez e hambundo, sem poder fazer-me comprehender.

Chamei o meu Augusto, que já arranhava algumas palavras de sesuto, aprendidas no Barôze e no convívio das gentes de M. Coillard, e disse-lhe que perguntasse áquellas meninas se não haviam homens alli. Elle dirigiu-se a ellas, mas foi logo interpretado pela velha. Com custo, por meio d'aquelle interprete, soube que os homens andavam á caça.

A velha, sabendo pelo Augusto que eu não era inglez, mudou de modos para commigo, e creio que começou a tratar-me melhor.

As raparigas mettiam as cebolas em um pannão enorme, e punham-n'as ao fogo nadando em agua.

Pouco depois chegavam uns sete homens a cavallo.

Havia um velho de longa barba branca, cinco entre trinta e quarenta annos, e um rapazola de dezoito ou dezanove. Apearam-se e vieram cercar-me.

O velho fallava bem inglez, e um dos outros fallava um pouco.

Pudemos entender-nos. Expliquei-lhe quem era e d'onde vinha, duas coisas que elles não entenderam muito bem, e disse-lhes que era portuguez e não inglez, porque já tinha percebido que elles não gostavam dos inglezes. Contei-lhes o caso do meu Stanley me querer deixar, e o velho disse-me logo que mandasse descarregar o wagon e despedisse o homem, porque elles me dariam meios de continuar a viagem.

Não quiz ouvir aquillo duas vezes, e mandei logo o Augusto buscar o wagon para alli.

No entanto, os boers recebiam-me com franca hospitalidade, e até a velha já se sorria para mim. Que hediondo sorriso! Pouco depois comia cebolas cosidas e carne assada. Aquelles boers, emquanto a provisões, só tinham mais do que eu cebolas.

Chegou o wagon, que mandei descarregar, despedindo logo o seu dono, que se retirou satisfeito, como eu fiquei satisfeito por me ver livre d'elle.

Fallei aos boers, mostrando-lhes a necessidade que tinha de seguir o mais depressa possível, e elles prometteram-me que no dia immediato teria um wagon e bois.

À noite, elles contaram-me, que tinham feito

parte d'essa immensa leva de emigrantes, que logo depois da annexação do Transwaal, tinham fugido ao jugo estrangeiro, e caminhado ao norte, inconscientes do que faziam, e ignorantes dos perigos do Calaari. Seiscentas familias que se internaram no inhospito deserto viram os seus gados mortos ou dispersos pela sêde, e foram victimas do passo precipitado e inconsciente que deram. A vanguarda, em numero de vinte e tres pessoas, puderam alcançar o Ngami, mas os seus gados iam esgotando os pequenos charcos, e aquelles que os seguiam encontravam a morte junto ás lagôas dessecadas. Ao numero dos poucos que ainda conseguiram voltar, pertenciam aquelles que me davam a hospitalidade franca dos boers. Encontraram, alli junto ao Limpôpo, tanta caça que decidiram ficar n'aquelle sitio, e viviam uma vida nômada, acampando nos lugares mais proprios ás suas explorações venatorias.

No dia seguinte, em quanto as raparigas me serviam um almoço de carne e cebolas, regado com optimo leite, os homens preparavam um wagon, ao qual jungiam apenas quatro juntas de bois.

O velho disse-me que iria para tomar conta do wagon seu neto, um rapaz de 16 annos, chamado Low, levando comsigo um seu irmão, pequeno de 12 annos, de nome Christophe.

Os bois dos boers foram-me passar o wagon para além do Marico, o que foi difficil, por o rio ir bastante cheio; e depois das melhores despedidas, fiz a primeira jornada em caminho de Pretoria.

Os boers sabiam que havia Pretoria, mas nunca lá tinham ido, e por isso o meu Low ignorava o caminho.

Eu incumbi-me de lh'o ensinar, e para isso deixei o unico caminho seguido, aquelle de Marico e Rustemberg, e dando um traço com uma regua na carta de Marenski, tirei um rumo em perfeita linha recta, e segui n'elle através da planicie.

Desde que passamos o rio Ntuani andavamos cobertos de carrapatos, e bastava passarmos um pouco entre a herva para ficarmos cheios dos repugnantes insectos.

Quatro pessoas da minha gente appareceram com uma febre que se apresentou logo de mau character. As duas mulheres, Moero e Pêpêca.

Tive de lhes preparar o wagon a modo de as poder deitar n'elle, porque era impossivel caminharem.

Todos nós estávamos extenuados pelas fadigas de uma tão longa jornada a qual, de Benguella até alli, e sempre mal alimentados, sentíamos a fadiga a degenerar em doença; exaustos de forças, sentíamos a doença a terminar na morte.

A insalubridade das margens do Limpôpo, e sobre tudo a do rio Marico, veio profundamente affectar as nossas saudes, já vacillantes em corpos derrancados, e todos em geral nos sentimos doentes.

Ainda assim, eu, dotado de uma organização especial, era quem mais resistia á extraordinaria canceira que nos acabrunhava. E felizmente para todos, que eu resistia mais do que elles! A noite do ultimo de janeiro foi tormentosa de chuva e trovoadas.

Eu não me entendia com as duas crianças boers que me acompanhavam, e que só fallavam o hollandez; mas ainda assim, fazia-lhes dirigir o wagon á minha vontade.

No primeiro de fevereiro, toda a gente estava peior, e sobre tudo o estado das duas mulheres e dos dois pequenos assustava-me. Eu mesmo ardia em febre.

Resolvi forçar as marchas o quanto possível, para no mais curto espaço alcançar o paiz habitado e alguns recursos.

Apesar do meu estado, logo que puz o wagon a caminho, afastei-me d'elle e fui caçar, conseguindo matar um sebseb. Fui encontrar o wagon, e fiz com que Augusto, Verissimo e Camutombo fossem buscar o antilope morto.

Em seguida forcei a marcha até ás cinco e meia da tarde.

Parei até ás 9 da noite para descansar os bois, fazer observações, e determinar o meu ponto, e sobre tudo para tratar dos doentes.

Ainda n'essa noite jornei das 9 ás 10 horas.

O estado do Pépéca e de Mariana era muito grave. Estavam em delirio e tinha-se-lhes declarado o typho.

Os causticos, que eu lhes tinha aberto com agua a ferver (por não ter outra coisa), eram continuamente pulverizados de sulfato de quinineo, e durante a noite dei-lhes tres injeções hypodermicas com uma gramma de sulfato cada uma. Moero e Marcolina, a mulher de Augusto, não apresentavam sympomas de tanta gravidade como os outros dois, mas ainda assim estavam sujeitos ao mesmo tratamento.

Na manhã seguinte o estado dos doentes era o mesmo. Depois de lhes curar os causticos resolvi partir, e não me appareciam os dois pequenos boers. Fui em sua busca, e não longe, junto a um extenso paul, a que elles chamavam a Cornocopia, me pareceu que elles estavam pastando, porque os vi apanharem herva e comela com sofreguidão. Approximei-me para vêr o que faziam, e conheci não me enganar. Os rapazes comiam herva. Ao abeirar-os, elles estenderam para mim as mãos cheias de uma graminea, especie de caniço fino e de um verde muito claro.

(Continúa).

## PORTUGAL PERANTE A CIVILISAÇÃO

(AO MEU EX.<sup>mo</sup> AMIGO JOÃO EDUARDO DA MOTTA JUNIOR)

**N**O SEculo onze, um borgonhez avaro de gloria apresentára-se na côrte de Affonso vi, de Leão, que estava em lucta permanente com os sarracenos, a offerecer-lhe a sua espada.

A peninsula hispanica era n'esse tempo o theatro principal onde se degladiavam, com furia de exterminio, os crentes do evangelho e os sectarios do alkoram; por isso os estrangeiros, desejosos de aventuras e commoções, apresentavam-se quer d'um lado quer do outro, offerecendo os seus serviços. Relevantes deviam ser os do

valente borgonhez, innumeradas provas de valor e heroismo deveria ter mostrado, para ser galaradoado com a mão de uma bastarda do rei de Leão e com o condado de Portugal.

Germinara então nos cerebros fecundos dos indomitos barões lusitanos, grupados em torno do seu novo chefe, a ideia de uma nova nacionalidade, que os emancipasse da tutela Leoniza: era um sonho deslumbrante, perpassando rapido pela mente esbraseada d'esses gigantes de ferro, e que não tardaria a converter-se em palpavel realidade, ao levantarem-se cheios de can-

ção mas cobertos de gloria, do leito ensanguentado das memoraveis campinas de Ourique.

Foi em seguida a essa homérica e gloriosa batalha, depois de um copioso baptismo de sangue, que o exercito lusitano acclamara unanime como rei de Portugal, o seu intrepido commandante, o destemido Affonso Henriques, o audaz conquistador.

O filho do conde Henrique, o 1.º rei portuguez, deveu a corôa e o sceptro, não ao acaso do nascimento ou à eleição do povo, mas sim ao seu valor e á sua espada; com que talhara na península o quinhão que lhe pertencia por direito de conquista.

É desde então que principiam para Portugal as responsabilidades de nacionalidade constituida, e que tem forçosamente de cooperar no grande movimento civilizador empreendido pela humanidade culta.

\*  
\*   \*  
\*

Todos os esforços dos primeiros reis portuguezes tenderam a expulsar os sarracenos do territorio que demorava ao sul do reino, obrigando-os a refugiarem-se em Marrocos.

Era uma empreza titanica que faria vergar vontades assaz energicas, hombros bastante robustos, quando não fossem moldados pelos d'esses gigantes cyclopes, que haviam assentado os seus arraiaes nos cerros agrestes das cordilheiras ibericas.

No seculo doze findara esta lucta sanguinaria, em que se debateram com encarniçamento selvagem os odios inveterados de raça e de religião, e onde a vingança latente da vencida raça dos godos ceifara amplamente nos descendentes de Mafoma, fazendo-lhes pagar bem caro os seculos de dominio.

Estava desaffrontada a cruz, as ideias do progresso podiam de novo refflorir no abençoado solo lusitano, porque o crescente do Islam, que as abafara nas suas pregas malditas, deixara de tremular nas ameias das suas cidades, substituindo o pendão das quinas, que se erguia ovante desde as margens do rio Minho até ao cabo de Santa Maria.

As crenças bestiaes prégadas por Mahomet foram novamente substituidas pela doutrina suave e consoladora do Christo; as peregrinações a Meca pelas viagens intemeratas atravez do ignoto; a politica de estacionamento estupido, pelo desenvolvimento pujante da sciencia e das artes,

que cedo deviam produzir os seus beneficos frutos.

Dera-nos pois um impulso grandioso á civilização europêa; e em quanto o colosso hespanhol só no seculo quinze, no reinado de Izabel a catholica, conseguira expulsar do seu territorio a raça mahometana, o pygmeu Portugal antecipara-se-lhe (como em tudo) exterminando-a no seculo xii no reinado de Affonso iii.

É que os portuguezes de então ainda não estavam effeminados, e a musculatura ferrea do montanhez do Herminio, d'esse vulto athletico que arcara impavido com todo o immenso poderio do imperio romano, transmittira-se pura aos denodados campeadores de Ourique.

\*  
\*   \*  
\*

É todavia no seculo xv que Portugal principia a trilhar com ousada temeridade a estrada luminosa, que devia conduzir-o ao capitolio rutilante da gloria e do prestigio, para fazer resoar por todos os ambitos do globo o nome aureolado pela sciencia e arrojo dos seus herculeos filhos; e a Europa deslumbrada contemplava muda de assombro essa enormidade de prodigios que um punhado de valentes praticavam sem cessar.

Eram deficientes os conhecimentos geographicos; quasi toda a Africa estava desconhecida; da India noções vagas e indefinidas; nada de Oceania e nada de America.

Essa infinidade de perolas disseminadas pelo oceano estavam quasi todas desconhecidas, e os marinheiros mais destemidos trepidavam em presença do Bojador, que se erguia carrancudo na orla dos areaes do Sahará, como sentinella avançada alli collocada pelo fero Adamastôr.

Pois bem, os portuguezes, impulsionados febrilmente pela mão robusta do infante D. Henrique, despedaçam esse primeiro obstaculo, e continuam afoutos, vencendo tudo e a todos na sua derrota de descoberta, até delinearem no mappa-mundi a fôrma perfeita do grande continente africano.

Seguindo depois para a India, traçam na superficie espumosa do oceano a estrada diamantina do oriente, descortinando aos olhos maravilhados do mundo occidental todos os encantos e mysterios, grandezas e opulencia de que se achava revestido.

Era um conto das Mil e Uma Noites, que a

vara magica do heroico Vasco da Gama tornara realidade.

Mas a febre dos descobrimentos não se acalmara ainda com tão esplendidos successos, e os mareantes portuguezes proseguiam incansaveis na sua tarefa civilisadora, marcando ufanos no regresso das suas viagens os logares que devia occupar nas cartas essa infinidade de verdejantes ilhas, que a natureza collocára, esparsas como sentinellas perdidas, pela immensidão dos mares.

A Nova Hollanda, a ilha que mereceu as honras de continente, foi descoberta por nós; e embora ambiciosos estrangeiros nos queiram esbulhar d'essa gloria, não podem mau grado seu rasgar da historia as paginas concludentes, que provam irrefutavelmente haverem sido os portuguezes os aventureiros audazes, que primeiro mandaram essas longinquas paragens.

E, se o nosso orgulho excessivo nos fez desdenhar o concurso do illustre genovez Christovam Colombo, tivemos ainda Alvares Cabral; e a descoberta das terras de Santa Cruz não tem somente importancia nos annaes da humanidade do que a do archipelago das Antilhas; e, emquanto o portuguez Fernão de Magalhães, embora ao serviço de Castella, circumnavegando o globo, torneava a America pelo sul, deixando-lhe vinculado o seu nome immorredouro, os Côrte-Reaes descobrindo o Canadá, Terra Nova e Lavrador, abriram no Flos Sanctorum da sciencia a longa serie dos martyres que tem ido procurar morte ignorada nas geleiras eternas das regiões hyperboreas.

Em toda a parte, de norte a sul, do oriente ao occidente, o nome portuguez está vinculado a todos os grandes successos; cada antiguidade descoberta modernamente, cada padrão derrocado, jazendo ao abandono, são tantos outros epitaphios sublimes, affirmando na sua muda linguagem, que por allí passaram outr'ora na sua derrota civilisadora os nossos illustres avoengos.

\*  
\* \* \*

A espada do guerreiro, a cruz do missionario e o astrolabio da sciencia, eram inseparaveis da bussola do marinheiro, e logo que este descobria conquistava o primeiro, civilisava o segundo, e o terceiro patenteava á sciencia os mysterios e segredos que allí fôra investigar.

Cada nova descoberta que se fazia ficava sendo mais uma possessão portugueza, uma con-

quista da civilisação e uma estrophe sublime da moderna epopêa do progresso e do trabalho.

O pendão das quinas, bafejado pelas auras das cinco partes do mundo, percorria todos os mares do globo; a espada dos nossos guerreiros scintillava por toda a parte ferida pelo sol de cem batalhas; a cruz symbolica do missionario erguia-se humilde, já no meio das tribus selvagens, que vivem errantes nas florestas do novo mundo, já entre as poderosas cidades orientaes, ou nas torridas planicies das regiões africanas, e os emissarios da sciencia estudavam diligentes a fauna opulenta e variada que se desenvolvia pujante, n'esses vastissimos territorios, illuminados a flux pelos raios brilhantes de um sol equinoxial.

Onde o navio e a espada não podiam alcançar, lá ia o missionario incansavel, e na sua missão emprehendedora não havia obstaculos que o detivessem, nem perigos que o fizessem recuar; o seu lemma—Deus e patria, gloria ou morte—era executado com estoica rigidez.

Nos seculos da nossa gloria os missionarios portuguezes percorriam todo o mundo; verdadeiros martyres da religião e da sciencia consagravam a uma e outra a sua vida e intelligencia, embora a ambição viesse muitas vezes conspurcar-lhes a grandeza do sacrificio.

Uns, percorrendo as Indias desde o Indus ao Mekong, do Guzerate ao Annam, estudavam as linguas e costumes dos differentes povos que visitavam, subordinando aquellas ao methodo grammatical; outros, atravessando imperturbaveis os cerros grandiosos do altivo Himalaya, exploravam o desconhecido Thibet, e outhorgavam á sciencia o conhecimento do sanscrito; hoje entravam no Japão, amanhã internando-se na Tartaria abriam caminho pelo coração do Celeste Imperio até chegarem a Pekin, e diziam á Europa estupefacta que as descripções do veneziano Marco Polo não eram um mytho, e que o seu Cathay e Kanbalik eram a China e o Pekin dos portuguezes.

Nas florestas do Brazil os selvagens grupavam-se em volta do eremiterio, esperando avidos a luz da civilisação, e, se a missão aqui não era tão apparatusa como na India, os seus resultados eram, quiçá, mais proficuos; era espinhosa a tarefa de civilisar aquella raça primitiva, e bestialisada pela mais crassa ignorancia, mas em compensação as curiosidades e mysterios da natureza americana desdenhavam soberanamente os seus rivaes indianos, e, á sombra protectora das

nossas fortalezas, brotavam auspiciosas as povoações, que cedo se convertiam em cidades florescentes.

\*  
\* \* \*

Fomos os primeiros marinheiros dos seculos xv e xvi; fizemos muito sendo pequenos; descobrimos, conquistamos, civilisamos, colonisamos e inventamos; trabalhamos incansaveis em prol da civilização, e na conta corrente do progresso deve estar sobejamente saldada a divida portugueza.

Em seguida, do apogeu da nossa gloria, cahimos no captiveiro; uma geração degenerada por um fanatismo estúpido havia lentamente cavado a nossa ruina, que se foi avigorando á luz baça e pestifera das fogueiras da inquisição, até que a nacionalidade portugueza, ferida profundamente nos areaes sangrentos de Alcacer Quibir, foi cahir exangue, amortalhada com todas as suas glorias, nas garras leoninas do sanguinario Filipe II.

Por espaço de 60 annos, o vetusto leão do occidente jazeu algemado ao potro da servidão; mas, quando a sua cançada musculatura se retemperou de novo, amplamente caldeada nos soffrimentos da patria, sacudiu arrogante a juba e, cravando as garras possantes nas entranhas denegridas do estrangeiro domador, fez-lhe sentir todo o peso da sua colera; e os ferinos ursos do norte, que se haviam banqueteados lentamente nos seus despojos opulentos, viram-se obrigados a largar grande parte da sua presa.

Differentes causas tem posteriormente enfraquecido e enervado o outr'ora robusto braço lusitano; e assistimos indifferentes ao esphacelamento completo dos restos venerandos do nosso derrocado imperio colonial, que os cervejeiros inglezes, abusando da sua força material, nos vão extorquindo covardemente por todas as fórmas e feitios.

Ha pouco Bombaim, hontem queriam Lourenço Marques, hoje disputam-nos o Zaire, não se lembrando ao menos que, emquanto nas paginas da historia brilhar fulgido o nome de Diogo Cão, ha de ser sempre portuguez esse territorio fertilissimo do continente africano que elle fôra descobrir, em quanto os *illustres filhos da excelsa Albion* cuidavam em ser piratas.

Teem-nos deprimido e calumniado vil e torpemente, teem-nos arrojado ás faces os insultos mais repugnantes, consciós da sua impunidade,

e nem ao menos se recordam, os insolentes, que devem a Portugal todo o seu immenso poderio.

Outros, como os francezes que teem sobejos titulos de gloria, pretendem despojar-nos da que conquistamos com o nosso valor e lealdade, contestando-nos a prioridade em algumas descobertas, e só de longe em longe algum caracter integro e recto—como Major—alheando nacionalidades reivindica para Portugal a gloria que lhe pertence.

Mas que nos importa a nós outros, descendentes dos Albuquerque, dos Gamas e dos Castros, dos Dias e dos Cabraes, com o chafurdar nojento d'essa caterva de invejosos? Que nos importam os seus despeitos mal cabidos, se elles não podem apagar nos mares a esteira luminosa dos nossos galeões, e nas terras descobertas o fulgor deslumbrante da espada dos nossos guerreiros, e os vestigios inalienaveis das pegadas dos nossos exploradores?

De que valem os seus sophismas abjectos, se não podem supprimir na linguagem indigena as palavras portuguezas que lhe estão misturadas? Dominem muito embora, teem por si o direito da força bruta, mas deixem-nos a nós a gloria que nos pertence.

Somos pequenos, é verdade, mas sendo pequenos já fomos grandes, e tão grandes, que cingimos em estreito amplexo nos braços prometheanos o globo do oriente ao occidente, e collocamos balisas nas regiões boreaes e nas plagas do meio dia.

Somos pequenos, mas fizemos muito, em quanto muitos que são grandes, pouco ou nada fizeram.

Hoje, mesmo decahidos, enovelados n'um marasmo atrophizador seguimos constantes no movimento civilizador as nações mais avançadas, e n'este solo abençoado florescem com todo o viço as ideias de liberdade.

Podemos pois tranquillos memorar as glorias do passado, porque não ha forças possiveis que nos possam esbulhar d'ellas, e, acompanhando o movimento progressivo das sociedades no seu constante elaborar, diremos affoutamente:—se hoje cançados não produzimos gigantes, fomos já povo de heroes, e nas dobras altaneiras da nossa velha bandeira estão aglomerados os maiores heroismos de toda a idade media, todas as grandes descobertas que enriqueceram o mundo e augmentaram a civilização.

Lisboa.

MANOEL ANTONIO COELHO ZILHÃO.



MENDIGOS — Desenho de A. Marie, segundo uma photographia de M. Thomson

# PEKIN E O NORTE DA CHINA

POR

M. T. CHOUTZÉ

(Continuação da folha 33 — 3.º anno)

A O NORTE d'este pateo, encontra-se o fosso canalizado que, a partir d'aqui, faz o circuito de todo o palacio; n'este fosso está lançada uma serie de sete pontes, chamadas pontes da Onda d'Ouro. Cinco d'estas pontes fazem frente ás cinco entradas d'uma porta colossal, tendo superiormente um grande pavilhão de dois andares. Esta porta é a da *Tranquillidade Celeste*, *Tiengane-mène*; abre para um segundo pateo onde existe ao norte a porta do Principe, construida pelo mesmo modêlo da antecedente.

A este e a oeste do espaço comprehendido entre estas duas portas, estão dois immensos templos cercados por jardins. O do este é dedicado aos antepassados da dynastia reinante. É construido sobre alicerces de marmore. Templo e portas estão cobertos de telhas amarellas, postas sobre magnificas columnas de *Aquilea arbor*. A escada tem tres lanços.

O templo, verdadeiro palacio tambem, comprehendendo muitas salas. Uma contém os quadros, mostrando em letras d'ouro

o nome e os titulos posthumos dos imperadores e das imperatrizes defuntas até ao grau de bisavô; os outros quadros, a partir d'este grau, são postos á parte: uns e outros estão de face para o sul.

Duas alas ladeiam o edificio. A este sacrificase aos principes; a oeste, aos homens notaveis que bem mereceram da patria. Todas as salas, muito espaçosas, são ricamente pintadas e decoradas. Em frente da fachada estão grandes tripés de bronze onde se queimam perfumes.

À direita e á esquerda das salas estão outros pavilhões contendo vasos sagrados e todo o thesouro do templo; os mais pequenos d'estes pavilhões téem nove intercolumnios.

Dos dois lados da porta principal ha dois poços cobertos com porcelana esmaltada igual á de todas as partes do templo. Para além d'estes poços, cinco pontes de pedra muito trabalhada

dão acesso aos dois pavilhões: n'um d'elles são preparados os animaes que devem servir de victimas; no outro estão dispostos, um pouco em desordem, os instrumentos para os sacrificios. As oblações fazem-se ao nascer do dia; os principes e os altos funcionarios são convidados para estes actos. Terminado o sacrificio, os assistentes devem comer uma parte das offertas. Servem-se, por exemplo, caldeiras cheias de toucinho fervido, e ninguem se pôde recusar a comer, por pouco appetitoso que tal prato seja, a hora tão matinal. Desgraçado do que lhe fizer má cara; o imperador concluiria que esse individuo não tem a consciencia tranquilla,

mas cumprimenta e recompensa os que dão provas de terem bom estomago.

Quando na cõrte se dá um acontecimento feliz, por exemplo, um nascimento ou um casamento, o imperador encarrega um alto funcionario de o participar d'este templo ao ceu e á terra. É do alto do pavilhão, que está por cima da porta da *Tranquillidade Celeste*, que as grandes novas são annunciadas ao povo ausente. Por formalidade apenas, organisa-se uma delegação de todos os *estados* e os seus membros



MULHER TARTARA — Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia do doutor Morache

ouvem a noticia, de joelhos, no atrio. N'uma das aberturas do pavilhão é collocada uma phenix d'ouro com as azas abertas; do bico suspenso a fios de cinco côres cahe-lhe uma bandeja de prata simulando uma nuvem e tendo um rôlo onde está escripta a participação imperial. Um alto funcionario recebe de joelhos este dom celeste. Faz d'elle leitura á assembleia, que, a um signal dado, faz as genuflexões do estylo. A participação é em seguida levada para o ministerio dos ritos, onde fica fazendo parte do archivo.

O templo dos antepassados, de que acabo de fallar, não tem menos de novecentos e setenta e dois metros de desenvolvimento.

O outro templo, que no oeste lhe faz symetria, é ainda maior, pois que tem dois mil e seiscentos e oitenta e quatro pés de circumferencia. É consagrado á adoração dos espiritos terrestres e celestes Che e Tsi.

N'este templo ha um altar notavel feito com dois quadrados de marmore sobrepostos e tendo cada um cinco pés d'altura. O pavimento d'este altar é feito com terra batida de cinco côres, representando symbolicamente as diferentes partes do mundo. O muro que cerca o altar é revestido de tijolos envernizados, igualmente de cinco côres; o verde está para oeste, o branco para este, o negro para o norte, o vermelho para o sul e o amarello para o centro. Esta mistura de côres, ligada com os caprichos d'architectura chinesa, dá ao conjuncto dos pavilhões comprehendidos no recinto d'este templo um tom que a arte chinesa soube tornar harmonioso.

As portas, pateos e pavilhões que acabo de descrever, apenas occupam um terço do Paço e todavia não estamos ainda no Paço, propriamente dito; estamos apenas na porta do Principe.

Como todas as portas do recinto imperial, esta porta do Principe tem cinco aberturas e os nove pateos que se succedem por traz d'ella tem cada um em média as proporções do pateo do Louvre. São os pateos mais distantes do Paço habitado pelo soberano. Estes pateos, calçados de tijolos, tendo ao centro uma rua empedrada, pela qual unicamente passa o soberano, formam de sul a norte com os edificios que comprehendem o centro do Paço. Occupando a mesma área, a este e a oeste, estão outras linhas de pateos e de edificios, habitados pelas imperatrizes, pelas mulheres do imperador, pelas criadas e pelos eunucos.

Ao norte da linha central do Paço, está a

montanha chamada de Carvão, com os seus kiosques de todas as côres faiscantes ao sol.

A oeste, percorrendo todo este vasto recinto que se convencionou chamar cidade imperial, encontra-se um grande lago cortado por uma bella ponte de marmore e cujas margens cobertas de verdura têm muitos pavilhões de recreio, pagodes e grandes edificios dependentes do Paço.

Foi n'um d'estes, chamado Tzekoangko, pavilhão do *Esplendor Rubro*, que o imperador da China recebeu pela primeira vez o corpo diplomatico estrangeiro; é tambem n'elle que recebe os enviados dos seus tributarios.

Esta série de pateos, todos na mesma linha, este grande numero d'edificios, de pavilhões, de galerias, de columnatas brilhantemente pintadas, de degraus de marmore, todo este conjunto colorido e extravagantemente desenhado apresenta á vista um não sei que de magnifico, que surprehende e nos faz conhecer que na realidade é este o palacio do soberano d'um grande imperio.

Por detraz da porta do Principe, onde paramos, ha ainda dois grandes pateos. Um é comprehendido entre a porta do Principe e a porta do Sul. Estes dois pateos precedem os tres palacios officiaes onde o imperador tem a sua côrte.

A porta do Sul tem superiormente uma torre de dois andares e nove espiraes. Aos lados da torre, nas galerias abertas a oeste, um tambor e um sino dão signal da chegada do imperador, quando elle entra no palacio.

É na praça que se estende para além d'esta porta que são distribuidos os presentes feitos pelo imperador aos principes estrangeiros, aos seus enviados e tambem aos seus subditos.

Dirigindo-nos sempre para o norte, entramos n'um novo pateo e estamos deante da porta do palacio da Soberana Concordia. Este palacio é destinado para as solemnidades importantes e para os dias de gala. Os alicerces têm vinte pés, e todo o edificio conta cento e dez pés d'altura. Tem onze intercolumnios de comprimento e cinco de largo, com uma galeria com patamares nos angulos.

Deante da sala que dá para o terraço, ha um logar em que os officiaes civis e militares fazem a cerimonia das genuflexões. Para esta cerimonia collocaram uma especie de pedestaes de bronze, em que está gravada a indicação do degrau conveniente a cada cathegoria, desde o primeiro até ao nono. Foram traçadas linhas para cada ordem a este e a oeste da via imperial (ave-

nida central). O este é reservado para os officiaes civis, o oeste para os chefes militares; cada uma d'estas linhas designa logares para dez pessoas.

Foi alli que o imperador Kangshi, no seculo dezoito, recebeu as embaixadas do Occidente. Foi tambem alli que mais recentemente o imperador Tao-Koang mandou torturar á sua vista um principe musulmano que tentára subtrahir a Tsungaria ao dominio chinez. Este principe, esmagado pelo numero, pediu a paz: prometteram-lhe uma situação rasoavel na China, mandaram-no para o palacio e o imperador Tao-Koang deu-se ao prazer de lhe ver esmigalhar os ossos n'um cavallette. Mas, como ainda respirasse quando sahiu da tortura, foram-o acabar na praça das execuções da cidade chineza.

O imperador Kienlong, que no seculo dezoito conquistou aquella região, portou-se com mais humanidade. Tendo feito prisioneira a familia que reinava na Tsungaria, installou-a com uma numerosa comitiva n'um bairro expressamente edificado na avenida ao oeste do paço, e a pedido d'uma das princezas musulmanas, de que tinha feito a sua favorita, mandou-lhe construir uma magnifica mesquita, ainda hoje de pé, mas ha muito tempo abandonada.

N'uma columna de marmore está gravado, em chinez, em tartaro e em turco djagataï, um elogio da religião de Mahomet, feito por Kienlong.

Versiculos do Alcorão estão gravados nos arcos das portas e em face d'este edificio; no palacio e dominando a muralha que o cerca, ha um elegante e espaçoso kiosque d'onde a favorita podia assistir ás rezas ditas na mesquita chamada «mesquita dos musulmanos de bonnés vermelhos.»

Banquetes officiaes—Palacio da Concordia Média e da Concordia Protectora—Terraços e galerias—O throno imperial—Musica—O conselho do imperio—A Porta Florida—Os negociantes—O Tchouane sine tienc—A bibliotheca; os livros.

É no palacio da Soberana Concordia que o imperador dá banquetes officiaes, refeições em que o soberano e raros privilegiados podem tocar em alguns pratos. As mezas, um pouco afastadas da do imperador, são tambem cobertas d'iguarias, mas que, dizem, sem que o imperador o saiba, são unicamente fingidas. Seria perigoso que alguém se queixasse. Mesmo no palacio imperial, ninguem está livre de ser grosseiramente roubado pelos empregados chinezes.

Como em toda a parte, o primeiro roubado é o soberano: é a pena de Talião.

Continuando em seguida a nossa visita para o norte, passamos do palacio da Soberana Concordia para o da Concordia Média. É um edificio quadrado, tendo por cima da cornija um telhado redondo. A este e a oeste ha duas alas contiguas, servindo para guardar objectos de bronze. A este palacio vem algumas vezes o imperador inspecionar as pedras escriptas para os sacrificios, os trigos e instrumentos do culto preparados para a cerimonia da lavoira. É alli que tambem estão os quadros genealogicos da sua familia.

Do palacio da Concordia Média passa-se para o da Concordia Protectora; alli foi a 20 de janeiro de 1795 recebido Van Braam, embaixador da Companhia Hollandeza.

Vê-se primeiro deante de nós um pateo espaçoso calçado e cercado d'edificios. Os principaes estão n'uma elevação para a qual se sobe por uma escada de quarenta e cinco degraus de marmore branco. Esta altura de quarenta e cinco degraus é interrompida por um primeiro terraço com dez pés de largura; depois, uma segunda porção d'escada leva a um segundo terraço da mesma largura. Estes dois terraços formam galerias; uma balaustrada de marmore guarnece-as em toda a extensão; as pilastras dispostas com doze pés d'intervallo têm figuras de leões e de outros animaes. A vista é muito pittoresca.

Ao cimo da escada, ha uma superficie igualmente calçada, tendo ao sul uma escada e terraços de proporções iguaes aos que acabo de descrever. N'esta platafôrma, ha tres edificios: dois semelhantes situados a este e a oeste com fórma quadrilonga e de dois andares; o terceiro, no centro, é um pavilhão cujo telhado em ponta termina por uma bola dourada.

Este pavilhão corresponde ás escadas entre as quaes está edificado; e, segundo o gosto chinez, tem uma galeria exterior de cada lado sustentada por seis columnas. Os dois grandes edificios construidos entre as duas escadas têm no rez do chão grandes salões abertos, deante dos quaes ha galerias a que se chega por degraus postos em tres pontos diferentes. A extremidade das coberturas d'estas galerias é sustentada por dez fortes columnas. Todos estes edificios são construidos, ornados, dourados, envernizados e cobertos como aquelles de que precedentemente fallei.

No meio da sala central, está o throno impe-

rial, n'um estrado tendo d'altura seis pés. Chega-se até elle por tres pequenas escadas, collocadas uma ao centro e as duas outras aos lados. O estrado coberto com um tapete do Tibet, com fundo d'ouro e cercadura de prata, com desenhos no estylo persa, está cercado por uma balaustrada esculpida e dourada, assim como tambem o throno imperial e os corrimões de cada pequena escada, que dá accesso para o throno.

Por detraz do throno, ha uma cortina de seda amarella e aos lados da plata-fôrma estão dispostos vasos com flores naturaes. A estes suaves perfumes, o sandalo, queimado em riquissimos vasos esmaltados, junta a sua inebriante fragancia.

Fôra do salão, nas duas extremidades, estão dispostos os volumosos instrumentos da orchestra chamada do Terraço do Throno. Os musicos do paço são recrutados entre os eunucos que têm aptidões especiaes para esta arte. Dividem-se em duas orchestras: a do Terraço do Throno só toca no paço; a outra, chamada orchestra das Symphonias do imperador Choune, pôde deslocar-se para seguir o imperador quando as ceremonias o chamam fôra do paço.

As arias nacionaes que esta segunda orchestra toca foram compostas no reinado do imperador Choune, dois mil duzentos e vinte e sete annos antes de Christo. Estas symphonias, diz a tradição, tinham o dom de fazer descer do ceu as phenix divinas.

As duas orchestras tocam successivamente quando o imperador entra ou sahe da sala do throno e durante os festins.

Uma terceira orchestra Cheng-ping-chou, a da Paz Universal, está ao serviço das imperatrizes.

Um pouco mais longe, ao norte da sala de que acabo de fallar, avista-se a porta por onde o imperador entra no seu palacio particular;

pois que os edificios que até aqui tenho descripto quasi nunca são habitados pelo imperador. Já vimos que ligados uns aos outros constituem a cidade imperial; os seus nomes correspondem aos que damos ás diferentes partes dos nossos palacios, por exemplo: pavilhão de Flora, pavilhão de Marsan, etc.

Antes de caminhar mais para o norte e de penetrar na parte intima do paço, lancemos um rapido relancear d'olhos para os edificios que flanqueiam a este e a oeste a linha central dos tres palacios imperiaes, precedentemente descriptos.

A este, primeiro temos o pavilhão destinado ao grande conselho do imperio chamado Nei-ko. Este grande conselho compõe-se de quatro conselheiros e dois adjuntos. Os tartaros e os chinezes occupam n'este conselho logares em numero igual. O conselho privado, composto de seis membros, reúne-se todos os dias com o grande conselho, assim como os ministros das seis divisões administrativas do imperio: ritos, finanças, guerra, pessoal, justiça, trabalhos publicos. O principe Kong, presidente, representa os negocios externos.

Às quatro horas da manhã, tanto de verão como d'inverno, reúnem-se estes personagens no

Nei-ko e ahi põem em ordem os assumptos que têm de submeter ao imperador que deve assistir ao conselho: o que já fazia antes de ter attingido a maioridade. Então a imperatriz regente Tze-ngane e a imperatriz mãe Tze-shi estavam por detraz d'uma divisão feita de bambu, que lhes permittia vêr sem ser vistas e tomar parte na discussão dos negocios do Estado. Todos os altos personagens do conselho estão sentados sobre tapetes, descobertos, tendo o chapéu no chão deante d'elles.

Esta parte do palacio é tão animada como são tristes as que até aqui tenho descripto. As extensas avenidas empedradas que vão do pa-



DAMA TARTARA D'ALTA SOCIEDADE — Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia do doutor Morache

lacio do grande conselho á Porta Florida do Oriente estão cheias d'individuos, que caminham em todas as direcções, de correios que chegam e que partem.

A Porta Florida oriental é a porta mais frequentada do palacio. Tendo por cima um immenso edificio servindo de caserna, precede-a um pateo fechado por uma grade de pau pintada a vermelho. Logo ás tres horas da manhã, as visinhanças d'esta porta estão pejadas com as carrogens dos differentes conselheiros do imperio e dos officiaes do seu sequito. Todos estes personagens são obrigados a aprear-se defronte do palacio, salvo alguns que por graça especial obtiveram poder entrar no recinto do palacio a cavallo. Só estes tambem quando são muito velhos obtêm o favor de poderem ser transportados até ao palacio em pequenos vehiculos de modelo especial.

N'esta porta ha tambem um mercado. A criadagem dos funcionarios chinezes attrahe alli toda a especie de pequenos negociantes; por vezes poder-se-hia mesmo chamar-lhe feira; os pregões dos differentes artigos resôam alli desde madrugada. Aqui é um sapateiro ambulante que deita tombas em sapatos mais ou menos estropiados e concerta os arreios das carrogens dos altos funcionarios. Acolá está um negociante de goloseimas, tocando n'um pequeno tambor para chamar a attenção para os seus damascos sêccos, para as maçãs assadas, etc. Mais longe, vendedores de fructas empurram uma carreta, de roda central, carregada com pecegos deliciosos, com melancias vermelhas, ama-

rellas e brancas, que fazem crescer agua na bocca aos miseraveis. Aqui um grito agudo annuncia pequenos pães quentes a duas sapecas cada um. Alli um vendedor de brinquedos offerece carrogens, bonecas, borboletas de seda, frascos

de vidro finissimo, cujo fundo flexivel, depois de ter sido aspirado, dá um som metallico, voltando ao seu logar.

Tudo isto grita e move-se no meio do ruido das carrogens que chegam ou que partem, seguidas ou precedidas de cavalleiros envolvidos em espessa poeira. Este quadro ruidoso contrasta completamente com o socego que reina para além da porta do palacio. Os eunucos que estão de guarda parecem não ter senão uma ordem: permitir a entrada unicamente aos que a ella têm direito e fechar os olhos ao resto. Por isso vemos, não sem espanto, os officiaes subalternos e a criadagem sujar, em completa liberdade, com as maiores immundices o muro còr de rosa da muralha sagrada e os mendigos disputarem aos cães, os detritos encontrados na rua. Mas nem mesmo quando a miseria assim se encosta aos muros do seu palacio, o imperador chega a saber de existencias tão afflictivas.

Tornemos agora a entrar no palacio d'este so-

berano, cujos olhos jámais viram senão coisas risonhas, e continuemos no nosso passeio, emquanto o imperador e os grandes da China deliberam sobre as reformas a introduzir nas finanças do Estado.

Por detraz do edificio destinado ás sessões do conselho, está o *Pavilhão das flores litterarias*. Sobe-se para elle por nove degraus. É alli que



A AÇUCENA DOURADA — Gravura de M. Rapine, segundo uma pintura chinesa emprestada pelo doutor Morache

o imperador, uma vez por anno, na segunda lua, vae interpretar os livros-sagrados.

Por detraz d'este pavilhão, está o Tchouane sine tiène, onde se fazem sacrificios a Confucio e á memoria dos grandes sabios. Perto d'aqui ha um poço coberto chamado «Fonte de jaspe»: esta agua é tida como a melhor do palacio.

Encostada a Tchouane sine tiène está a bibliotheca imperial. Este edificio é composto de tres corpos com seis intercolumnios, sendo cada um coberto com telhas de côr verde escura. Infelizmente as magnificas edições de que a bibliotheca se compunha já hoje não existem. Téem sido roubadas ou trocadas por edições sem merecimento pelos eunucos ou pelos empregados de inferior cathogoria. Entre outras raridades havia n'essa bibliotheca um esplendido exemplar do *Sse-Khou-Tsuane-Chou*, livro completo das quatro bibliothecas imperiaes. Era uma immensa encyclopedia em que estavam compilados todos os thesouros litterarios das bibliothecas imperiaes. Esta obra comprehende setenta e oito mil setecentos e trinta e oito volumes. Começada em 1773 ficou por acabar. Devia ter cento e sessenta mil volumes. Ainda n'ella trabalhavam, mas tão pouco que

não faz progresso digno de menção. Á direita da bibliotheca, está uma especie de hippodromo com um grande kiosque; é aqui que o imperador se exercita em equitação e no tiro ao arco.

Emfim, junto do muro oriental estão a repartição dos historiographos do imperador e o edificio onde vivem os grandes senhores de serviço na côrte, cujo chefe é o irmão mais velho do

principe Kong. Fazem quartos de sentinella ao palacio de dia e de noite. Quando o imperador sahe, oito d'estes personagens seguem-o a cavallo, armados de lanças, tendo junto á ponta uma cauda de leopardo.

Além d'esta guarda, que é tradicional, ha uma outra que foi creada em 1813, depois da tentativa d'ataque que os sectarios d'*Açucena branca* fizeram ao palacio. Esta é composta de seis principes de sangue. Cada um d'elles está de guarda durante vinte e quatro horas n'um pavilhão situado no angulo nordeste do palacio, chamado Yué-che-Lèou.

Fazendo symetria com estes edificios, mas a oeste e á esquerda da linha central do palacio da Soberana Concordia, da Concordia Média e da Concordia Protectora, está o Vou-igne-tiène, onde se conservam as pranchas que servem para impressão dos livros, como os *clichés* nas impressas europeas. Umas são de cobre, outras de madeira. Em 1840 o imperador Tao-koang ordenou que se fundissem as pranchas de cobre para serem convertidas em moeda. As de madeira tinham sido roidas pelos ratos. Esta destruição esteve quasi a comprometter os encarregados da conservação d'estas preciosas pranchas;

felizmente o fogo veio a proposito e encobriu a negligencia dos conservadores. É por motivos analogos que de tempos a tempos o fogo consome o ministerio das finanças.

Por detraz da bibliotheca, são as officinas onde se gravam as pranchas.



COLLOCAÇÃO DO APPARELHO NOS PÉS — Gravura de M. Rapine, segundo uma pintura emprestada pelo doutor Morache

# UMA EXCURSÃO ARTISTICA POR ITALIA

POR VIRIATO SILVA

(Continuação da folha 31—3.º anno)

ENTRE mil outros objectos completam o museu o sabre de S. Mauricio, a espada do sultão Tipo-Saïb, um respeitavel escudo cinzelado pelo celebre Benevenuto Cellini, e a sèlla do imperador Carlos v, de velludo encarnado. A contemplação de tantos tropheus guerreiros, que assignalam um largo periodo da historia italiana, trouxeram á minha memoria as recordações d'aquellas épocas em que predominavam a ambição e o despotismo.

Do palacio real passei á capella contigua áquelle, chamada do Santo Sudario, que não é mais do que uma especie de côro da Cathedral, assim conhecida por encerrar um fragmento d'aquella reliquia do Redemptor, cuidadosamente guardada em uma preciosa urna de marmore, ornada de magnificas esculpturas.

A capella, debilmente illuminada por uma claraboia de vidro fôsko, encerra os sepulchros da dynastia de Saboia, de um estylo severo e grandioso.

Em uma das cidades de Hespanha, creio que em Valladolid, existe outro fragmento do Sudario, ao qual os hespanhoes consagram uma fervorosa veneração.

Respeito a authenticidade d'estas reliquias; seja-me, porém, licito manifestar a minha estranheza ante a crença cega de alguns fieis, por isso que o sagrado lençol não podia chegar para tantas divisões, nem a acção destruidora do tempo permittiria a sua conservação...

\*  
\* \*

Deixemos estas fanaticas apreciações, e contemplemos a arte, em toda a sua magnificencia.

Entremos na elegante galeria Subalpina, recentemente construida com os mais preciosos marmores do paiz, e onde se encontram instalados esplendidos cafés, pequenos bazares, nos quaes se vêem os productos da industria piemonteza. Esta galeria não pôde igualar-se á de Milão; excede, porém, muito as galerias afamadas *des Princes, des Panoramas, Jouffroy e Opera*, de Pariz.

Na extremidade opposta encontra-se o palacio da Academia das Sciencias. Ahi estão dignamente representadas a sciencia, a arte e até mesmo a natureza.

A sciencia, pelas maravilhosas collecções zoológicas, mineralógicas, e botánicas; a arte e a natureza, pelas telas de pinturas a oleo e pelas collecções de antiguidades egypcias, assyrias, gregas e romanas. Ahi admira-se o genio de Van-Dick, Rubens, David Teniers, e Raphael, pela copia da Madona de Tenda; Holbein, pelo retrato fiel de Erasmo; Velasquez, pelo não menos exacto do seu illustre protector Fillipe iv, de Hespanha; Ruysdael, por uma serie de bellissimas paysagens que lhe deram a gloria e o renome; as não menos brilhantes paysagens de Claudio de Lorena; as scenas populares de Gerardo Daw, e Teniers, o joven, verdadeiros estudos dos costumes flamengos. Todos estes quadros de escolas, assumptos e composições diversas, apresentam um conjuncto admiravel, que bem pôde ser mencionado como um dos museus mais notaveis.

Durante os subseqüentes dias da minha estada em Turim, visitei o resto de seus monumentos, não esquecendo as notaveis margens do Pò e seus pittorescos arrabaldes.

Uma manhã demandei a margem direita do Pò, pela magnifica ponte que tem o mesmo nome do rio, e subi pela quebrada da montanha ao comoro dos Capuchinhos. No planalto, em frente á egreja do ex-mosteiro, onde existe um observatorio de grande alcance, para uso quasi exclusivo dos *touristes*, disfructa-se um dos panoramas mais encantadores que a imaginação pôde conceber. Além, ao fundo, na margem esquerda do Pò, vê-se Turim em toda a magestade da sua grandezza <sup>1</sup>, rodeada pelo rio que a corta pelo centro e pelo affluente Eldoora, correndo ambos por uma extensa planura; ao longe, a cordilheira dos Alpes, com os cimos nevados dos montes Rosa,

<sup>1</sup> Turim contava, no tempo da minha visita, 192:443 habitantes. Segundo o ultimo recenseamento de 1881, incluído no *Almanach de Gotha* de 1883, conta 226:307 habitantes, comprehendendo a *communa* 252:832 habitantes.

Grande, Paraiso, Levana e Viso, que brilham, scintillantes, á vista do espectador, deslumbrado com os raios coruscantes do sol; e o ameno valle de Suza, dominado pela Rocha Melom e pelos montes Viso e Cenis. Aos nossos pès corre impetuoso e revolto o Pò, por entre duas barreiras alcantiladas que o aprisionam, e cujas aguas tèm sido testemunhas de sangrentos combates. O mesmo monte dos Capuchinhos, d'onde contemplamos o vastissimo horisonte, foi theatro de multiplices contendias guerreiras durante a conquista de Italia pelo general Bonaparte, convertendo-se então o sanctuario da paz e da caridade em theatro de destruição e de morte.

Não muito longe d'ahi fica o monte da Superga, em cujos serros os duques de Saboia edificaram o templo hoje destinado ao pantheon da familia reinante. O isolamento em que se encontra convida á meditação e ao recolhimento. Parece que Victor Amadeu, querendo descançar das batalhas escolheu este logar para o repouso eterno, sem que os gritos dos vencedores ou dos vencidos lhe perturbassem o somno n'aquelle marmoreo sepulchro.

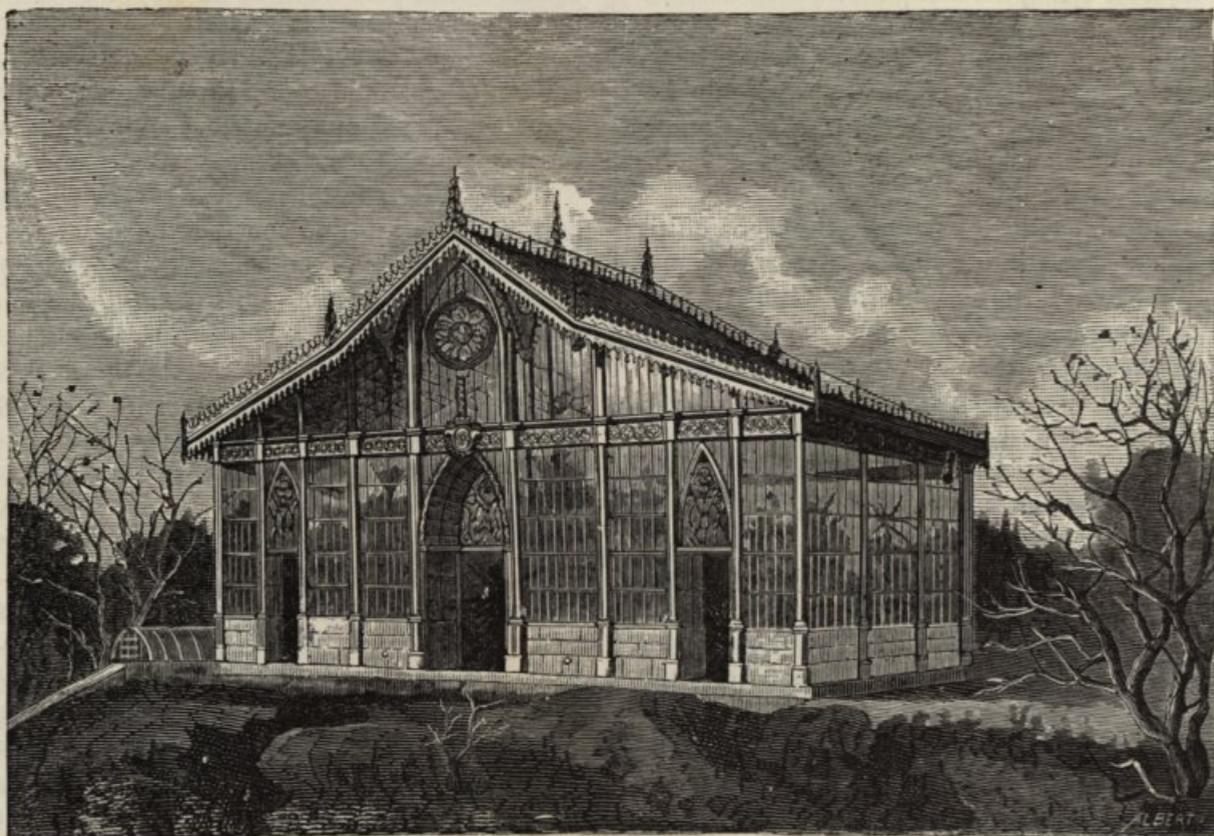
Turim não tem sido ingrata para com os seus filhos mais illustres, pois que as suas praças principaes estão adornadas com indeleveis monumentos de bronze e de granito, demonstrando assim que as gerações não são ingratas para com as suas antecessoras.

Assim vemos na praça de S. Carlos a estatua equestre de Manoel Filisberto, duque de Saboia, appellidado *Testa di Ferro*, artisticamente modelada por Marrocheti. O monumento representa o vencedor de S. Quintino no acto mais glorioso da sua vida, embainhando a espada, depois de conquistar a paz. Na de Carlos Manuel, levanta-se o monumento consagrado a Cavour, o ardente defensor da unidade italiana, — o grande propagandista da *Egrejá Livre dentro do Estado livre*, — rodeado de allegorias que attestam as suas mais eminentes virtudes: — o Direito, o Dever, a Politica e a Independencia, recebendo da Italia agradecida a corôa civica com que a patria recompensa os serviços assignalados de um de seus filhos mais illustres. Na praça Carignano, está a de Gioberti Tommo, — *philosofo fortissimo, propugnatore del primato e d'ell'independenza de Italia*. — Na de Carlos Félix, a do patriota Massimo de Arseglio. A do illustre ministro de Paleocapa ergue-se na praça do seu nome. Na de Lagrange, a de Luiz Lagrange, o grande mathematico. Na de Saboia, o obelisco que comemora

o liberal decreto que acabou com a jurisdicção ecclesiastica, proposto por Siccard, e, finalmente, na de Carlos Alberto, a estatua d'este desventurado monarcha, que, apesar de ser qualificado por alguns seus compatriotas de *re tenna* (rei louco), soube por seus feitos altamente liberaes despertar a ideia da emancipação italiana, e foi, quando menos, um dos cidadãos que mais revelou o seu valor militar e civico.

Não sahi de Turim sem primeiramente consagrar as noites a visitar os theatros e outros centros publicos de recreio. Assisti em uma d'ellas, no bello theatro Regio, o melhor da cidade, a uma opera do reportorio italiano; outra, no Carignano á representação do *Hernani* por uma companhia de cantores de segunda ordem. Os preços dos lugares n'este theatro são summamente economicos: assim, por tres liras em papel (400 réis approximadamente), pôde-se occupar o melhor lugar de plateia, isto é, uma *sedia privata*, ou cadeira.

Os cafés são tambem um dos grandes attractivos de Turim, onde por uma insignificante quantia se passam alegremente algumas horas da noite, ouvindo musica italiana ou franceza. O principal, denominado da Bolsa, era situado muito proximo do hotel em que me achava hospedado; o Trombetta, via de Roma, ricamente mobilado com moveis estofados de velludo encarnado, adornado de esplendidos espelhos de Veneza e completamente alcatifado. Ahi, a pretexto de tomar-se um *bichierino*, mistura de leite, chocolate e café, cujo custo é infimo, reune-se uma multidão compacta de naturaes do paiz e estrangeiros, que vão recrear o ouvido com as partituras das operetas mais em voga, não dispendendo a maior parte das vezes mais do que 40 réis, preço d'aquella bebida detestavel. Além do café cantante da Bolsa, a cidade conta muitos outros, todos muito frequentados depois da sahida dos theatros, sendo notavel entre todos pelo seu luxo e elegancia o *Café Restaurant de Paris*, onde em uns pequenos e reconditos gabinetes reservados, longe das vistas indiscretas dos frequentadores mais assiduos, se reúnem os grupos da *jeuneste dorée*, de companhia com as celebridades theatraes femininas do dia, para consumirem, em ruidosas orgias, grandes massos de bilhetes do banco da Toscana ou Romana, sordidamente amontoados centimo a centimo por seus paes.



ESTUFA DO EX.<sup>mo</sup> SR. CONDE DA SILVA MONTEIRO, no sitio da Lavandeira, em Villa Nova de Gaya, construida na fabrica da fundição do Ouro, no Porto

## ESTUFA NOTAVEL

Sabe-se geralmente que o sr. conde da Silva Monteiro possui uma quinta formosissima no sitio da Lavandeira, em Villa Nova de Gaya, na qual tem introduzido successivos melhoramentos, reunindo alli uma formosa e admiravel collecção de plantas.

Agora acaba de adquirir para aquella bella propriedade uma notavel estufa, de que o nosso presado collega do *Journal de Horticultura Pratica*, o sr. Duarte d'Oliveira, Junior, faz a seguinte curiosa descripção:

*Commercio do Porto*, 8 de agosto de 1883.

**N**ós, os portuguezes, temos sempre uma opinião antecipada contra tudo quanto é nacional, e por isso, entendemos que, para se obter uma boa obra, é necessario mandal-a fazer no estrangeiro.

Ha alguns annos que, effectivamente, assim succedia, porque, tanto as artes, como as industrias achavam-se entre nós quasi que no seu estado rudimentar.

Hoje, felizmente, que os governos as têm

protegido um pouco, <sup>1</sup> vêmol-as desenvolverem-se e começar a florescer. É provavel, que dentro de um praso, que não vem longe, estejamos completamente emancipados dos estrangeiros.

A estufa do sr. conde da Silva Monteiro é um documento eloquente do progresso que a arte e a industria têm feito em Portugal, porque, n'essa edificação, nova no seu genero entre nós,

<sup>1</sup> Não podemos de fórma alguma concordar com a opinião do ex.<sup>mo</sup> sr. Oliveira Junior n'este ponto. Nada se tem visto que o governo tenha feito a favor da industria nacional. A industria e a agricultura, principaes fontes da receita e riqueza de qualquer paiz, são infelizmente esquecidas por todos aquelles que têm gerido, e sem distincção de partidos, os negocios d'esta mal fadada nação, que se chama Portugal. Que vantagens não daria a industria no nosso paiz, que é na generalidade operario, se houvesse algum governo que olhasse para isso com mais dedicação?! Não temos nós, por ventura, artistas de reconhecido merecimento, capazes d'hombrar com os estrangeiros? Em obras d'arte, se recorreremos

encontramos uma e outra levadas a um grau de perfeição, que pôde fazer a inveja de engenheiros distinctos.

A quinta do sr. conde da Silva Monteiro, situada sobre uma vasta planície na margem esquerda do Douro e a cerca de 4 kilometros do Porto, é uma das propriedades mais notáveis dos suburbios da cidade.

Possue pomares importantes, terrenos cultivados a cereaes, jardins espaçosos cortados por lagos e regatos, bosques sombrios e tudo quanto pôde tornar uma quinta aprazível para se passar uma temporada no campo, muito agradavelmente, no convívio de parentes e amigos.

Faltava-lhe uma coisa—uma estufa.

Hoje, que a horticultura tem tomado não pouco desenvolvimento, e que, á força de se fallar—e é preciso fallar muito—vão apparecendo amadores verdadeiros, as estufas, que antigamente não passavam d'uma obra de luxo, são actualmente indispensaveis. Não que as plantas, que nossos paes cultivavam, eram muito differentes d'aquellas que possuímos agora, d'aquellas que, á custa de muitos sacrificios e em troca de muitas vidas temos presentemente ao nosso lado.

O sr. conde da Silva Monteiro, cavalheiro

ao que têm feito os nossos artistas, são ellas aos olhos das outras nações uma gloria para Portugal.

Não se venha dizer que os governos «*as tem protegido*». Triste é ter de confessar-se isto: nenhum governo tem feito coisa alguma para desenvolver as artes e a industria nacionaes. Se o industrial, o artista, se voltam então para os estabelecimentos bancarios, unicos, que depois do governo deviam protegê-los, nada conseguem. E não é porque os bancos não tenham todos na sua formação o promettimento do auxilio á industria e á agricultura. Ha até estabelecimentos bancarios a que o titulo INDUSTRIAL serve de base; isso, porém, é letra morta nos estatutos, etc. O industrial, que recorra a um estabelecimento bancario vê a maior parte das vezes humilhado o seu nome por aquelles, que se deviam curvar diante d'elle, diante do homem activo e trabalhador, do homem que inventa e produz, do homem finalmente, que faz honra á terra que lhe deu o ser, e que sendo hoje obreiro do trabalho, concorre para a gloria do seu paiz.

Se alguma coisa tem progredido a industria nacional, deve-se, não aos governos, não á maioria dos estabelecimentos bancarios, e dizemos, não á maioria, porque ha ainda alguns, que desprezando o pequeno industrial, não deixam comtudo de prestar algum serviço aos grandes.

Se ha progresso na industria, deve-se ao arrojo e esforço d'um punhado d'homens activos e laboriosos, entre os quaes não podemos esquecer aquelles, que nos fazem escrever estas linhas, os srs. Cruz & Filhos, que têm luctado atravez de todos os obstaculos, de todos os sacrificios para elevarem a arte e a industria nacional.

Deve-se ainda a meia duzia de verdadeiros patriotas, de

respeitabilissimo e o que se pôde chamar, em linguagem chã, mas muito expressiva, um grande patriota, resolveu confiar esta obra a industriaes portuguezes, e teve a felicidade de acertar, escolhendo a Fundição do Ouro, a mais moderna de todas, mas a que mais tem conseguido acreditar-se no paiz.

Foi uma escolha acertada, pois a obra nada deixa a desejar. Como construcção de luxo, é das melhores que conhecemos, e, de resto, a gravura dá uma ideia completa do trabalho.

Não se procurou, como se vê, fazer uma edificação vulgar, uma estufa como todas as outras. Recorreu-se á arte, pensou-se muito na parte ornamental, e é este o seu maior merito.

Conhecemos as principaes estufas e jardins d'inverno da Europa, em geral umas contrucções simples e pouco ou nada architectonicas, e, que portanto, differem muito d'esta.

Aqui, o desenhador pegou no lapis e foi descrevendo traços sobre o papel, á medida que a phantasia divagava pelos dominios da arte dos seculos passados. Não se pôde dizer que seguisse rigorosamente este ou aquelle estylo, mas o conjuncto é agradável á vista.

A porta do centro é ampla (3<sup>m</sup>,30) de largo,

verdadeiros protectores dos artistas nacionaes, e n'este numero não podemos esquecer os nomes de S. M. El-rei o sr. D. Fernando, que tanto auxilio tem prestado aos artistas portuguezes, e o dos nobres e mui dignos cavalheiros os ex.<sup>mos</sup> srs. Carlos Relvas e conde da Silva Monteiro, e ainda outros que nos não occorre. Estes sim, estes é que são os verdadeiros protectores da industria nacional. E senão vejam: Carlos Relvas fez produzir por artistas nacionaes, o seu atelier photographico, essa lindissima obra d'arte, que se encontra na Gollegã. É trabalho tambem dos srs. Cruz & Filhos, e a belleza de sua execução encontra-se reproduzida em gravura no 1.<sup>o</sup> vol. d'esta publicação. O conde da Silva Monteiro, outro benemerito portuguez e da industria nacional, fez produzir a lindissima estufa de que hoje damos copia n'esta publicação. Uma e outra não envergonham a industria e arte nacionaes. As duas obras de que acabamos de fallar não se fariam melhor no estrangeiro.

O grande defeito, o grande mal da industria nacional, é, que nem todos são patriotas, nem todos estimam o seu paiz, e aos seus olhos o artista portuguez não pôde competir com o estrangeiro, o que elle produz não é bom, etc., etc.

Não o comprehenderam assim aquelles distinctos cavalheiros, que primeiro que tudo, viram que eram portuguezes, e confiaram as suas encomendas aos nossos artistas.

Façam todos o mesmo, protejam os nossos artistas, dêem-lhes auxilio, forneçam-lhe ferramentas, etc., etc., e depois digam que Portugal não tem artistas de merecimento e capazes d'hombrear com os estrangeiros!

A. SOUZA PINTO.

elegante, bem proporcionada, e as lateraes condizem com o resto do edificio. Os rendilhados da cobertura são todos de ferro e d'uma leveza tão extraordinaria, que mais parecem recortes feitos em papel transparente.

O corpo principal é sustentado por quatro arcos, nos quaes se observa o mesmo estylo da parte exterior, que recorda muito o gothico.

N'esta edificação é tudo harmonioso e bem proporcionado. Tem 24 metros de frente, 12 de altura no centro e 12 de fundo. Quando estiver povoada de plantas, deve produzir um effeito surprehendente.

D'aqui se vê que esta estufa é uma das maiores que existem em Portugal e a primeira entre todas quantas possuem os amadores portuguezes.

Na parte exterior da estufa ha uma escada que dá accesso a todos os pontos, o que é importante, porque facilita muito qualquer reparo que se torne necessario fazer.

Segundo nos informaram os constructores, a organização dos moldes em madeira, chumbo, e zinco, levou 883 dias a um entalhador, e a fabricação das suas diferentes peças de ferro batido e fundido 2:372 dias a um serralheiro.

O peso total do ferro empregado na sua construcção é de 38:285 kilos.

Nós, que não costumamos malbaratar encomios, temos muito gosto em poder tecel-os hoje, no *Jornal de Horticultura Pratica*, á Fundição do Ouro, da qual são directores os srs. Luiz Ferreira de Sousa Cruz & Filhos. Este trabalho não lhes daria grande proveito, mas dá-lhes honra, e muita honra.

A estufa ficou prompta por 10:000.000 réis.

Congratulamo-nos por vêr a nossa industria tão adiantada, e comnosco se congratularão, decerto, todos quantos desejem a prosperidade do paiz; e estamos convencidos que a Fundição do Ouro receberá, em breve, encommendas para outros trabalhos d'este genero.

Aquelles que a preferirem, não se arrependarão.

DUARTE DE OLIVEIRA, JUNIOR.

Nós accrescentamos a esta noticia o seguinte: Os honrados e distinctos industriaes os srs. Luiz Ferreira de Sousa Cruz & Filhos, além dos esforços que têm feito para desenvolver a sua industria, uma das primeiras, mandaram ultimamente para Inglaterra um dos socios da casa, o sr. Luiz Maria de Sousa Cruz, para estudar n'uma importante casa de Glasgow, todos os progressos da sua industria.

## COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

SEGUNDA PARTE

### A FAMILIA COILLARD

(Continuação da folha 35 — 3.º anno)

**P**OR curiosidade peguei n'um d'aquelles canicos, e provei. A minha admiração foi extraordinaria, ao encontrar n'aquella graminea o mesmo gosto da cana de assucar.

Percebi então porque pastavam os rapazes. Era pura goloseima.

Fiz com que viessem ao wagon e puz-me a caminho.

N'aquella planicie appareciam muitas aranhas parecidas com a tarantula, cuja mordedura (me fizeram comprehender os rapazes) é mortal. Isto creio que deve carecer de demonstração porque em Africa se diz o mesmo dos escorpiões, e eu affirmo não ser verdade.

Depois de cinco horas de boa jornada parei, e logo que tratei dos meus doentes, que conti-

nuavam mal, fui caçar, afim de arranjar de comer para elles e para mim,

Só voltei ao wagon ás 6 horas, trazendo atravessado no arção um soberbo antilope. Parte do caminho notei que o meu cavallo, sempre fiel, vinha inquieto, e fazendo curvetas que não eram de uso.

Ao chegar ao campo pude explicar a razão do caso. O antilope (*Cervicapra bohor*) com o pescoço pendido, veio, com um dos agudos cornos, fazendo uma larga ferida ao meu pobre Fly. Depois de medicar os enfermos e a mim, e de comer alguma cousa, ainda joradeei n'essa noite por duas horas.

A 3 de fevereiro parti ás 4 da manhã, e parei ás 9.

Logo que acampeei, avistei dois wagons de Boers que caminhavam para mim. Tive esperanças de obter d'elles alguns viveres, porque só tinha para comer os restos do antilope da vespera.

Baldada foi a minha esperança. Eram duas familias de emigrantes que caminhavam, só escudados na caça, e com quem tive de repartir a pouca carne que já tinha.

Disse-me um, que fallava inglez, que eu ia entrar em paiz sem caça, mas que, se forçasse as marchas, poderia, seguindo o trilho dos wagons d'elles, alcançar n'essa noite a missão do Piland's Berg.

O paiz continúa sendo uma planicie enorme, da qual se erguem aqui e além ex-abrupto algumas serras.

Assim era o Piland's Berg, que eu marcava ao sul.

Resolvi pois forçar as marchas, para alcançar a missão de que me fallaram os Boers; mas, quando dei ordem á partida, appareceu-me Low consternado, dizendo muita cousa que eu não entendia, mas fazendo comprehender que seu irmão Christophe faltava. A mim é que me não faltava mais nada, senão aturar o endiabrado rapaz.

Montei a cavallo, e larguei-me por mattos e charnecas a procurar meninos perdidos. Chamei, dei tiros, corri em todas as direcções, descrevendo circulos em torno do wagon, mas nenhum resultado tirei d'isso; e depois de seis horas de buscas inuteis, voltei ao carro, extenuado de fadiga, e tendo debalde cançado o meu pobre cavallo.

N'esse dia já se não jantou, por não haver que comer.

Low chorava e arrepellava os cabellos, dizendo muita coisa em hollandez, e se ás vezes imaginava que eu queria partir d'alli, vinha deitar-se de joelhos aos meus pés, pronunciando o nome do irmão.

Eu estava verdadeiramente perplexo, e ora me enfurecia contra os Boers, ora tinha por o estado de Low a maior compaixão.

Os meus doentes não melhoravam, mas medicamentos e dieta não lhes faltava.

Resolvi passar alli a noite, e confesso que não deixava de entrar em furor, ao lembrar-me do tempo precioso que perdia em circumstancias tão graves como aquellas em que estavamos.

Ás 9 da noite senti grande alarido, e percebi que o Christophe tinha chegado.

Não me entendendo com elles, só dias depois, por um interprete, pude ter a explicação do facto.

Christophe, logo que o wagon parou n'aquella manhã, foi para o matto apanhar passaros com visco. Entretêve-se por lá até que eu o fui procurar.

Vendo-me gritar por elle e dar tiros, teve medo de que eu lhe batesse ou o matasse; escondeu-se no matagal o melhor que pôde, e lá se deixou ficar todo o dia.

Veio a noite, e o medo dos bichos foi superior ao medo de mim, e o pequeno voltou ao wagon. Não me faltava, na minha viagem, senão aturar uma creança.

Ás 4 horas da manhã segui viagem, e parei ás 8, porque o nosso estado não nos permittia grandes esforços.

A leste de mim, corria N. N. O. um systema de montanhas que marginam o Limpôpo.

Descancei até ás 11 horas; seguindo a essa hora, alcancei *Soul's Port*, a missão do *Piland's Berg*, ás 4 da tarde.

Estabeleci-me em umas ruinas, a duzentos metros da casa do missionario, a quem mandei um bilhete de visita.

Pouco tempo depois, entrava nas ruinas uma dama acompanhada de um criado, que trazia uma grande bandeja de pecegos e figos. Era Madame Gonin, a esposa do missionario. Seu marido estava ausente, e só chegaria no dia immediato.

Ao passo que escutava Madame Gonin, comia pecegos e figos com fome de trinta e duas horas! Dei-lhe escusa do que fazia, dizendo-lhe que tinha fome.

A dama retirou-se, e algum tempo depois enviava-me uma optima ceia.